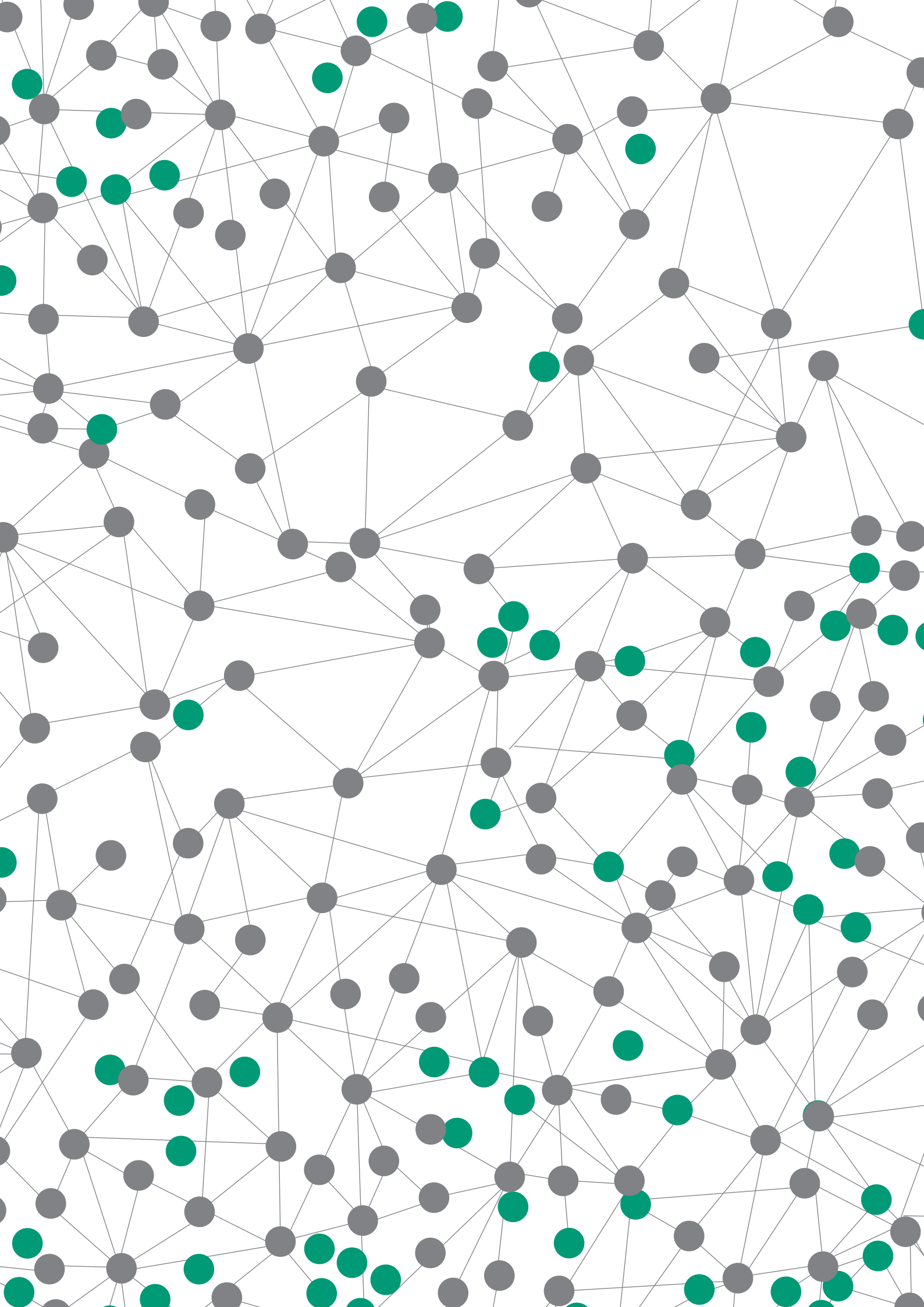


CENSO POPULACIONAL DA MARÉ



redes^{da}maré



CENSO POPULACIONAL DA MARÉ

rede^{da}smaré





ÍNDICE

	CENSO POPULACIONAL DA MARÉ	6
	O SENTIDO DE FAZER UM CENSO NA MARÉ	8
	Representatividade das informações levantadas por métodos amostrais	10
	Possíveis dificuldades na cobertura censitária em favelas e espaços assemelhados	11
	O PONTO DE PARTIDA E O PERCURSO DO CENSO MARÉ	12
	SOBRE O TERRITÓRIO DA MARÉ	14
	A POPULAÇÃO DAS FAVELAS NO CONTEXTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	16
	O TAMANHO DA POPULAÇÃO DA MARÉ	18
	OS DADOS COLETADOS	21
01	População e sua distribuição	22
02	Presença das mulheres	24
03	Perfil étnico-racial	26
04	Presença de crianças e jovens	28
05	Naturalidade e tempo de moradia: a presença nordestina na Maré	32
06	Presença das religiões	41
07	Situação conjugal	44
08	Maternidade e paternidade	48
09	Propriedade, situação fundiária e condição de uso dos domicílios	50
10	Mulheres e jovens como responsáveis nos domicílios	57
11	Questões ambientais	61
12	Perfil escolar	67
13	Saúde da Família cobertura do programa	86
14	Planos de saúde privados adesão	87
15	Pessoas com deficiência	90
16	Óbitos nas famílias	93
17	Comunicação e Tecnologia	95
18	Torcedores de futebol	99

ÍNDICE

QUADROS E TABELAS

QUADRO 1	Configuração territorial da Maré: modos de ocupação	14	TABELA 21	Pessoas residentes na Maré nascidas no Estado do Rio de Janeiro, por município de nascimento	40
QUADRO 2	População residente em favelas por Área de Planejamento – Município do Rio de Janeiro (2010)	17	TABELA 22	Pessoas com 15 anos ou mais e residentes na Maré segundo a religião, por território	42
QUADRO 3	População residente nos dez bairros mais populosos e mais cinco grandes conjuntos de favelas reconhecidos como bairros na cidade do Rio de Janeiro (2010)	18	TABELA 23	Percentual de pessoas com 15 anos ou mais e residentes na Maré segundo a religião, por território	43
QUADRO 4	População residente nos municípios mais populosos do Estado do Rio de Janeiro (2010)	19	TABELA 24	Pessoas com 10 anos ou mais e residentes na Maré segundo a situação conjugal, por faixa etária	45
TABELA 1	Domicílios, moradores e média de moradores por domicílio, por território	23	TABELA 25	Pessoas com 10 anos ou mais e residentes na Maré segundo a situação conjugal, por sexo	46
TABELA 2	Pessoas residentes na Maré segundo o sexo, por território	24	TABELA 26	Pessoas com 10 anos ou mais e residentes na Maré segundo a situação conjugal, por território	47
TABELA 3	Pessoas residentes na Maré segundo o sexo, por faixa etária	25	TABELA 27	Pessoas com 10 anos ou mais e residentes na Maré, que tiveram ou não filhos e o sexo das que tiveram, por faixa etária	48
TABELA 4	Pessoas residentes na Maré segundo a cor ou raça, por território	27	TABELA 28	Pessoas com 10 anos ou mais e residentes na Maré, que tiveram ou não filhos e o sexo das que tiveram, por território	49
TABELA 5	Percentual de pessoas residentes na Maré segundo a cor ou raça, por faixa etária	27	TABELA 29	Domicílios segundo a condição da propriedade, por território	51
TABELA 6	Percentual de pessoas residentes na Maré segundo a cor ou raça, por sexo	27	TABELA 30	Domicílios próprios segundo a condição da propriedade, por território	52
TABELA 7	Pessoas residentes na Maré por faixa etária	28	TABELA 31	Domicílios não próprios segundo a condição de usufruto, por território	53
TABELA 8	Percentual de pessoas residentes na Maré segundo a faixa etária, por território	29	TABELA 32	Domicílios cedidos segundo o tipo de cedente, por território	53
TABELA 9	Razão de Dependência Total (RDT), de Jovens (RDJ) e de Idosos (RDI), na Maré e por território	30	TABELA 33	Domicílios próprios segundo a posse de documento, por território	54
TABELA 10	Estrangeiros residentes na Maré por território	32	TABELA 34	Domicílios próprios com posse de documento segundo o tipo de documento, por território	55
TABELA 11	Estrangeiros residentes na Maré segundo o sexo, por país de nascimento	32	TABELA 35	Domicílios segundo a condição de uso, por território	56
TABELA 12	Estrangeiros residentes na Maré segundo a comunidade, por país de nascimento	33	TABELA 36	Percentual de pessoas em relação à responsabilidade do domicílio, segundo a faixa etária	58
TABELA 13	Pessoas residentes na Maré segundo a residência ou não na Maré desde o nascimento, por território	34	TABELA 37	Percentual de pessoas segundo o compartilhamento ou não da responsabilidade pelo domicílio, por sexo	60
TABELA 14	Pessoas residentes na Maré segundo a faixa etária, por tempo de moradia na Maré	35	TABELA 38	Percentual de pessoas, total e por sexo, que são responsáveis ou não pelo domicílio	60
TABELA 15	Pessoas residentes na Maré segundo o local de nascimento	35	TABELA 39	Domicílios segundo o cultivo de plantas, por território	61
TABELA 16	Pessoas residentes na Maré e pessoas nascidas no Brasil, exceto no município do Rio de Janeiro (e sem resposta), segundo a região geográfica de nascimento, por território	36	TABELA 40	Domicílios em que há cultivo de plantas segundo a motivação para o cultivo, por território	62
TABELA 17	Pessoas residentes na Maré nascidas no Brasil, por Unidade da Federação de nascimento	37	TABELA 41	Domicílios segundo a existência de água canalizada, por território	63
TABELA 18	Pessoas residentes na Maré nascidas na Região Nordeste segundo o Estado de nascimento, por território	38	TABELA 42	Domicílios segundo a existência ou uso de filtro ou água mineral e geladeira, por território	64
TABELA 19	Pessoas residentes na Maré nascidas no Estado da Paraíba, por município de nascimento	39	TABELA 43	Domicílios segundo o destino do lixo, por território	65
TABELA 20	Pessoas residentes na Maré nascidas no Estado do Ceará, por município de nascimento	39			

TABELA 44	Domicílios que utilizam o serviço de coleta de lixo segundo a suficiência do serviço, por território	65	TABELA 68	Pessoas que cursaram ou cursam o último ano do Ensino Médio, segundo o ingresso em curso preparatório para vestibular/ENEM (CPV), por cor da pele ou raça	85
TABELA 45	Domicílios que não utilizam o serviço de coleta de lixo segundo o destino do lixo, por território	66	TABELA 69	Pessoas que cursaram ou cursam o último ano do Ensino Médio, segundo o ingresso em curso preparatório para vestibular/ENEM (CPV), por faixa etária	85
TABELA 46	Pessoas com 15 anos ou mais, alfabetizadas ou não, por sexo	68	TABELA 70	Pessoas que cursaram ou cursam o último ano do Ensino Médio, segundo o ingresso em curso preparatório para vestibular/ENEM (CPV), por situação em relação ao estudo	85
TABELA 47	Pessoas com 15 anos ou mais, alfabetizadas ou não, por faixa etária	68	TABELA 71	Domicílios segundo a recepção de visitas do Programa Clínica da Família, por território	86
TABELA 48	Taxa de alfabetização e de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais, segundo o sexo, por faixa etária	69	TABELA 72	Pessoas que possuem plano de saúde privado, por território	88
TABELA 49	Pessoas com 6 anos ou mais, alfabetizadas ou não, por faixa etária	70	TABELA 73	Pessoas que possuem plano de saúde privado, por sexo	88
TABELA 50	Pessoas com 15 anos ou mais, alfabetizadas ou não, por cor da pele ou raça	70	TABELA 74	Pessoas que possuem plano de saúde privado, por faixa etária	89
TABELA 51	Pessoas com 15 anos ou mais, alfabetizadas ou não, por território	71	TABELA 75	Domicílios em que há morador(es) com transtorno psíquico, déficit cognitivo ou deficiência física, por território	91
TABELA 52	Pessoas por nível de escolaridade completo	71	TABELA 76	Domicílios em que há morador(es) com transtorno psíquico, déficit cognitivo ou deficiência física segundo o tipo de deficiência, por território	92
TABELA 53	Pessoas, segundo a frequência à escola, por etapa escolar alcançada, completa ou incompleta	72	TABELA 77	Domicílios com óbito de morador coabitante, por território	94
TABELA 54	Pessoas por faixa etária, segundo a escolaridade alcançada	74	TABELA 78	Domicílios com óbito de morador coabitante segundo o grupo da causa do óbito, por território	94
TABELA 55	Pessoas por faixa etária, segundo a frequência à escola	76	TABELA 79	Domicílios segundo a existência ou uso de telefone residencial, computador e acesso à internet, por território	96
TABELA 56	Pessoas segundo a frequência à escola, por território	77	TABELA 80	Domicílios com morador que tenha o hábito de leitura do Jornal Maré de Notícias segundo o seu recebimento domiciliar	97
TABELA 57	Percentual de pessoas, segundo as faixas etárias, que frequentam a escola, na Maré e por território	78	TABELA 81	Domicílios segundo o recebimento domiciliar do Jornal Maré de Notícias e a existência de morador que tenha o hábito de leitura do Jornal, por território	98
TABELA 58	Pessoas que frequentam a escola, por etapa escolar e dependência administrativa	79	TABELA 82	Pessoas com 10 anos ou mais que torcem ou não para algum time de futebol, por território	99
TABELA 59	Percentual de pessoas que frequentam a escola, por faixa etária e dependência administrativa	79	TABELA 83	Pessoas de 10 anos ou mais que torcem ou não para algum time de futebol, por sexo e faixa etária	100
TABELA 60	Pessoas que frequentam a escola, por dependência administrativa e localização da escola	80	TABELA 84	Pessoas com 10 anos ou mais que torcem ou não para algum clube de futebol, por sexo e clube	102
TABELA 61	Pessoas que frequentam a escola, por faixa etária e localização da escola	81	TABELA 85	Pessoas com 10 anos ou mais que torcem para algum clube de futebol, segundo o clube de preferência, por território	104
TABELA 62	Pessoas que frequentam a escola, por etapa escolar e localização da escola	81			
TABELA 63	Pessoas que frequentam a escola, por território e localização da escola	82			
TABELA 64	Pessoas que frequentam a escola, por sexo e localização da escola	82			
TABELA 65	Pessoas que cursaram ou cursam o último ano do Ensino Médio, segundo o ingresso em curso preparatório para vestibular/ENEM (CPV), por escolaridade	83			
TABELA 66	Pessoas que cursaram ou cursam o último ano do Ensino Médio, segundo o ingresso em curso preparatório para vestibular/ENEM (CPV), por território	84			
TABELA 67	Pessoas que cursaram ou cursam o último ano do Ensino Médio, segundo o ingresso em curso preparatório para vestibular/ENEM (CPV), por sexo	84			

CENSO POPULACIONAL DA MARÉ



O Censo Maré é uma iniciativa da **Redes da Maré**, articulada em seu eixo de trabalho denominado *Desenvolvimento Territorial*. Realizado em parceria com o **Observatório de Favelas**, teve o apoio das 16 associações de moradores locais e outras organizações sociais importantes de outros espaços da cidade.

A **Redes da Maré** é uma instituição da sociedade civil que tem como território de atuação o conjunto das 16 favelas da Maré, onde residem cerca de 140 mil pessoas. Fundada por moradores da Maré, tem como missão elaborar projetos estruturantes que em médio e longo prazo modifiquem os indicadores sociais e de violência da região, contribuindo, dessa maneira, para a melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

Com o objetivo de transformar as condições de vida na Maré e materializar projetos que contribuam com seu propósito maior, a Redes da Maré definiu como prioridade atuar a partir dos seguintes eixos de trabalho: (i) Educação, (ii) Arte e Cultura, (iii) Memórias e Identidades, (iv) Desenvolvimento Territorial e (v) Segurança Pública e Acesso à Justiça.

Dessa maneira, fazemos um percurso metodológico que passa pela produção de conhecimento sobre a realidade das favelas da Maré, a elaboração de projetos e ações que respondam a demandas da população e, ainda, pela mobilização dos moradores e moradoras para que, de maneira organizada, reivindiquem dos governos políticas públicas que sejam revertidas em direitos efetivados.



O **Observatório de Favelas** é uma organização da sociedade civil criada por ativistas e pesquisadores oriundos de favelas cariocas. Dedicar-se a trabalhar pelo direito à cidade para os moradores e moradoras das favelas e outros espaços populares. Com sede na Maré, a instituição atua em todo o território brasileiro produzindo conceitos, metodologias e tecnologias sociais que incidam nas políticas públicas. Suas principais áreas de atuação são (i) Educação, (ii) Artes, (iii) Comunicação, (iv) Políticas Urbanas e (v) Direito à Vida e Segurança Pública.

Nesse sentido, o Censo Maré é uma importante ação que buscou produzir conhecimentos sobre o cotidiano das favelas da Maré, enfrentando, desse modo, o conjunto de representações e crenças distorcidas e sem fundamentação empírica sobre quem são e como vivem os moradores e moradoras dessa região.

O Censo Maré consiste em um amplo diagnóstico da realidade demográfica, sociocultural e econômica, que contou com a mobilização e participação de moradores locais em todas as fases do projeto. Tal iniciativa, portanto, não foi mera ação vertical de especialistas pesquisando acerca da vida de moradores e moradoras da Maré, mas um trabalho conjunto de pessoas – em grande parte, oriundas desse próprio território – engajadas no processo de transformação da realidade local. Esse diagnóstico oferece um rico subsídio às ações públicas ou privadas, do Estado ou da sociedade civil, que visem atender às demandas sociais com maior eficácia e precisão e construir políticas públicas mais focalizadas no maior conjunto de favelas da cidade do Rio de Janeiro.

O pressuposto de um projeto com tal envergadura é o de que a favela e os outros espaços periféricos devem ser reconhecidos por suas potências latentes ou patententes. É nesse contexto que entendemos que um território com a potência da Maré, com sua complexidade e suas dimensões, merece o imenso esforço realizado para materializar esse trabalho. Sem dúvida, ele pode representar um passo a mais na construção de um projeto integrado e continuado de desenvolvimento sustentável dessas favelas que, em síntese, constituem um emblema da realidade plural do Rio de Janeiro.



O CENSO MARÉ
CONSISTE EM
UM AMPLO DIAGNÓSTICO
DA REALIDADE
DEMOGRÁFICA,
SOCIOCULTURAL
E ECONÔMICA,
QUE CONTOU COM
A MOBILIZAÇÃO E
PARTICIPAÇÃO DE
MORADORES LOCAIS
EM TODAS AS FASES
DO PROJETO”



O SENTIDO
DE FAZER
UM CENSO
NA MARÉ



P

or que realizar um censo na Maré? Afinal, temos no país um órgão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que realiza a cada dez anos o levantamento de toda a população brasileira. Essa justíssima indagação nos acompanhou nos momentos em que discutimos o sentido do projeto e o esforço para realizá-lo. Logo, porém, nos veio a certeza de que o propósito relevante da nossa ação está, justamente, em buscar desvelar não só (i) as demandas dos moradores como, também, (ii) o conjunto de singularidades e práticas sociais da Maré.

O intuito maior que rege essa iniciativa é materializar – por meio de vivências, reflexões e construção de metodologias – ações integradas e abrangentes que ampliem os campos de possibilidades sociais e de direitos dos moradores de favelas e periferias. Nesse sentido, como os dados oficiais produzidos até o momento não são suficientes para expressar as reais necessidades e reflexões desses moradores, o propósito de realizar o Censo Populacional da Maré não foi o de repetir o Recenseamento do IBGE e, tampouco, confrontar resultados, mas ser um facilitador desse intuito maior.

No entanto, além do que diz respeito às representações sobre a realidade desses espaços, há fatores de ordem técnica que também impõem a necessidade de levantamentos de informações mais focalizados: o principal consiste na representatividade das informações levantadas e está relacionado, principalmente, à escala de abrangência geográfica do censo oficial do país, embora não devam ser desprezadas as dificuldades na cobertura censitária em favelas e espaços assemelhados.

REPRESENTATIVIDADE DAS INFORMAÇÕES LEVANTADAS POR MÉTODOS AMOSTRAIS

O Censo Demográfico oficial é dividido em duas pesquisas: Universo e Amostra. A primeira é realizada em todos os domicílios encontrados, com aplicação do chamado Questionário Básico, contendo poucos quesitos. Já a Amostra utiliza o questionário mais longo e só é realizada em uma parcela dos domicílios.

Por sua abrangência nacional, boa parte do conteúdo da pesquisa decenal do IBGE é levantada exclusivamente por método amostral. Deste modo, para o Brasil, as unidades da federação e os municípios, observa-se que a produção de inúmeros resultados e indicadores é baseada em variáveis presentes apenas no Questionário da Amostra.

O Rio de Janeiro é um dos 40 municípios em que, devido ao expressivo número de habitantes, a fração amostral foi de 5% (a menor entre as cinco frações utilizadas em 2010), o que significa a relação de um domicílio selecionado em cada vinte encontrados. Para o nível geográfico municipal, em função do tamanho da população, a expansão dessa amostra apresenta um bom grau de precisão, com um coeficiente de variação¹ relativamente baixo, o que equivale dizer que sua representatividade é muito boa. Mas o mesmo não ocorre em nível intramunicipal em territórios como o da Maré, com cerca de 130 mil habitantes, segundo a referida pesquisa. À guisa de comparação, em municípios com menos de 500 mil habitantes, a fração amostral do Censo 2010 do IBGE foi de 10%, isto é, um em cada dez domicílios.

Portanto, tendo como base o censo oficial do país, várias informações relevantes para as políticas públicas e para a formulação de estratégias de atuação se apresentam demasiadamente imprecisas em se tratando da Maré. Um bom exemplo de temáticas que são exploradas apenas na Pesquisa da Amostra é a Educação². Assim, a escolaridade das pessoas e o número de crianças fora da escola na Maré, bem como outras características importantes, só são indagadas em 5% dos domicílios.

Por essa razão, além das questões específicas, é justificável a repetição de algumas da Amostra do recenseamento do IBGE, tanto para se conhecer a realidade local com precisão quanto para a produção de indicadores comparáveis com os da cidade, da região metropolitana, do estado e do país.

¹ Também chamado de coeficiente de variabilidade ou coeficiente de variação de Pearson. Mede a dispersão em torno da média aritmética em termos relativos. O coeficiente de variação pode ser expresso em porcentagem. Quanto menor for seu valor, mais representativa será a média aritmética.

² No Censo 2010 do IBGE, o único quesito sobre Educação presente na Pesquisa do Universo foi referente a “saber ler e escrever”.



Nas ruas da Maré, casas não numeradas e difícil separação de domicílios são ocorrências comuns

POSSÍVEIS DIFICULDADES NA COBERTURA CENSITÁRIA EM FAVELAS E ESPAÇOS ASSEMELHADOS

Em um contexto social no qual a realização de levantamentos de dados primários se multiplica, as pesquisas em favelas e espaços similares ganham atenção especial. Primeiro, porque não há como desprezar o peso demográfico e a participação social, econômica, política e cultural de seus moradores, seja qual for a dimensão temática pesquisada. Depois, porque em muitos casos é justamente a realidade da favela o objeto de investigação das pesquisas, tendência mais recente, impulsionada pelo maior grau de reconhecimento, por diversos segmentos da sociedade, da favela como parte integrante da cidade.

No entanto, ainda persistem inúmeros vieses metodológicos nas pesquisas domiciliares realizadas em favelas. A maior parte provém do grau de dissonância entre as bases cartográficas de setores em favelas (aglomerados subnormais, conforme o IBGE) e a realidade dos territórios. Comentando resultados da Pesquisa do Perfil dos Municípios Brasileiros, Pasternak³ afirma, por exemplo, que pode estar havendo empenho em cadastrar melhor as favelas, mas as informações censitárias desses territórios continuam sendo fortes candidatas à subnumeração, como resultado da deficiente captação de seu crescimento.

Uma peculiaridade da cobertura censitária em favelas está associada ao adensamento das habitações e à forma de uso do solo. Becos e passagens intrincadas, edificações não numeradas, difícil separação de domicílios, acessos encobertos e prédios fechados sem mediação para alcançar as unidades residenciais são ocorrências comuns nesses espaços. Assim, são recorrentes os problemas com a identificação de logradouros, a compreensão e definição do percurso, a contagem de domicílios, a localização de endereços etc.

Não há como ignorar, também, a existência de vieses decorrentes da estigmatização da favela como *locus* da violência, da barbárie, da carência e da falta de higiene. Esses juízos sobre a favela afetam desde o planejamento da pesquisa até a realização da entrevista e podem se manifestar de diversas formas, tais como através do receio de incursões em determinados logradouros ou porções do território ou na construção de pressupostos marginalizantes que dificultam a abordagem do público.

³ PASTERNAK, Suzana. São Paulo e suas favelas. Pós. Rev. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP. n.19. São Paulo, junho de 2006.

O PONTO DE PARTIDA E O PERCURSO DO CENSO MARÉ

O maior desafio apresentado durante o planejamento do Projeto foi o de dispor de um mapeamento correto do território, com todos os seus logradouros incluídos e devidamente identificados. Assim, o Censo Maré teve, como primeira ação, a revisão das informações cartográficas disponíveis.

O ponto de partida deste trabalho foi a aproximação com o Instituto Pereira Passos (IPP), órgão da Prefeitura do Rio de Janeiro, que se tornou parceiro do Projeto. A partir da cessão da base cartográfica digital (em arquivos de dados geoespaciais denominados *shapefiles*), ficou evidente a necessidade de uma cobertura prévia em toda a Maré com a finalidade de detalhar o assimétrico arruamento de suas favelas.

Para orientar o percurso dos pesquisadores e suas respectivas áreas de trabalho, foi aplicada sobre a base digital a camada com a malha de setores censitários do IBGE utilizada no Censo Demográfico de 2010. De posse dos croquis dos setores e da descrição de seus perímetros, uma equipe de pesquisadores, todos moradores da Maré, percorreu cada um dos mais de 800 logradouros — ruas, becos, travessas, praças etc. — que compõem esse imenso território popular.

As modificações — por correção ou acréscimo — indicadas pelos pesquisadores de campo foram vetorizadas na base digital, atualizando-a. Cabe destacar a importância fundamental que o segmento das associações de moradores teve na identificação de logradouros e no reconhecimento de limites físicos entre as favelas que compõem a Maré. Assim, foram os próprios moradores que informaram os limites e não um poder, com suposto saber privilegiado, de forma verticalizada.

Recebida pelo IPP, a base cartográfica revisada e atualizada pelo Censo Maré tem sido utilizada nas ações em curso de reconhecimento oficial das ruas da Maré, conduzidas pela Prefeitura, e de definição dos respectivos CEPs, a cargo dos Correios.

Derivado desta revisão cartográfica, o **GUIA DE RUAS DA MARÉ** é o segundo produto do projeto. Trata-se de uma publicação com duas edições já lançadas — 2012 e 2014 — contendo plantas das favelas e os nomes e CEPs dos logradouros. No que concerne às favelas, é uma obra inédita no Brasil e insere a Maré, simbólica e objetivamente, no mapa oficial da cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro produto do Censo Maré é o **CENSO DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS**, com foco nos estabelecimentos com fins lucrativos. Esta pesquisa se materializou na publicação de um caderno com estatísticas e análises sobre os 3.182 empreendimentos identificados e um catálogo de comércio e serviços da Maré com 2.469 estabelecimentos, classificados por ramo de atividade e com endereço e telefone para contato.



92

entrevistadores

8

supervisores
de campo

139

colaboradores diretos

Na sequência, entre 2012 e 2013, foi realizado o **CENSO POPULACIONAL DA MARÉ**, sendo seus resultados aqui apresentados. Esta etapa teve início com a atuação de 35 pesquisadores em campo e 15 colaboradores em atividades diretas e complementares, tais como supervisão, crítica, cartografia e georreferenciamento, administração e logística, articulação e mobilização comunitária, processamento e análise de dados, entre outras. Com a admissão de novos colaboradores, seja em função do desenvolvimento das etapas seja por substituições decorrentes da inevitável perda de quadros no curso de um projeto tão longo, o Censo Populacional da Maré contou, ao todo, com 139 colaboradores diretos, além das pessoas que atuam nas instituições realizadoras e, indiretamente, colaboraram para a execução do projeto. Somente em contato presencial com os moradores, através das visitas domiciliares e entrevistas, foi alcançada a marca de 100 pesquisadores, sendo 92 entrevistadores e oito supervisores de campo.

O Censo Maré foi tecido a partir da colaboração ou incentivo de distintas redes e instituições, como associações de moradores, escolas públicas, órgãos governamentais, organizações não governamentais, fundações, institutos, empresas estatais e privadas — todas engajadas e comprometidas com o propósito de superar a segregação vivenciada por parte dos habitantes da cidade.

Contudo, há de se destacar a efetiva participação de moradores em todas as etapas do trabalho. Para se alcançar um patamar de desenvolvimento socioeconômico, ambiental e cultural distinto do que se tem hoje, a atuação em áreas como a da Maré exige um conhecimento cada vez mais profundo das particularidades do território e das demandas de seus habitantes. O emprego desses atores, em sua maioria universitários ou estudantes de preparatório para o ensino superior, conectou o rigor técnico e científico que uma pesquisa dessa monta requer com os saberes e percepções oriundos da vivência nesse espaço geográfico.

O Censo Maré é uma importante contribuição para intervenções (governamentais ou não) que promovam a igualdade de tratamento entre as diferentes partes da pólis, elevando, assim, as condições de vida e o bem-estar dos seus moradores. Vale ressaltar que há muitos frutos a serem gerados a partir de iniciativas como essa, nascida dentro da Maré e com o poder de dialogar com toda a cidade e com o país. Acreditamos que o ineditismo e originalidade desse trabalho estão, justamente, no fato de reconhecer os moradores das favelas como sujeitos de direitos — uma dimensão inalienável de qualquer habitante da cidade — e capazes de participar da elaboração de conhecimentos sobre si mesmos.



O CENSO MARÉ
É UMA IMPORTANTE
CONTRIBUIÇÃO PARA
INTERVENÇÕES QUE
PROMOVAM A IGUALDADE
DE TRATAMENTO ENTRE
AS DIFERENTES PARTES
DA PÓLIS, ELEVANDO,
ASSIM, AS CONDIÇÕES
DE VIDA E O BEM-ESTAR
DOS SEUS MORADORES

SOBRE O TERRITÓRIO DA MARÉ

QUADRO 1 | CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DA MARÉ: MODOS DE OCUPAÇÃO

UNIDADE TERRITORIAL	ANO DE FUNDAÇÃO	ORIGEM DA CONSTITUIÇÃO	PROGRAMAS
MORRO DO TIMBAU	1940	OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA	
BAIXA DO SAPATEIRO	1947	OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA	
MARCÍLIO DIAS	1948	OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA	
PARQUE MARÉ	1953	OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA	
PARQUE RUBENS VAZ	1954	OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA	
PARQUE ROQUETE PINTO	1955	OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA	
PARQUE UNIÃO	1961	OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA	
NOVA HOLANDA	1962	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO ESTADUAL	COHAB
PRAIA DE RAMOS	1962	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO ESTADUAL	COHAB
CONJUNTO ESPERANÇA	1982	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO FEDERAL	PROJETO RIO
VILA DO JOÃO	1982	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO FEDERAL	PROJETO RIO
VILA DOS PINHEIROS	1983	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO FEDERAL	PROJETO RIO
CONJUNTO HABITACIONAL DO PINHEIROS	1989	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO FEDERAL	PROJETO RIO
CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS	1992	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO MUNICIPAL	PROJETO MORAR SEM RISCO
NOVA MARÉ	1996	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO MUNICIPAL	PROJETO MORAR SEM RISCO
NOVO PINHEIROS (SALSA E MERENGUE)	2000	INTERVENÇÃO PÚBLICA GOVERNO MUNICIPAL	PROJETO MORAR SEM RISCO

FONTE: SANTOS, Shyrlei Rosendo dos. O que será que será que se sussurra pelas favelas: o que e como projetam o futuro os jovens da última etapa do Ensino Médio, na favela da Maré? Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orientação: Prof.ª Dr.ª Mônica Peregrino. Rio de Janeiro: 2016.

O território chamado Maré foi consolidado entre a década de 1940 e o início dos anos 2000, a partir da organização e iniciativa dos moradores ou por programas habitacionais promovidos pelo poder público.

As localidades que compõem a Maré e o ano-base de constituição são, em ordem cronológica: Morro do Timbau (1940), Baixa do Sapateiro (1947), Marcílio Dias (1948), Parque Maré (1953), Parque Rubens Vaz (1954), Parque Roquete Pinto (1955), Parque União (1961), Nova Holanda (1962), Praia de Ramos (1962), Conjunto Esperança (1982), Vila do João (1982), Vila dos Pinheiros (1983), Conjunto Pinheiros (1989), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992), Nova Maré (1996) e Novo Pinheiros (2000), esta última conhecida como Salsa e Merengue.⁴

Seu território está disposto sobre uma faixa praticamente contígua à margem da Avenida Brasil, que se estende ao longo de favelas que já fizeram parte dos bairros de Manguinhos, Bonsucesso ou Ramos e que hoje constituem o bairro Maré, criado por meio da Lei Municipal nº 2.119, de 19 de janeiro de 1994. A exceção fica por conta do território da comunidade de Marcílio Dias, distante cerca de 2.300 metros da Praia de Ramos, que não foi incluído no bairro Maré quando seus limites foram definidos na referida lei. Desse modo, quando se faz referência ao bairro Maré, a favela Marcílio Dias não é contada, uma vez que continua pertencente ao bairro Penha Circular.

Tais informações são relevantes para assinalar que esta pesquisa foi realizada em todo o conjunto de favelas da Maré, ou seja, nas 15 áreas que compõem oficialmente o bairro e, também, em Marcílio Dias, compreendendo que esta localidade teve um histórico de constituição comum às demais e ainda compõe o mesmo espaço social. Assim, são 16 os territórios abrangidos por esta pesquisa.

⁴ Para saber mais sobre o processo de constituição da Maré e como surgiu cada uma das 16 comunidades, acesse www.redesdamare.org.br/mare



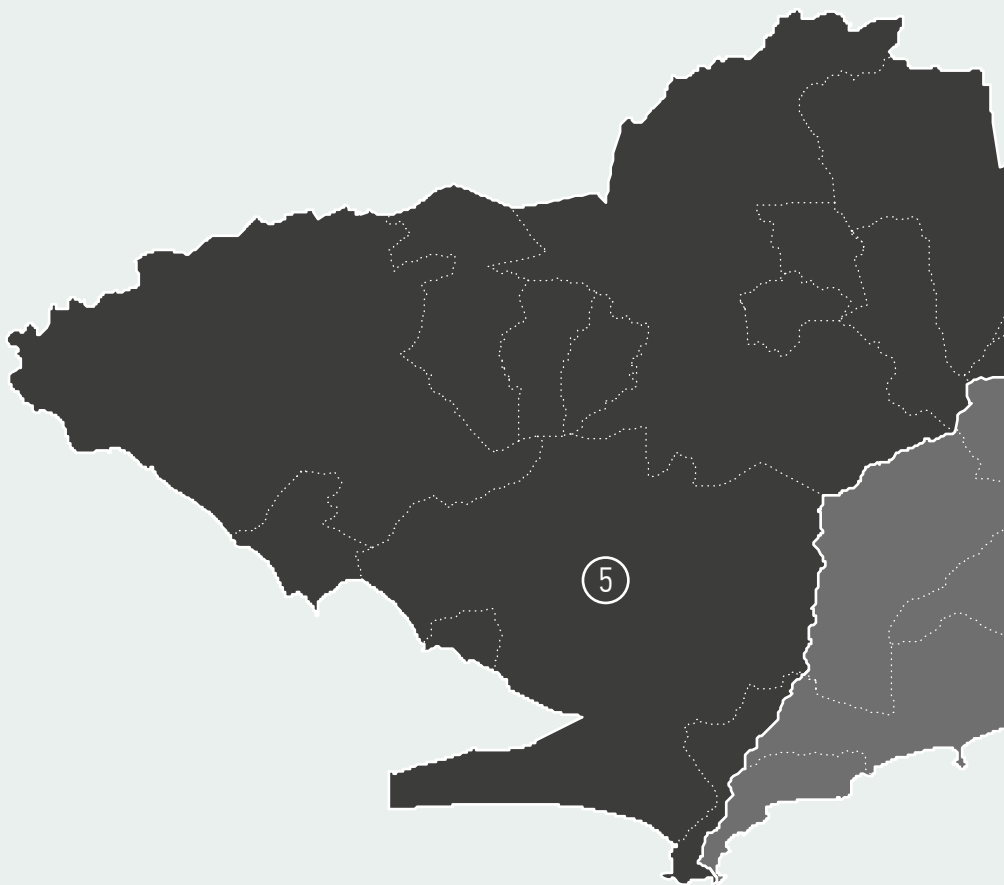
FAVELAS DO BAIRRO MARÉ

- 01 CONJUNTO ESPERANÇA
- 02 VILA DO JOÃO
- 03 CONJUNTO PINHEIROS
- 04 VILA DOS PINHEIROS
- 05 NOVO PINHEIROS
(SALSA E MERENGUE)
- 06 CONJUNTO BENTO RIBEIRO
DANTAS
- 07 MORRO DO TIMBAU
- 08 BAIXA DO SAPATEIRO
- 09 NOVA MARÉ
- 10 PARQUE MARÉ
- 11 NOVA HOLANDA
- 12 PARQUE RUBENS VAZ
- 13 PARQUE UNIÃO
- 14 PARQUE ROQUETE PINTO
- 15 PRAIA DE RAMOS
- 16 MARCÍLIO DIAS



A POPULAÇÃO DAS FAVELAS NO CONTEXTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

ÁREAS DE PLANEJAMENTO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO % DE RESIDENTES EM FAVELAS (2010)



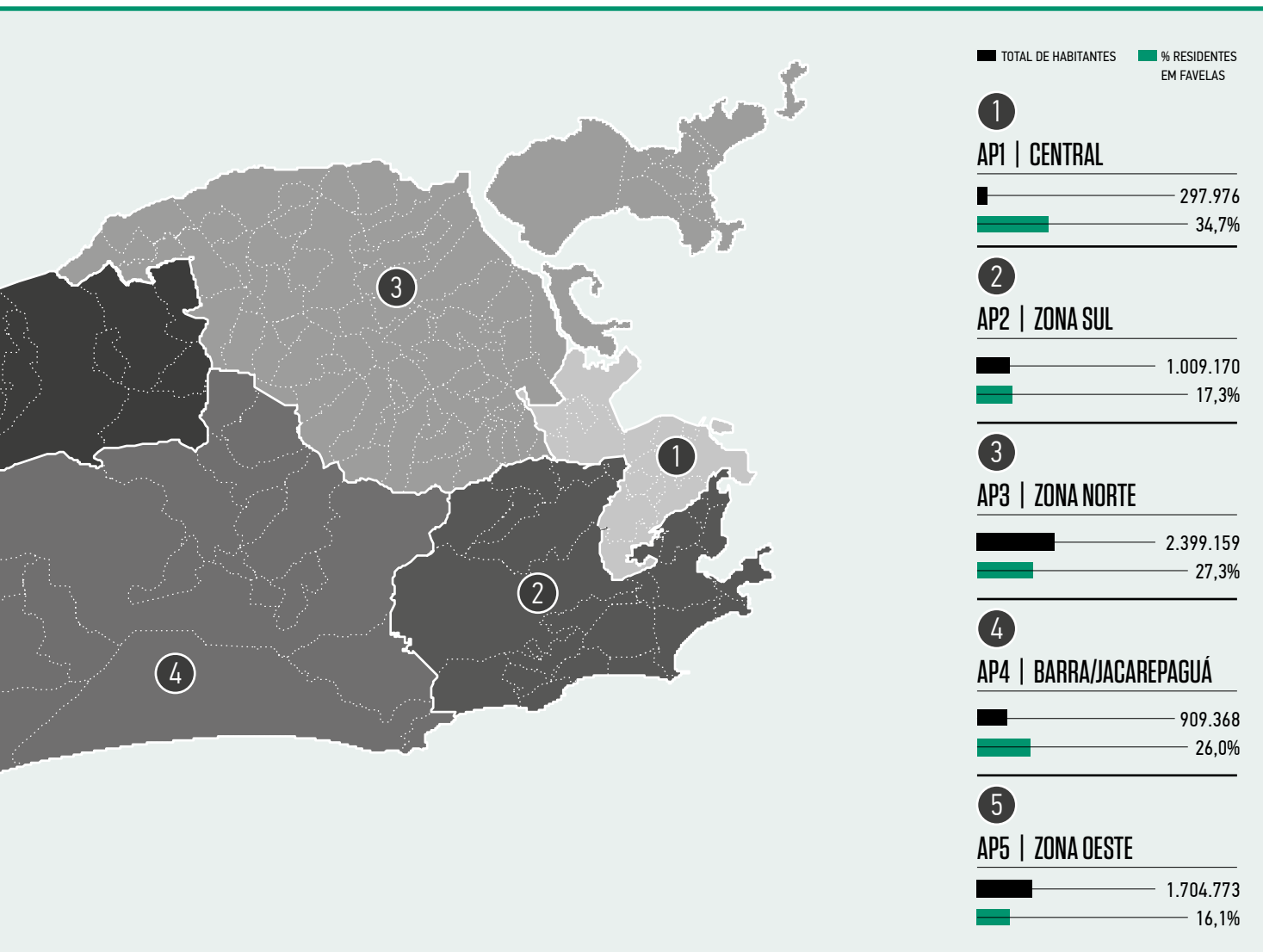
Segundo o Censo do IBGE, a cidade do Rio de Janeiro abrigava 6.320.446 habitantes em 2010, dos quais 1.393.314 — ou seja, 22,0% — residindo nas 763 favelas que a referida pesquisa identificou em todo o município⁵. Logo depois, por ocasião do Programa Morar Carioca, a Prefeitura do Rio de Janeiro revisou sua forma de identificar os espaços favelados e, com base nos números do IBGE, contabilizou uma população de 1.443.773 habitantes (22,8% do total da cidade)⁶, distribuídos em 1.018 favelas⁷.

Conforme o IPP, a população carioca cresceu 8% entre 2000 e 2010. Contudo, a variação da população residente em favelas foi de 19%, enquanto da não favelada, de apenas 5%. Em outras palavras, a população da favela cresceu em um ritmo quase quatro vezes maior que o do restante da cidade.

⁵ IBGE. Censo Demográfico 2010. Aglomerados Subnormais.

⁶ Cavallieri, Fernando; Vial, Adriana. Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010. Coleção Estudos Cariocas. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Instituto Pereira Passos: Rio de Janeiro, maio de 2012.

⁷ SABREN — Sistema de Assentamentos de Baixa Renda. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.



A população em favelas é expressiva em todas as regiões da cidade, porém, não é homogeneamente distribuída — o que não seria mesmo esperado, diante da urbanização não planejada e assimétrica do Rio de Janeiro. As regiões com percentual acima da média da cidade são a AP1-Central (34,7%), AP2-Zona Norte (27,3%) e AP4-Barra/Jacarepaguá (26,0%).

QUADRO 2 | POPULAÇÃO RESIDENTE EM FAVELAS POR ÁREA DE PLANEJAMENTO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (2010)

ÁREA DE PLANEJAMENTO	HABITANTES		% DE RESIDENTES EM FAVELAS
	TOTAL	EM FAVELAS	
AP1 CENTRAL	297.976	103.296	34,7%
AP2 ZONA SUL	1.009.170	174.149	17,3%
AP3 ZONA NORTE	2.399.159	654.755	27,3%
AP4 BARRA/JACAREPAGUÁ	909.368	236.834	26,0%
AP5 ZONA OESTE	1.704.773	274.739	16,1%
CIDADE DO RIO DE JANEIRO (TOTAL)	6.320.446	1.443.773	22,8%

FONTE: Extraído de Cavallieri, Fernando; Vial, Adriana. Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010. Coleção Estudos Cariocas. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Instituto Pereira Passos: Rio de Janeiro, maio de 2012.

O TAMANHO DA POPULAÇÃO DA MARÉ

QUADRO 3 | POPULAÇÃO RESIDENTE NOS DEZ BAIRROS MAIS POPULOSOS E MAIS CINCO GRANDES CONJUNTOS DE FAVELAS RECONHECIDOS COMO BAIRROS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (2010)

POSIÇÃO	BAIRRO	HABITANTES
1ª	CAMPO GRANDE	328.370
2ª	BANGU	243.125
3ª	SANTA CRUZ	217.333
4ª	REALENGO	180.123
5ª	TIJUCA	163.805
6ª	JACAREPAGUÁ	157.326
7ª	COPACABANA	146.392
8ª	BARRA DA TIJUCA	135.924
9ª	MARÉ	129.770
10ª	GUARATIBA	110.049
...
22ª	ROCINHA	69.356
23ª	COMPLEXO DO ALEMÃO	69.143
...
58ª	JACAREZINHO	37.839
...
60ª	CIDADE DE DEUS	36.515
61ª	MANGUINHOS	36.160

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010.

O Censo de 2010 do IBGE contou 135.989 moradores em toda a Maré, incluindo a favela de Marçílio Dias⁸. Já o Censo Maré contou 139.073 moradores, ou seja, 3.084 a mais. Uma vez que este foi realizado três anos após o levantamento do órgão estatal, há uma considerável proximidade entre ambos.

O fato não é trivial, pois muito se fala sobre as discrepâncias entre os dados do IBGE e o que seria a realidade populacional de grandes favelas como a Rocinha e o Alemão⁹. Uma das hipóteses para a menor subenumeração na Maré é o fato de a mesma ser quase totalmente plana — apenas o Morro do Timbau encontra-se em um sítio um pouco mais elevado — e abranger nove assentamentos originalmente construídos pelo poder público, os quais são razoavelmente regulares em termos de disposição das ruas. Esses dois aspectos podem ter tornado a cobertura de campo na Maré menos complicada para os agentes de coleta.

Mesmo considerando os números oficiais — do IBGE e do IPP — do ano de 2010, nota-se que a Maré representa mais de 9% da população residente em favelas no município do Rio de Janeiro. Além disso, representa quase 21% de todos os residentes em favelas da Área de Planejamento em que está localizada, a AP3 (Zona Norte), região da cidade que possui o maior número de moradores em favelas.

Até quando comparada à população geral da cidade, a Maré é pujante. A cidade do Rio de Janeiro possuía 160 bairros em 2010¹⁰ e o bairro Maré foi apontado pelo Censo do IBGE como o nono mais populoso, como mostra o Quadro 3. No entanto, segundo o IPP, aparece como

⁸ O total de 135.989 inclui a comunidade de Marçílio Dias, com 6.219 moradores. Para chegar a esse número, foram considerados dados dos respectivos setores censitários somados aos 129.770 moradores contados nos setores censitários do bairro Maré.

⁹ De acordo com o Censo IBGE 2010, a Rocinha e o Complexo do Alemão teriam, cada uma, menos de 70 mil habitantes. Todavia, levantamento feito entre 2008 e 2009 por empresa contratada pelo Governo Estadual para as obras do PAC consideraram que as mesmas teriam 98.319 e 89.912 moradores, respectivamente. Censo Favelas PAC 2009. Disponível em http://arquivos.proderj.rj.gov.br/egprio_imagens/Uploads/Apres.censo.pdf. Acesso em janeiro/2018.

¹⁰ Número de bairros reconhecidos pela Prefeitura até 2010. Atualmente, são 162, já que os territórios da Lapa e da Vila Kennedy foram oficializados como bairro, respectivamente, em 2012 e 2017.

o 137º IDS — Índice de Desenvolvimento Social — entre os bairros cariocas naquele ano ¹¹.

À guisa de ilustração, pode-se afirmar que, de cada 46 moradores da cidade, um reside no conjunto de favelas da Maré. Ainda que sejam considerados apenas os limites legais do bairro, essa razão continua expressiva: um de cada 49 habitantes.

Outras favelas populosas da cidade também têm seus territórios reconhecidos como bairros, como é o caso da Rocinha, do Complexo do Alemão, do Jacarezinho, da Cidade de Deus e de Manguinhos, por exemplo. Como se vê no Quadro 3, depois do bairro Maré, o mais populoso é o bairro Rocinha, que ocupa a 22ª posição no ranking da cidade, totalizando 69.356 moradores.

Então, por que a Rocinha é tratada pelos órgãos oficiais como a favela mais populosa do Brasil? Porque, para o IBGE, o bairro Rocinha é composto por apenas duas favelas: Rocinha, com 69.161 habitantes, e Matinha, com apenas 195. No caso do bairro Maré, o IBGE considera a existência de nove favelas (ou aglomerados subnormais), sendo o Parque União o maior deles, com 19.671 habitantes¹². Logo, a favela Rocinha é, de longe, mais populosa do que qualquer comunidade da Maré isoladamente. Porém, o bairro Maré tem quase o dobro do número de habitantes do bairro Rocinha. Cabe destacar que os conjuntos habitacionais não são tratados pelo IBGE como aglomerados subnormais, principalmente, em função do nível de regularização fundiária e da alvenaria sem tijolo aparente. O IPP trabalha com lógica semelhante, variando apenas o número de favelas distinguidas.

Mudando a escala geográfica de análise, a Maré, caso fosse um município, seria o 21º mais populoso do Estado do Rio de Janeiro, atualmente composto por 92 municípios, como mostra o Quadro 4. Na Região Metropolitana, seria o 12º entre 21. Em escala nacional, a Maré possui uma expressão ainda mais significativa: é mais populosa do que 96% dos municípios brasileiros.

Como podem gestores públicos não se atentarem para esses dados e não investirem pesado em políticas públicas que possam garantir mais qualidade de vida e desenvolvimento socioeconômico para os moradores da Maré, em níveis semelhantes ao conjunto da cidade?

¹¹ Instituto Pereira Passos. Índice de Desenvolvimento Social (IDS) por Áreas de Planejamento (AP), Regiões de Planejamento (RP), Regiões Administrativas (RA), Bairros e Favelas do Município do Rio de Janeiro — 2010. Disponível em <http://www.data.rio/datasets?q=IDS>. Acesso em janeiro/2018.

¹² Este é o contingente segundo o Censo 2010 do IBGE. Para o Censo Maré, a população do Parque União é de 20.567 habitantes.

QUADRO 4 | POPULAÇÃO RESIDENTE NOS MUNICÍPIOS MAIS POPULOSOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2010)

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	POPULAÇÃO
1ª	RIO DE JANEIRO	6.320.446
2ª	SÃO GONÇALO	999.728
3ª	DUQUE DE CAXIAS	855.048
4ª	NOVA IGUAÇU	796.257
5ª	NITERÓI	487.562
6ª	BELFORD ROXO	469.332
7ª	CAMPOS DOS GOYTACAZES	463.731
8ª	SÃO JOÃO DE MERITI	458.673
9ª	PETRÓPOLIS	295.917
10ª	VOLTA REDONDA	257.803
11ª	MAGÉ	227.322
12ª	ITABORAÍ	218.008
13ª	MACAÉ	206.728
14ª	CABO FRIO	186.227
15ª	NOVA FRIBURGO	182.082
16ª	BARRA MANSA	177.813
17ª	ANGRA DOS REIS	169.511
18ª	MESQUITA	168.376
19ª	TERESÓPOLIS	163.746
20ª	NILÓPOLIS	157.425
...	MARÉ	139.073*
21ª	QUEIMADOS	137.962
22ª	MARICÁ	127.461

FONTE: IBGE. Censo Demográfico 2010.

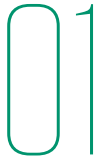
NOTA: Em relação à Maré, dados do Censo Maré 2013.



OS DADOS

COLETADOS

POPULAÇÃO E SUA DISTRIBUIÇÃO



Os 139.073 moradores da Maré estão desigualmente distribuídos em suas 16 comunidades, não só em função do tamanho, mas, também, por fatores associados à história de cada uma.

Como pode ser identificado na Tabela 1, as comunidades do Parque União, Vila dos Pinheiros, Nova Holanda, Parque Maré e Vila do João ganham destaque como as mais populosas, todas ultrapassando a casa dos 10.000 moradores. Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Nova Maré, Praia de Ramos, Conjunto Pinheiros e Conjunto Esperança são as comunidades de menor expressão populacional, com menos de 6.000 habitantes cada.

Entre as cinco maiores comunidades, Parque União, Nova Holanda e Parque Maré são algumas das mais antigas no território. As outras, Vila do João e Vila dos Pinheiros, instaladas pelo Projeto Rio no início da década de 1980, abrigaram famílias removidas das casas de palafitas sobre o manguezal, especialmente a primeira. Então, embora sua fisionomia e localização sejam mais recentes, muitos de seus moradores têm uma história de longa presença na Maré.

No grupo das menos populosas, duas delas — Nova Maré e Bento Ribeiro Dantas — são recentes na geografia da Maré. A primeira, Nova Maré, é um conjunto de casas construído em 1996 no âmbito do Programa Morar Sem Risco, da Secretaria Municipal de Habitação para as favelas cariocas. Sua tipologia construtiva dificulta, propositalmente, obras de expansão dos imóveis, limitando assim oportunidades de crescimento populacional. O argumento para essa construção é o de evitar o adensamento populacional do conjunto, mas, acima de tudo, revela uma representação familiar centrada na estrutura nuclear — pai, mãe e filhos. Esse formato não reflete a realidade das favelas, caracterizadas, em geral, por estruturas familiares plurais, com mais de duas gerações convivendo no domicílio. Todavia, confirmando o alto grau de inventividade dos seus moradores, várias casas de Nova Maré já foram modificadas e receberam lajes. Cabe salientar que a decisão do poder público de optar por um projeto arquitetônico que dificulta a possibilidade de expansão das moradias expõe como o Estado, além de ignorar as formas de organização familiar características das favelas, despreza a importância da laje para a reprodução da vida familiar, em função de ser uma reserva de valor, seja como herança para os descendentes ou como área de lazer.

Da mesma forma que em Nova Maré, o Conjunto Bento Ribeiro Dantas, inaugurado quatro anos antes, também foi composto por casas com restrições à ampliação, mas seus moradores foram ainda mais ousados quanto às modificações das moradias e nas possibilidades de construções no entorno.

A comunidade da Praia de Ramos, uma das menos populosas, também é uma das mais antigas da Maré. Com seu território inicialmente ocupado por pescadores no final da década de 1950, a comunidade da Praia de Ramos veio a se consolidar em uma área de aterro, onde o antigo Governo da Guanabara criou, em 1962, um Centro de Habitação Provisória (CHP) destinado a receber moradores removidos de favelas das áreas mais valorizadas da cidade.

Merece registro a média de ocupantes por domicílio nas comunidades da Maré, que varia de 2,60 a 3,77 moradores. Todavia, a maioria não atinge a média de 3,0 moradores e, entre as cinco que ultrapassam, apenas a Vila dos Pinheiros tem uma população expressiva — por isso, a média geral de 2,91 moradores por domicílio.

As maiores médias aparecem nas três comunidades mais recentes — Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Nova Maré e Salsa e Merengue. De um lado, cabe lembrar a situação de extrema pobreza que boa parte das famílias ali residentes vivenciou, uma vez que esses conjuntos foram construídos para abrigar pessoas que moravam em áreas de risco ou estiveram em situação de rua. Por outro, existe a dificuldade já assinalada de crescimento vertical do número de unidades residenciais, ao contrário do que ocorre nas comunidades formadas há longo tempo.

A média de 2,91 moradores por domicílio apurada no Censo Maré está abaixo da média geral registrada em 2010, pelo IBGE, que foi de 3,11 moradores por domicílio, mas semelhante à média da cidade do Rio de Janeiro, de 2,92. São vários os fatores que podem corroborar essa possível variação, entre os quais, vale citar: (i) a redução da fecundidade, a cada ano, diminuindo o número de nascimentos, e (ii) o progresso socioeconômico das pessoas, com diminuição da taxa de desocupação e aumento da renda no período, o que tende a motivar a emancipação domiciliar dos mais jovens.¹³

Por outro lado, mesmo sem ter dados específicos para confirmar, a experiência revela serem comuns na Maré imóveis pequenos que contêm mais de um ou até vários domicílios. Em outras palavras, o chamado “puxadinho” para a moradia de familiares, criando residências separadas e independentes, pode contribuir para a subnumeração de domicílios, mas não necessariamente de pessoas. No Censo Maré, a identificação e contagem dos domicílios foi, sem dúvida, qualificada em razão da percepção diferenciada dos pesquisadores, fruto da vivência como moradores de favela.

As informações descritas contribuem decisivamente para a superação de conclusões apressadas e representações excessivamente genéricas das favelas como *hiper-aglomerados humanos*, com um conjunto de moradias insalubres, ocupadas por um número elevado de pessoas e, conseqüentemente, configurando um *ambiente familiar inadequado e sem privacidade individual*. Se tais afirmações podem ser válidas em alguns contextos, sua generalização é falha, pois a heterogeneidade é uma característica típica das favelas cariocas, revelando-se de forma patente na estrutura dos imóveis e nas formas variadas de organização familiar. Essa leitura não pode ser desprezada na análise de qualquer aspecto do espaço local.

¹³ Segundo o IBGE, entre 2010 e 2013, a Taxa de Fecundidade Total no Estado do Rio de Janeiro caiu continuamente de 1,68 para 1,62 filhos por mulher de 15 a 49 anos de idade (e a tendência é que o ritmo de redução seja, nos últimos anos, mais intenso, i.e., acima da média, entre os segmentos sociais mais pobres). No mesmo período, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, a Taxa de Desocupação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro diminuiu, também continuamente, de 5,7%, em agosto de 2010, para 4,5%, em agosto de 2013.

TABELA 1 | DOMICÍLIOS, MORADORES E MÉDIA DE MORADORES POR DOMICÍLIO

UNIDADE TERRITORIAL	DOMICÍLIOS		POPULAÇÃO		MÉDIA DE MORADORES POR DOMICÍLIO
	DOM	%	HAB	%	
MARÉ	47.758	100%	139.073	100%	2,91
PARQUE UNIÃO	7.600	15,9%	20.567	14,8%	2,71
VILA DOS PINHEIROS	5.067	10,6%	15.600	11,2%	3,08
NOVA HOLANDA	4.601	9,6%	13.799	9,9%	3,00
PARQUE MARÉ	4.552	9,5%	13.164	9,5%	2,89
VILA DO JOÃO	4.453	9,3%	13.046	9,4%	2,93
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	6,9%	9.329	6,7%	2,84
PARQUE ROQUETE PINTO	2.867	6,0%	8.132	5,8%	2,84
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	5,0%	6.222	4,5%	2,60
MORRO DO TIMBAU	2.359	4,9%	6.709	4,8%	2,84
MARCÍLIO DIAS	2.248	4,7%	6.342	4,6%	2,82
SALSA E MERENGUE	2.163	4,5%	6.791	4,9%	3,14
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	3,9%	5.356	3,9%	2,86
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	2,8%	4.028	2,9%	3,00
PRAIA DE RAMOS	1.064	2,2%	3.221	2,3%	3,03
NOVA MARÉ	944	2,0%	3.215	2,3%	3,41
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	943	2,0%	3.553	2,6%	3,77



2,91

é a média geral de moradores por domicílio

02

PRESENÇA DAS MULHERES

Este estudo confirma que há mais mulheres do que homens entre os seus residentes, portanto, a proporção de mulheres na Maré não destoa da observada no município do Rio de Janeiro. Este resultado já era esperado, pois essa é a composição demográfica mais frequente.

Vale mencionar que em apenas duas áreas a população de homens predominou: Rubens Vaz e Conjunto Esperança. Contudo, as diferenças foram bem pequenas, traduzidas em 1,5 e 0,7 ponto percentual, respectivamente.



TABELA 2 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO O SEXO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	MULHERES		HOMENS		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	139.073	70.878	51,0%	67.948	48,9%	248	0,2%
PARQUE UNIÃO	20.567	10.426	50,7%	10.106	49,1%	36	0,2%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	7.924	50,8%	7.643	49,0%	34	0,2%
NOVA HOLANDA	13.799	7.054	51,1%	6.705	48,6%	39	0,3%
PARQUE MARÉ	13.164	6.850	52,0%	6.302	47,9%	12	0,1%
VILA DO JOÃO	13.046	6.617	50,7%	6.400	49,1%	29	0,2%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	4.741	50,8%	4.580	49,1%	9	0,1%
PQ. ROQUETE PINTO	8.132	4.138	50,9%	3.981	49,0%	13	0,2%
SALSA E MERENGUE	6.791	3.462	51,0%	3.312	48,8%	16	0,2%
MORRO DO TIMBAU	6.709	3.445	51,3%	3.248	48,4%	16	0,2%
MARCÍLIO DIAS	6.342	3.179	50,1%	3.149	49,7%	14	0,2%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	3.061	49,2%	3.154	50,7%	7	0,1%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	2.657	49,6%	2.694	50,3%	5	0,1%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	2.137	53,1%	1.889	46,9%	1	0,0%
CONJ. BENTO R. DANTAS	3.553	1.864	52,5%	1.676	47,2%	13	0,4%
PRAIA DE RAMOS	3.221	1.672	51,9%	1.548	48,0%	1	0,0%
NOVA MARÉ	3.215	1.652	51,4%	1.561	48,5%	2	0,1%

Coerente a outro perfil demográfico bastante comum, os homens predominam numericamente ao longo da infância — no caso, até a faixa etária de 10 a 14 anos — e são, a partir da adolescência, superados pelo contingente feminino.

Como esperado, os dados sinalizam que os óbitos vão incidindo mais precocemente sobre os homens do que sobre as mulheres no decorrer da existência. Esta tendência é pertinente, já que

não há evidências de qualquer êxodo específico de homens em algum período da história da Maré. Entretanto, além de várias morbidades serem precoces entre os homens quando considerados os fatores de risco aos quais estão expostos¹⁴, eles também são mais vitimados por causas externas¹⁵, tais como homicídio, acidente de trânsito, afogamento etc.

Encontrar meios de fazer a prevenção da saúde masculina, reorientar a política de segurança pública e combater outros aspectos que contribuem para as mortes por causas externas, tal como o machismo, com seus códigos de honra centrados na demonstração de virilidade e na competição, constituem um leque de ações necessário para a proteção da população masculina.

¹⁴ Lourenço, Roberto A.; Lins, Raquel G. Saúde do homem: aspectos demográficos e epidemiológicos do envelhecimento masculino. Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto, Vol. 9 (Supl. 1), 2010. Disponível em http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=248. Acesso em janeiro/2018.

¹⁵ Moura, Erly Catarina de; et al. Desigualdades de gênero na mortalidade por causas externas no Brasil, 2010. Ciência & Saúde Coletiva, v.20, n.3, p.779-788, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n3/pt_1413-8123-csc-20-03-00779.pdf. Acesso em janeiro/2018.

TABELA 3 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO O SEXO, POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL	MULHERES		HOMENS		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL GERAL	139.073	70.878	51,0%	67.948	48,9%	248	0,2%
0 A 4 ANOS	10.244	5.096	49,7%	5.129	50,1%	18	0,2%
5 A 9 ANOS	11.404	5.582	49,0%	5.809	50,9%	13	0,1%
10 A 14 ANOS	12.386	6.175	49,9%	6.197	50,0%	13	0,1%
15 A 19 ANOS	11.961	6.042	50,5%	5.911	49,4%	8	0,1%
20 A 24 ANOS	12.461	6.416	51,5%	6.034	48,4%	11	0,1%
25 A 29 ANOS	13.666	6.949	50,8%	6.709	49,1%	9	0,1%
30 A 34 ANOS	13.549	6.867	50,7%	6.674	49,3%	8	0,1%
35 A 39 ANOS	12.840	6.444	50,2%	6.390	49,8%	6	0,0%
40 A 44 ANOS	9.785	4.894	50,0%	4.887	49,9%	4	0,0%
45 A 49 ANOS	8.030	4.080	50,8%	3.947	49,2%	2	0,0%
50 A 54 ANOS	6.516	3.376	51,8%	3.136	48,1%	5	0,1%
55 A 59 ANOS	4.905	2.586	52,7%	2.319	47,3%	-	-
60 A 64 ANOS	3.712	2.046	55,1%	1.660	44,7%	6	0,2%
65 A 69 ANOS	2.564	1.433	55,9%	1.131	44,1%	-	-
70 A 74 ANOS	1.781	1.049	58,9%	732	41,1%	-	-
75 A 79 ANOS	1.164	704	60,5%	459	39,4%	1	0,1%
80 A 84 ANOS	623	401	64,3%	222	35,7%	-	-
85 A 89 ANOS	316	217	68,6%	99	31,4%	-	-
90-94 ANOS	102	73	72,1%	28	27,9%	-	-
95 ANOS OU MAIS	32	25	77,9%	7	22,1%	-	-
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032	422	40,9%	467	45,3%	143	13,8%

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

03

PERFIL ÉTNICO-RACIAL

Abordar a composição da população em suas especificidades étnico-raciais é decisivo para a compreensão das condições de vida nos espaços populares cariocas, sobretudo pela presença significativa de negros ou negras¹⁶. A Tabela 4 mostra a distribuição cor/raça da população residente na Maré, de acordo com sua autodeclaração (na verdade, a declaração relativa a todos os moradores do domicílio cabe à pessoa entrevistada).

O registro de cor/raça obedeceu à classificação do IBGE, sobretudo, para a construção de comparações analíticas com outros espaços da cidade. O Censo 2010 do IBGE identificou que as pessoas declaradas como brancas são predominantes, seguidas pelas pardas, no Brasil (48% e 43%), no Estado do Rio de Janeiro (47% e 39%) e no município do Rio de Janeiro (51% e 37%), mas na Maré as posições se alternam (as pardas são 49,7% e as brancas, 37,6%), assim como no conjunto das favelas cariocas. Aliás, o predomínio de pessoas pardas no conjunto dos aglomerados subnormais é uma tendência que se repete nos dados gerais das grandes regiões brasileiras, com exceção da Região Sul.

Os dados coletados no Censo Maré foram semelhantes aos do IBGE: 52,9% das pessoas residentes foram declaradas como pardas, 36,6% como brancas e 9,2% como pretas. Destaca-se o fato de que em todas as comunidades a ordem pardas — brancas — pretas se repetiu.

O predomínio de pessoas pardas na Maré tem explicação na maior frequência de matrimônios interraciais nos segmentos sociais populares e, de forma particular, na forte presença de nordestinos¹⁷. Como se verá adiante, um em cada quatro moradores da Maré nasceu no Nordeste. Não obstante, a cor parda, mesmo que por influência da naturalidade em outra região do país, não exclui a descendência em potencial da árvore afrobrasileira.

Em todo caso, se tomado como referência o recorte antropológico, é muito significativa a presença de afrodescendentes na Maré, razoavelmente acima da média nacional. Pelo que foi declarado, ao menos 62,1% dos moradores têm cor preta ou parda, demarcando uma presença étnico-racial que, de forma geral, como já mencionado, é a realidade típica na composição das favelas cariocas, bem como no conjunto das periferias brasileiras.

Observam-se diferentes perfis na identificação de cor da pele entre as comunidades da Maré: onde há maior percentual de pessoas declaradas como brancas são as do Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro e Parque União, com 44,0%, 43,1% e 42,1%, respectivamente. Em Roquete Pinto, com 28,7%, e Nova Holanda, com 29,6%, estão as menores concentrações, abaixo de 30%.

No tocante às pessoas declaradas pretas, Nova Holanda, com 18,5%, tem a maior concentração, seguida por Nova Maré, com 14,7%, Salsa e Merengue, com 13,0%, e Bento Ribeiro Dantas, com 12,0%. A menor presença se faz na comunidade do Parque União, com 5%, seguida de Roquete Pinto e Marcílio Dias, com 5,3% e 5,9%, respectivamente.



62,1%

dos moradores foram declarados como pretos ou pardos

¹⁶ Aqui, reunimos todos os que se inserem nas categorias preta e parda, considerando que há muita similaridade entre suas condições socioeconômicas, culturais e históricas e, em geral, podem ser incluídos na população de afrodescendentes, especialmente, no caso da população do Rio de Janeiro. Como é sabido, por exemplo, durante quase todo o período escravocrata no Brasil, os filhos de escravos nasciam escravos, independentemente da cor da pele e da origem do pai.

¹⁷ Segundo o Censo 2010 do IBGE, 59,4% da população da Região Nordeste é composta por pardos, ficando atrás apenas da Região Norte, que totaliza 66,9%. No Sudeste, são 35,7%, enquanto a média brasileira é de 43,1%.

TABELA 4 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A COR OU RAÇA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	PARDA		BRANCA		PRETA		INDÍGENA		AMARELA		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	139.073	73.576	52,9%	50.871	36,6%	12.750	9,2%	845	0,6%	761	0,5%	270	0,2%
PARQUE UNIÃO	20.567	10.640	51,7%	8.665	42,1%	1.019	5,0%	107	0,5%	106	0,5%	31	0,1%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	8.929	57,2%	5.022	32,2%	1.401	9,0%	124	0,8%	99	0,6%	26	0,2%
NOVA HOLANDA	13.799	6.912	50,1%	4.089	29,6%	2.558	18,5%	144	1,0%	70	0,5%	24	0,2%
PARQUE MARÉ	13.164	6.840	52,0%	4.805	36,5%	1.209	9,2%	229	1,7%	65	0,5%	17	0,1%
VILA DO JOÃO	13.046	6.945	53,2%	4.899	37,5%	1.101	8,4%	12	0,1%	70	0,5%	19	0,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	4.562	48,9%	4.020	43,1%	645	6,9%	14	0,1%	73	0,8%	16	0,2%
PQ. ROQUETE PINTO	8.132	5.303	65,2%	2.335	28,7%	433	5,3%	6	0,1%	24	0,3%	32	0,4%
SALSA E MERENGUE	6.791	3.610	53,2%	2.256	33,2%	881	13,0%	5	0,1%	27	0,4%	12	0,2%
MORRO DO TIMBAU	6.709	3.206	47,8%	2.951	44,0%	496	7,4%	18	0,3%	27	0,4%	11	0,2%
MARCÍLIO DIAS	6.342	3.705	58,4%	2.238	35,3%	372	5,9%		0,0%	18	0,3%	9	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	3.101	49,8%	2.467	39,7%	533	8,6%	61	1,0%	46	0,7%	14	0,2%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	2.693	50,3%	2.076	38,8%	484	9,0%	19	0,4%	66	1,2%	19	0,3%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	2.096	52,0%	1.444	35,8%	412	10,2%	54	1,3%	21	0,5%	1	0,0%
CONJ. BENTO R. DANTAS	3.553	1.707	48,0%	1.346	37,9%	428	12,0%	40	1,1%	25	0,7%	8	0,2%
PRAIA DE RAMOS	3.221	1.825	56,7%	1.057	32,8%	305	9,5%		0,0%	13	0,4%	21	0,6%
NOVA MARÉ	3.215	1.503	46,7%	1.203	37,4%	473	14,7%	11	0,4%	14	0,4%	11	0,4%

TABELA 5 | PERCENTUAL DE PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A COR OU RAÇA POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	PARDA	BRANCA	PRETA	INDÍGENA	AMARELA	SEM RESPOSTA	TOTAL
	%	%	%	%	%	%	%
0 A 14 ANOS	53,8%	36,9%	7,4%	1,0%	0,6%	0,3%	100%
15 A 29 ANOS	54,0%	36,1%	8,8%	0,5%	0,5%	0,2%	100%
30 A 59 ANOS	52,5%	36,3%	10,0%	0,5%	0,6%	0,2%	100%
60 ANOS OU MAIS	47,7%	39,2%	11,8%	0,6%	0,6%	0,2%	100%
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	55,2%	32,5%	11,0%	0,6%	0,3%	0,4%	100%
TOTAL GERAL	52,9%	36,6%	9,2%	0,6%	0,5%	0,2%	100%

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" para a faixa etária são maiores de 15 anos.

TABELA 6 | PERCENTUAL DE PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A COR OU RAÇA POR SEXO

SEXO	PARDA	BRANCA	PRETA	INDÍGENA	AMARELA	SEM RESPOSTA	TOTAL
	%	%	%	%	%	%	%
MULHERES	52,2%	37,5%	9,0%	0,6%	0,5%	0,2%	100%
HOMENS	53,7%	35,6%	9,3%	0,6%	0,6%	0,2%	100%
SEM RESPOSTA	51,4%	35,3%	12,2%	0,0%	0,5%	0,5%	100%
TOTAL GERAL	52,9%	36,6%	9,2%	0,6%	0,5%	0,2%	100%

04

PRESENÇA DE CRIANÇAS E JOVENS



A população da Maré é majoritariamente jovem: 51,9% têm menos de 30 anos. Se observada a faixa etária de 0 a 14 anos, são 34.034 crianças ou 24,5%, isto é, um em cada quatro moradores da Maré. Mudando o intervalo etário para o de 15 a 29 anos, verificam-se 38.088 jovens ou 27,4% do total.

Em contrapartida, a população com 60 anos ou mais alcança apenas 7,4% do conjunto dos residentes da Maré. A tendência é que esse percentual cresça nas duas próximas décadas em razão do aumento da esperança de vida e da redução da população infantil (resultante da queda da taxa de fecundidade) em curso. Porém, é gritante a pequena participação demográfica dos idosos na Maré, consequência das difíceis condições de vida dos seus moradores ao longo da história.¹⁸

A maior concentração de crianças de 0 a 14 anos encontra-se na Nova Maré — 32,8%. Essa elevada concentração pode ser uma consequência de condições mais acentuadas de pobreza e, *pari passu*, um fator de sua reprodução. Nas demais comunidades, a concentração de crianças varia de 27,1%, em Salsa e Merengue, a 20,2%, em Rubens Vaz.

A distribuição de jovens entre 15 e 29 anos é, proporcionalmente, bastante equilibrada na Maré, variando de 29,5%, no Parque União, a 24,0%, no Morro do Timbau.

¹⁸ Segundo o Censo 2010 do IBGE, os maiores de 60 anos representam 14,9% da população na cidade do Rio de Janeiro e 7,0% na Maré, ou seja, menos da metade.

TABELA 7 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	POPULAÇÃO			
	PESSOAS	%	PESSOAS (TOTAL ACUMULADO)	% ACUMULADO
TOTAL	139.073	100%	-	-
0 A 4 ANOS	10.244	7,4%	10.244	7,4%
5 A 9 ANOS	11.404	8,2%	21.648	15,6%
10 A 14 ANOS	12.386	8,9%	34.034	24,5%
15 A 19 ANOS	11.961	8,6%	45.995	33,1%
20 A 24 ANOS	12.461	9,0%	58.455	42,0%
25 A 29 ANOS	13.666	9,8%	72.122	51,9%
30 A 34 ANOS	13.549	9,7%	85.670	61,6%
35 A 39 ANOS	12.840	9,2%	98.510	70,8%
40 A 44 ANOS	9.785	7,0%	108.296	77,9%
45 A 49 ANOS	8.030	5,8%	116.325	83,6%
50 A 54 ANOS	6.516	4,7%	122.841	88,3%
55 A 59 ANOS	4.905	3,5%	127.747	91,9%
60 A 64 ANOS	3.712	2,7%	131.459	94,5%
65 A 69 ANOS	2.564	1,8%	134.023	96,4%
70 A 74 ANOS	1.781	1,3%	135.804	97,6%
75 A 79 ANOS	1.164	0,8%	136.968	98,5%
80 A 84 ANOS	623	0,4%	137.591	98,9%
85 A 89 ANOS	316	0,2%	137.907	99,2%
90 A 94 ANOS	102	0,1%	138.009	99,2%
95 ANOS OU MAIS	32	0,0%	138.041	99,3%
SEM REPOSTA ⁽¹⁾	1.032	0,7%	139.073	100,0%

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

A coorte com idade a partir de 60 anos está mais concentrada no Morro do Timbau, com 11,1%, e na Baixa do Sapateiro, com 10,4%. As menores concentrações estão em Salsa e Merengue, com 4,3%, e Nova Maré, com 4,4%. Vale destacar o nexo entre esses resultados e o tempo de consolidação das comunidades: as duas mais antigas possuem a maior concentração de idosos e as duas mais recentes, a menor.

FAIXAS ETÁRIAS NA MARÉ

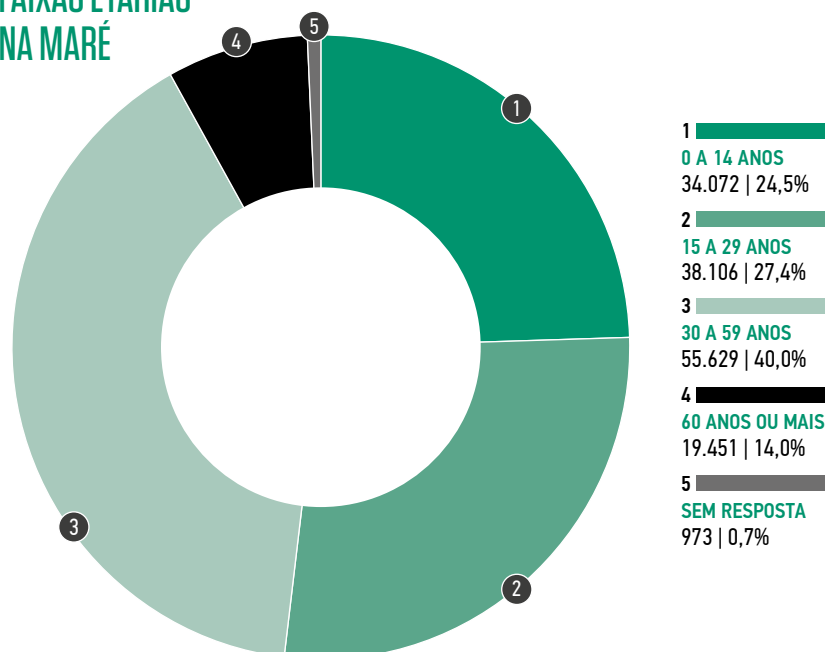


TABELA 8 | PERCENTUAL DE PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL		0 A 14 ANOS	15 A 29 ANOS	30 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	SEM RESPOSTA ⁽¹⁾
	HAB	%	%	%	%	%	%
MARÉ	139.073	100%	24,5%	27,4%	40,0%	7,4%	0,7%
PARQUE UNIÃO	20.567	100%	23,0%	29,5%	40,5%	6,2%	0,7%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	100%	25,5%	27,1%	38,4%	7,6%	1,4%
NOVA HOLANDA	13.799	100%	26,9%	27,4%	37,7%	7,1%	1,0%
PARQUE MARÉ	13.164	100%	24,3%	27,5%	38,7%	9,2%	0,3%
VILA DO JOÃO	13.046	100%	24,3%	28,7%	40,8%	5,4%	0,7%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	100%	22,0%	26,1%	40,8%	10,4%	0,6%
PQ. ROQUETE PINTO	8.132	100%	25,9%	24,6%	42,2%	7,0%	0,4%
SALSA E MERENGUE	6.791	100%	27,1%	29,3%	38,3%	4,3%	0,9%
MORRO DO TIMBAU	6.709	100%	22,8%	24,0%	41,3%	11,1%	0,8%
MARCÍLIO DIAS	6.342	100%	26,4%	25,1%	40,6%	7,4%	0,5%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	100%	20,2%	29,3%	41,5%	8,0%	1,0%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	100%	21,4%	25,0%	46,3%	6,7%	0,5%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	100%	21,7%	26,8%	42,6%	8,4%	0,4%
CONJ. BENTO R. DANTAS	3.553	100%	26,2%	28,0%	37,5%	7,2%	1,0%
PRAIA DE RAMOS	3.221	100%	23,4%	26,4%	40,6%	9,1%	0,4%
NOVA MARÉ	3.215	100%	32,8%	29,2%	33,2%	4,4%	0,3%

(1) Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

Um dos indicadores sociais mais utilizados nas análises demográficas é a Razão de Dependência, que compara o tamanho da população potencialmente inativa, composta por crianças e idosos, e o tamanho da população potencialmente produtiva, formada pelos adultos. A Razão de Dependência demográfica pressupõe que crianças e idosos de uma população são dependentes economicamente dos demais. Este indicador é obtido através do quociente entre o número de pessoas nestes contingentes, multiplicado por 100. No cálculo, é usual considerar as pessoas com idade inferior a 15 anos ou acima de 65 anos completos como potencialmente inativas e as pessoas com idade entre 15 e 64 anos, potencialmente produtivas.

No entanto, para manter a conformidade com a Política Nacional do Idoso (Lei nº. 8.842, de 4 de janeiro de 1994), também será calculada aqui a Razão de Dependência com base na coorte acima de 60 anos para a população idosa e de 15 a 59 anos para a população potencialmente produtiva.

A Razão de Dependência Total (RDT) também pode ser decomposta em Razão de Dependência Jovem (RDJ) ou de idosos (RDI), que considera somente uma das coortes inativas em relação à coorte produtiva. A Tabela 9 mostra as razões de dependência total e decompostas em cada comunidade da Maré.

TABELA 9 | RAZÃO DE DEPENDÊNCIA TOTAL (RDT), DE JOVENS (RDJ) E DE IDOSOS (RDI), NA MARÉ E POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	RAZÃO DE DEPENDÊNCIA			
	RDT		RDJ	RDI
	0 A 14 ANOS + 65 ANOS OU MAIS	0 A 14 ANOS + 60 ANOS OU MAIS	0 A 14 ANOS	65 ANOS OU MAIS
MARÉ	41,7	47,3	34,9	6,8
NOVA MARÉ	55,6	59,7	51,3	4,3
NOVA HOLANDA	47,0	52,1	39,9	7,1
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	45,7	51,1	38,6	7,1
MARCÍLIO DIAS	45,0	51,4	38,5	6,5
MORRO DO TIMBAU	44,3	52,0	33,2	11,1
VILA DOS PINHEIROS	44,2	50,5	37,3	6,9
PARQUE ROQUETE PINTO	44,0	49,2	37,4	6,6
PARQUE MARÉ	43,8	50,6	35,1	8,7
SALSA E MERENGUE	42,6	46,6	39,1	3,5
BAIXA DO SAPATEIRO	41,6	48,5	31,4	10,2
PRAIA DE RAMOS	41,5	48,7	33,3	8,2
VILA DO JOÃO	38,6	42,8	34,0	4,6
PARQUE UNIÃO	37,2	41,8	31,8	5,4
CONJUNTO PINHEIROS	36,9	43,4	29,8	7,1
PARQUE RUBENS VAZ	34,1	39,7	27,3	6,8
CONJUNTO ESPERANÇA	33,9	39,5	28,9	5,0

Assim, com base na Razão de Dependência Total (RDT), supõe-se que para cada 100 pessoas produtivas na Maré, há 41,7 pessoas dependentes. No mesmo ano, segundo a PNAD 2013, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro apontou uma RDT de 43,1 pessoas.

No entanto, a observação da Razão de Dependência decomposta — RDJ e RDI — mostra diferenças significativas. Enquanto a RDJ da Maré é de 34,9 crianças para cada 100 pessoas produtivas, na Região Metropolitana é de 27,3. De igual sorte está a diferença relativa à RDI, uma vez que são apenas 6,8 pessoas idosas para cada 100 produtivas na Maré, ao passo que na Região Metropolitana são 15,8, o que evidencia o peso expressivo da população infantil na Maré. A decomposição desse indicador resume — e reitera — o peso expressivo da população infantil e a restrita longevidade das pessoas na Maré.

Desagregando por comunidade, observa-se que a maior RDT ocorre na Nova Maré e a menor, no Conjunto Esperança — 55,6 e 33,9, respectivamente.

A Nova Maré apresenta a maior RDJ (51,3), seguida da Nova Holanda (39,9). As menores ocorrem em Rubens Vaz (27,3) e no Conjunto Esperança (28,9).

A RDI reitera a possível relação com o tempo de existência das comunidades: as duas mais recentes têm as menores razões e as duas mais antigas, as maiores. Em Salsa e Merengue (criada em 2000) e Nova Maré (em 1996) observam-se razões de 3,5 e 4,3, respectivamente. Já no Morro do Timbau (de 1940) e na Baixa do Sapateiro (de 1947), as respectivas razões são de 11,1 e 10,2 pessoas idosas para cada 100 moradores entre 15 e 64 anos.

A presença majoritária da população infantil e juvenil na Maré acompanha e reitera uma característica dos espaços populares (favelas e periferias urbanas) no Brasil. Essa presença é pensada, tradicionalmente, a partir de investimentos necessários para a garantia dos direitos plenos de cidadania: educação, cultura, esporte, geração de renda, saúde, mobilidade, além da proteção promovida por órgãos específicos como, por exemplo, o Conselho Tutelar. No entanto, para além de uma visão economicista ou restrita à problematização das demandas infanto-juvenis, a expressão demográfica desse contingente é um elemento que torna a vida na favela intensa, criativa, dominada pela presença de brincadeiras coletivas nos espaços públicos e por uma permanente circulação e mobilidade nos espaços públicos, visto que um grande número de crianças e jovens se socializa de forma ampliada e cotidiana nas ruas e esquinas das favelas locais. Neste sentido, trata-se de um imenso espaço de criação cultural, de iniciativas no campo do trabalho e de inovação em termos de experiências cotidianas de vida. Esses elementos são centrais para a compreensão da pluralidade de manifestações e potenciais encontrados nas favelas da Maré, entre outros territórios com perfis similares. Melhor dizendo, o predomínio de crianças e jovens pode ser entendido apenas pela chave do problema socioeconômico da dependência ou, com outra ótica, como um dado de potencialidade, de criação, de outro futuro possível... Que ângulo deve ser o do gestor público e da sociedade civil organizada?



A PRESENÇA MAJORITÁRIA DA POPULAÇÃO INFANTIL E JUVENIL É UM ELEMENTO QUE TORNA A VIDA NA FAVELA INTENSA, CRIATIVA, DOMINADA PELA PRESENÇA DE BRINCADEIRAS COLETIVAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS E POR UMA PERMANENTE CIRCULAÇÃO E MOBILIDADE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS, VISTO QUE UM GRANDE NÚMERO DE CRIANÇAS E JOVENS SE SOCIALIZA DE FORMA AMPLIADA E COTIDIANA NAS RUAS E ESQUINAS DAS FAVELAS LOCAIS”

05

NATURALIDADE E TEMPO DE MORADIA: A PRESENÇA NORDESTINA NA MARÉ

A visita a um bairro periférico em uma metrópole inglesa ou norte-americana impressiona pela pluralidade de nacionalidades. Isso é, obviamente, herança da história colonialista/imperialista desses países e do poderio econômico que os mesmos ainda têm. Provavelmente, se o Rio de Janeiro fosse uma típica metrópole cosmopolita, haveria um fenômeno similar na Maré. No entanto, não é o que ocorre: o número de moradores entrevistados que se declaram brasileiros é quase universal.

Apenas 278 (0,2% do total) moradores foram identificados como estrangeiros. A vivência no cotidiano da favela permite supor que o número seja maior, pois há, por exemplo, uma localidade chamada de “bairro dos angolanos”.¹⁹ Em todo caso, foram contados 195 angolanos, 56 deles somente na Vila dos Pinheiros.

TABELA 10 | ESTRANGEIROS RESIDENTES NA MARÉ POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	ESTRANGEIROS	
		PESSOAS	%
MARÉ	139.073	278	0,2%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	68	0,4%
PARQUE UNIÃO	20.567	38	0,2%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	38	0,7%
SALSA E MERENGUE	6.791	33	0,5%
VILA DO JOÃO	13.046	18	0,1%
PARQUE MARÉ	13.164	17	0,1%
MORRO DO TIMBAU	6.709	15	0,2%
NOVA HOLANDA	13.799	11	0,1%
PRAIA DE RAMOS	3.221	10	0,3%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	3.553	8	0,2%
PARQUE ROQUETE PINTO	8.132	7	0,1%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	7	0,2%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	3	0,0%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	3	0,1%
MARCÍLIO DIAS	6.342	2	0,0%
NOVA MARÉ	3.215	-	-

TABELA 11 | ESTRANGEIROS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO O SEXO, POR PAÍS DE NASCIMENTO

PAÍS	TOTAL		MULHERES HAB	HOMENS HAB	SEM RES-POSTA HAB
	HAB	%			
TOTAL GERAL	278	100%	71	204	3
ANGOLA	195	70,1%	43	151	1
PORTUGAL	24	8,6%	10	14	-
PERU	15	5,4%	7	8	-
CHINA	15	5,4%	6	9	-
ARGENTINA	4	1,4%	-	4	-
MOÇAMBIQUE	4	1,4%	1	3	-
ESPAÑHA	4	1,4%	-	4	-
CONGO-BRAZZAVILLE	3	1,1%	-	2	1
ITÁLIA	3	1,1%	2	1	-
BOLÍVIA	2	0,7%	1	1	-
CABO VERDE	1	0,4%	-	-	1
GANÁ	1	0,4%	-	1	-
ARÁBIA SAUDITA	1	0,4%	-	1	-
COLÔMBIA	1	0,4%	-	1	-
JAMAICA	1	0,4%	-	1	-
QUÊNIA	1	0,4%	1	-	-
S/ RESPOSTA	3	1,1%	-	3	-

¹⁹ Se houve subnotificação, esta pode ter sido causada por receio de alguns entrevistados em razão de uma eventual ilegalidade no processo migratório. Apenas com um estudo específico sobre a presença estrangeira na Maré essa hipótese pode ser verificada. Mas cabe considerar que a pessoa que declara possuir mais de uma residência, só era contada no Censo se a principal fosse na Maré.

TABELA 12 | ESTRANGEIROS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A COMUNIDADE, POR PAÍS DE NASCIMENTO

PAÍS DE NASCIMENTO	UNIDADE TERRITORIAL															
	MARÉ	VILA DOS PINHEIROS	CONJUNTO ESPERANÇA	PARQUE UNIÃO	SALSA E MERENGUE	VILA DO JOÃO	PARQUE MARÉ	MORRO DO TIMBAU	NOVA HOLANDA	PRAIA DE RAMOS	CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS	CONJUNTO PINHEIROS	PARQUE ROQUETE PINTO	PARQUE RUBENS VAZ	BAIXA DO SAPATEIRO	MARCÍLIO DIAS
TOTAL GERAL	278	68	38	38	33	18	17	15	11	10	8	7	7	3	2	2
ANGOLA	195	56	36	26	32	16	4	1	5	8	2	5	1	3		
PORTUGAL	24			3			1	4	4	2	4	1	2		1	2
PERU	15	1		5				9								
CHINA	15	5					7						3			
ARGENTINA	4	1				2	1									
ESPAÑA	4			1			2	1								
MOÇAMBIQUE	4	3										1				
BOLÍVIA	2			1					1							
CONGO-BRAZZAVILLE	3	2											1			
ITÁLIA	3						1								2	
ARÁBIA SAUDITA	1						1									
CABO VERDE	1				1											
COLÔMBIA	1								1							
GANÁ	1		1													
JAMAICA	1			1												
QUÊNIA	1			1												
SEM RESPOSTA	3		1								2					

O povo da Maré não é só brasileiro, mas é também *mareense*: o percentual de moradores que afirma viver nela desde que nasceu é muito expressivo: quase 62%. Na análise por comunidade, os percentuais da Nova Maré e de Marcílio Dias são impressionantes: respectivamente, 91% e 83% dos moradores vivem ali desde que nasceram. E cabe considerar, ainda, aqueles que nasceram em outra localidade, mas vivem na Maré há décadas.

O caso de Nova Maré é singular, pois se trata de uma comunidade recente, com pouco mais de 20 anos. Assim, os dados refletem que a maior parte de seus moradores pertencem a outras comunidades na própria Maré, evidenciando a força da migração interna. Por outro lado, Bento Ribeiro Dantas, conjunto habitacional construído no mesmo período, tem um percentual bem menor. Isso sugere que o processo de fixação da população original desses conjuntos — moradores de área de risco, moradores de rua e afins — foi mais característico no último.

A dinâmica da violência na Nova Maré pode ser uma das causas da possível saída dos ocupantes originais, uma vez que ali está a fronteira entre as principais facções rivais do comércio de drogas local. Este fato pode ter configurado a repulsão dos moradores que vieram de fora da Maré e, simultaneamente, a atração de pessoas que, extremamente pobres e já adaptadas ao cotidiano



61,8%

dos moradores vivem na Maré desde que nasceram

²⁰ Um dado que vai ao encontro dessa suposição é relativo à situação conjugal dos moradores maiores de 10 anos de idade, também apurado nesse estudo e que será apresentado adiante: a Nova Maré tem o menor percentual de pessoas que vivem em união estável e o maior percentual de pessoas solteiras que nunca tiveram a experiência matrimonial. Isso se mostra coerente à premissa de que se trata de uma localidade menos atrativa para estratégias de moradia familiar ou de casais com planos de ter filhos.

da Maré, tendem a se resignar um pouco mais frente aos riscos existentes na localidade²⁰. Outra hipótese pode ter sido a hipossuficiência dos ocupantes originais, em função do seu grau de vulnerabilidade e da escassez de políticas de apoio à inclusão social. Apenas um estudo específico poderá explicar com convicção esses dados.

O Parque União, por sua vez, é a comunidade com o menor percentual de moradores nativos: pouco mais de 41%. Nos últimos 25 anos, a referida favela passou por uma expansão considerável na franja voltada para a Avenida Brigadeiro Trompowski. Essa ocupação recente, conhecida como Sem Terra, atraiu pessoas de fora e ainda movimentou o mercado de imóveis local. Também cabe considerar que o Parque União é a favela com o maior percentual de imóveis que não são próprios dos respectivos residentes (53,8%), e 90% deles são alugados. Em toda essa localidade é visível o vigor do comércio e dos serviços, o que, ao longo da história, afetou positivamente a renda de seus moradores. Se, por um lado, o dinamismo da economia local pode contribuir para a atração e a fixação de pessoas em busca de trabalho, por outro, pode estimular a emigração daqueles que conseguem melhorar o padrão de renda.

Entretanto, cabe salientar que, em termos gerais, a estabilidade da residência é um fenômeno que se distribui de forma equilibrada na Maré.

TABELA 13 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A RESIDÊNCIA OU NÃO NA MARÉ DESDE O NASCIMENTO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM, DESDE QUE NASCEU				NÃO		SEM RESPOSTA	
		SEM INTERRUPTÃO		COM INTERRUPTÃO		HAB	%	HAB	%
		HAB	%	HAB	%				
MARÉ	139.073	84.908	61,1%	925	0,7%	53.062	38,2%	178	0,1%
PARQUE UNIÃO	20.567	8.449	41,1%	170	0,8%	11.931	58,0%	17	0,1%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	10.422	66,8%	99	0,6%	5.058	32,4%	22	0,1%
NOVA HOLANDA	13.799	9.547	69,2%	143	1,0%	4.090	29,6%	18	0,1%
PARQUE MARÉ	13.164	7.767	59,0%	90	0,7%	5.287	40,2%	19	0,1%
VILA DO JOÃO	13.046	7.145	54,8%	91	0,7%	5.798	44,4%	12	0,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	6.291	67,4%	85	0,9%	2.938	31,5%	15	0,2%
PARQUE ROQUETE PINTO	8.132	6.272	77,1%	5	0,1%	1.846	22,7%	9	0,1%
SALSA E MERENGUE	6.791	4.371	64,4%	21	0,3%	2.392	35,2%	6	0,1%
MORRO DO TIMBAU	6.709	4.886	72,8%	66	1,0%	1.755	26,2%	2	0,0%
MARCÍLIO DIAS	6.342	5.244	82,7%	16	0,2%	1.077	17,0%	4	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	3.004	48,3%	39	0,6%	3.173	51,0%	7	0,1%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	2.512	46,9%	26	0,5%	2.798	52,2%	20	0,4%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	2.013	50,0%	16	0,4%	1.991	49,4%	7	0,2%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	3.553	1.769	49,8%	13	0,4%	1.769	49,8%	2	0,1%
PRAIA DE RAMOS	3.221	2.314	71,8%	26	0,8%	873	27,1%	8	0,2%
NOVA MARÉ	3.215	2.903	90,3%	20	0,6%	284	8,9%	7	0,2%

TABELA 14 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA, POR TEMPO DE MORADIA NA MARÉ

TEMPO DE MORADIA	FAIXA ETÁRIA								
	TOTAL GERAL	0 A 9 ANOS	10 A 19 ANOS	20 A 29 ANOS	30 A 39 ANOS	40 A 49 ANOS	50 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	SEM RESPOSTA
TOTAL GERAL	51.850	1.526	4.187	10.552	11.571	9.254	6.787	7.557	416
0 A 9 ANOS	18.995	1.526	2.732	7.103	4.394	1.865	746	481	147
10 A 19 ANOS	12.637	-	1.233	2.403	4.637	2.527	1.050	686	99
20 A 29 ANOS	7.093	-	-	657	1.556	2.539	1.455	841	46
30 A 39 ANOS	5.424	-	-	-	592	1.364	1.923	1.502	42
40 A 49 ANOS	3.907	-	-	-	-	628	1.087	2.171	21
50 A 59 ANOS	1.538	-	-	-	-	-	314	1.212	12
60 ANOS OU MAIS	423	-	-	-	-	-	-	421	2
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	1.832	-	222	388	392	330	212	242	47

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

Como se sabe, as favelas cariocas têm uma forte presença de dois grupos populacionais característicos, negros e nordestinos. As favelas mais antigas contam com um grande número de pessoas negras, em geral, naturais do Rio de Janeiro, resultado da histórica ineficiência das políticas públicas em garantir a todos o direito à moradia com qualidade. Foi esse contingente populacional, então, o principal responsável pela criação da favela e sua transformação em alternativa para o exercício do direito à cidade entre os mais pobres. A partir da década de 1950, o processo de ampliação e espacialização das favelas do Rio de Janeiro foi reforçado pela intensa imigração de nordestinos.²¹

Segundo dados da PNAD 2013²², os nordestinos representam pouco mais de 9% da população metropolitana fluminense. Apesar do saldo migratório de nordestinos para a cidade do Rio de Janeiro ser negativo há, pelo menos, duas décadas ²³, a concentração na Maré continua sendo bem mais expressiva: 25,8% dos moradores. Esse processo gerou uma rica combinação cultural na população da Maré.

²¹ Embora o fluxo migratório seja movido, na maioria das vezes, por estratégias econômicas, os traços culturais e étnicos e a rede de parentesco também são componentes decisivos em sua configuração e dinâmica. In: Patarra, Neide Lopes; Baeninger, Rosana. Mobilidade espacial da população no Mercosul: Metrôpoles e Fronteiras. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 21 n°. 60 fevereiro/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v21n60/29762.pdf>. Acesso em janeiro/2018.

²² IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2013.

²³ Queiroz, Silvana Nunes; Santos, José Márcio dos. Saldos Migratórios: Uma Análise por Estados e Regiões do Brasil (1986-2006). Documentos Técnico-Científicos. Volume 42,º 02. Abril-Junho de 2011. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1244. Acesso em janeiro/2018.

TABELA 15 | RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO O LOCAL DE NASCIMENTO

REGIÃO LOCAL DE ORIGEM	HAB	% SOBRE OS HAB. DA MARÉ
TOTAL GERAL	139.073	100%
SUDESTE	101.617	73,1%
NASCIDOS NA MARÉ	85.834	61,7%
MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO FORA DA MARÉ	9.685	7,0%
OUTRAS CIDADES DO RJ	2.638	1,9%
SP-MG-ES	3.355	2,4%
SEM RESPOSTA	105	0,1%
NORDESTE	35.888	25,8%
NORTE	535	0,4%
SUL	195	0,1%
CENTRO-OESTE	173	0,1%
ESTRANGEIRO	278	0,2%
SEM RESPOSTA	387	0,3%
NÃO NASCERAM NA MARÉ	319	0,23%
SEM RESPOSTA	68	0,05%

TABELA 16 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ E PESSOAS NASCIDAS NO BRASIL, EXCETO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (E SEM RESPOSTA), SEGUNDO A REGIÃO GEOGRÁFICA DE NASCIMENTO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	NORDESTE		SUDESTE, EXCETO RIO DE JANEIRO E SEM RESPOSTA		NORTE		CENTRO-OESTE		SUL		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	139.073	35.888	25,8%	5.993	4,3%	535	0,4%	173	0,1%	195	0,1%	387	0,3%
PARQUE UNIÃO	20.567	9.085	44,2%	1.002	4,9%	124	0,6%	45	0,2%	34	0,2%	37	0,2%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	3.511	22,5%	525	3,4%	51	0,3%	11	0,1%	30	0,2%	62	0,4%
NOVA HOLANDA	13.799	2.528	18,3%	553	4,0%	38	0,3%	10	0,1%	14	0,1%	18	0,1%
PARQUE MARÉ	13.164	3.759	28,6%	682	5,2%	59	0,4%	17	0,1%	18	0,1%	47	0,4%
VILA DO JOÃO	13.046	3.990	30,6%	513	3,9%	33	0,3%	22	0,2%	16	0,1%	71	0,5%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	2.059	22,1%	383	4,1%	21	0,2%	2	0,0%	17	0,2%	33	0,4%
PARQUE ROQUETE PINTO	8.132	1.429	17,6%	213	2,6%	24	0,3%	8	0,1%	1	0,0%	9	0,1%
SALSA E MERENGUE	6.791	1.155	17,0%	215	3,2%	8	0,1%	11	0,2%	2	0,0%	15	0,2%
MORRO DO TIMBAU	6.709	933	13,9%	350	5,2%	18	0,3%	6	0,1%	7	0,1%	4	0,1%
MARCÍLIO DIAS	6.342	746	11,8%	158	2,5%	12	0,2%	6	0,1%	8	0,1%	5	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	2.463	39,6%	296	4,8%	36	0,6%	10	0,2%	11	0,2%	24	0,4%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	1.574	29,4%	359	6,7%	53	1,0%	10	0,2%	23	0,4%	23	0,4%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	1.159	28,8%	317	7,9%	22	0,5%	6	0,2%	7	0,2%	21	0,5%
CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS	3.553	742	20,9%	289	8,1%	25	0,7%	2	0,1%	4	0,1%	8	0,2%
PRAIA DE RAMOS	3.221	634	19,7%	122	3,8%	10	0,3%	5	0,1%	1	0,0%	7	0,2%
NOVA MARÉ	3.215	122	3,8%	15	0,5%	2	0,1%	1	0,0%	-	-	4	0,1%

A desagregação por faixa etária revela que, dos 35.888 nordestinos da Maré, 70% são maiores de 30 anos, os quais correspondem a 38% da população da respectiva faixa etária. É relevante considerar, portanto, a influência da cultura nordestina não apenas nos nascidos naquela região, mas também nas práticas e identidades dos descendentes, em muitos casos, nascidos como residentes na Maré ou, em uma etapa anterior, em alguma localidade do Rio de Janeiro.

Quem conhece a Maré, nota a forte presença da população preta em Nova Holanda, cuja explicação, como já dito, remonta à sua origem como Centro de Habitação Provisória — CHP — criado pelo Governo do Estado da Guanabara, na década de 1960, no contexto das políticas higienistas²⁴. Os CHPs receberam comunidades que foram removidas compulsoriamente de favelas localizadas em áreas valorizadas da cidade e compostas em sua maioria por negros. Todavia, a presença nordestina em Nova Holanda foi se fazendo crescente e, atualmente, corresponde a 18,3% da população, semelhante ao de pessoas declaradas pretas, que é de 18,5%.

²⁴ O higienismo da época operava com o pressuposto de que a população das favelas não seguia os parâmetros civilizatórios adequados para viver na cidade e, por isso, deveria ser “educada” em termos de valores sociais e padrões específicos de higiene e comportamento. A Fundação Leão XIII foi incumbida de levar esses valores e práticas a essas populações.

A participação de nascidos na Região Nordeste na Nova Holanda, como se vê, está abaixo da média da Maré e é bem diferente do que acontece no Parque União e no Parque Rubens Vaz, onde há, respectivamente, 44,2% e 39,6% de nordestinos. No outro extremo, a comunidade da Nova Maré registra apenas 3,8%.

A menor ou maior presença de nordestinos não pode ser diretamente atribuída às condições diferenciadas de renda, pois o Morro do Timbau, com características socioeconômicas parecidas com as do Parque União, conta com apenas 13,9% de nordestinos. Por outro lado, em Bento Ribeiro Dantas e Salsa e Merengue, cujos indicadores são mais próximos aos da Nova Maré, os nordestinos representam 20,9% e 17,0%, respectivamente. Logo, a explicação para as distinções reveladas a respeito da presença nordestina pode estar mais no processo de constituição das comunidades do que em estruturas econômicas ou sociais recentes.

Os paraibanos encabeçam o contingente de nordestinos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os nascidos no Nordeste representam pouco mais de 9% da população metropolitana fluminense e os paraibanos compõem cerca de 30% desta, isto é, menos de 3% dos nordestinos²⁵. Na Maré, entretanto, a concentração é bem mais expressiva. Os 14.597 paraibanos correspondem a 10,5% da população total e a 40,7% dos nordestinos, predominando em 13 das 16 favelas.

A maior concentração de paraibanos entre os nordestinos está na comunidade de Roquete Pinto, com 63,5%, e a menor presença está no Conjunto Esperança, 25,4%, e em Rubens Vaz, 27,5%, únicas comunidades onde a concentração é inferior a 30% do subconjunto. João Pessoa, Campina Grande, Guarabira, Sapé e Mamanguape são, nesta ordem, os cinco municípios da Paraíba com mais migrantes na Maré.

Os cearenses são o segundo grupo de nordestinos mais presentes, com 24,7% destes, reunindo 8.849 moradores. Compõem 6,4% da população da Maré e predominam em três comunidades: Parque União (37,9%) e sua vizinha Rubens Vaz (28,1%) e na do Conjunto Esperança (35,0%). Fortaleza, Nova Russas, Guaraciaba do Norte, Ipu, São Benedito e Santa Quitéria são, nesta ordem, os seis municípios do Ceará com mais migrantes na Maré.

Da mesma forma que impressiona a presença nordestina na Maré, é curiosa, por outro lado, a baixa presença no território de moradores nascidos em outras cidades fluminenses que não a capital, o Rio de Janeiro. Com efeito, são apenas 2.335 mareenses oriundos dessas cidades. Todavia, a Maré conta com pessoas oriundas de mais de 60 cidades fluminenses, se destacando os que vieram de Campos dos Goytacazes, Niterói e Duque de Caxias, respectivamente, 20,2%, 15,0% e 14,9% do total de fluminenses não cariocas.

²⁵ IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2013.

TABELA 17 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ NASCIDAS NO BRASIL, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO DE NASCIMENTO

POSIÇÃO	UNIDADE DA FEDERAÇÃO DE NASCIMENTO	MORADORES BRASILEIROS	% SOBRE OS MORADORES BRASILEIROS	% SOBRE A POPULAÇÃO TOTAL
	TOTAL GERAL	138.750	100%	99,8%
1º	RIO DE JANEIRO	98.114	70,7%	70,5%
2º	PARAÍBA	14.597	10,5%	10,5%
3º	CEARÁ	8.849	6,4%	6,4%
4º	MARANHÃO	3.053	2,2%	2,2%
5º	PERNAMBUCO	2.867	2,1%	2,1%
6º	RIO GRANDE DO NORTE	2.466	1,8%	1,8%
7º	BAHIA	2.045	1,5%	1,5%
8º	MINAS GERAIS	1.977	1,4%	1,4%
9º	PIAUI	955	0,7%	0,7%
10º	ESPÍRITO SANTO	785	0,6%	0,6%
11º	ALAGOAS	638	0,5%	0,5%
12º	SÃO PAULO	593	0,4%	0,4%
13º	PARÁ	430	0,3%	0,3%
14º	SERGIPE	414	0,3%	0,3%
15º	DISTRITO FEDERAL	89	0,1%	0,1%
16º	RIO GRANDE DO SUL	77	0,1%	0,1%
17º	PARANÁ	75	0,1%	0,1%
18º	AMAZONAS	69	0,0%	0,0%
19º	GOIÁS	46	0,0%	0,0%
20º	SANTA CATARINA	46	0,0%	0,0%
21º	MATO GROSSO DO SUL	23	0,0%	0,0%
22º	MATO GROSSO	15	0,0%	0,0%
23º	ACRE	15	0,0%	0,0%
24º	RONDÔNIA	9	0,0%	0,0%
25º	TOCANTINS	8	0,0%	0,0%
26º	AMAPÁ	1	0,0%	0,0%
27º	RORAIMA	1	0,0%	0,0%
-	SEM RESPOSTA	492	0,4%	0,4%



TABELA 18 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ NASCIDAS NA REGIÃO NORDESTE SEGUNDO O ESTADO DE NASCIMENTO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	NORDESTE										
	TOTAL	AL	BA	CE	MA	PB	PE	PI	RN	SE	
	HAB	%	%	%	%	%	%	%	%	%	
MARÉ	35.884	100%	1,8%	5,7%	24,7%	8,5%	40,7%	8,0%	2,7%	6,9%	1,2%
PARQUE UNIÃO	9.085	100%	1,4%	5,3%	37,9%	7,8%	32,7%	6,6%	3,5%	4,0%	0,9%
VILA DOS PINHEIROS	3.987	100%	1,6%	7,0%	24,2%	10,3%	39,7%	10,4%	1,8%	3,9%	1,2%
NOVA HOLANDA	3.759	100%	1,6%	3,8%	16,9%	6,5%	50,4%	7,6%	1,8%	10,4%	1,1%
PARQUE MARÉ	3.511	100%	2,5%	5,4%	16,9%	4,4%	48,7%	7,8%	2,7%	10,1%	1,5%
VILA DO JOÃO	2.528	100%	1,7%	6,1%	20,4%	10,3%	41,2%	9,5%	2,2%	7,8%	0,6%
BAIXA DO SAPATEIRO	2.463	100%	1,1%	3,2%	28,1%	24,3%	27,5%	6,0%	3,6%	5,5%	0,7%
PARQUE ROQUETE PINTO	2.058	100%	2,5%	4,4%	20,7%	3,5%	46,5%	8,0%	1,8%	11,5%	1,2%
SALSA E MERENGUE	1.574	100%	1,3%	7,2%	35,0%	13,1%	25,4%	7,1%	5,7%	3,6%	1,6%
MORRO DO TIMBAU	1.429	100%	2,2%	5,3%	10,5%	4,5%	63,5%	7,6%	1,3%	4,0%	1,1%
MARCÍLIO DIAS	1.159	100%	1,6%	6,0%	21,5%	7,0%	42,0%	10,3%	2,3%	8,6%	0,8%
PARQUE RUBENS VAZ	1.155	100%	2,5%	8,1%	12,9%	7,3%	49,5%	10,5%	1,9%	6,4%	0,8%
CONJUNTO ESPERANÇA	933	100%	2,6%	11,6%	13,1%	6,6%	39,4%	10,1%	1,6%	11,1%	3,9%
CONJUNTO PINHEIROS	746	100%	1,7%	9,4%	16,2%	5,0%	49,2%	9,2%	3,0%	3,9%	2,4%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	742	100%	2,6%	7,2%	16,9%	7,4%	42,6%	6,9%	2,6%	12,3%	1,5%
PRAIA DE RAMOS	634	100%	2,3%	5,0%	14,1%	3,2%	46,5%	9,0%	1,3%	16,9%	1,6%
NOVA MARÉ	122	100%	0,9%	10,2%	17,6%	1,9%	46,3%	8,3%	0,0%	13,0%	1,9%

TABELA 19 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ NASCIDAS NO ESTADO DA PARAÍBA, POR MUNICÍPIO DE NASCIMENTO

POSIÇÃO	MUNICÍPIOS DA PARAÍBA	HABITANTES	% SOBRE OS PARAIBANOS
	TOTAL		
		14.597	100%
1º	JOÃO PESSOA	3.683	25,2%
2º	CAMPINA GRANDE	2.318	15,9%
3º	GUARABIRA	682	4,7%
4º	SAPÉ	603	4,1%
5º	MAMANGUAPE	518	3,6%
6º	JACARAÚ	269	1,8%
7º	ALAGOA GRANDE	258	1,8%
8º	SANTA RITA	209	1,4%
9º	ITABAIANA	149	1,0%
10º	MARI	145	1,0%
11º	ESPERANÇA	144	1,0%
12º	ARAÇAGI	133	0,9%
13º	RIO TINTO	131	0,9%
14º	ALAGOA NOVA	129	0,9%
15º	AROEIRAS	128	0,9%
16º	INGÁ	126	0,9%
17º	SERRA BRANCA	108	0,7%
18º	PILAR	91	0,6%
19º	QUEIMADAS	88	0,6%
20º	DESTERRO	82	0,6%
21º	ITAPOROCA	77	0,5%
22º	AREIA	73	0,5%
23º	BELÉM	73	0,5%
24º	FAGUNDES	63	0,4%
25º	CAIÇARA	61	0,4%
26º	SOLÂNEA	61	0,4%
27º	TEIXEIRA	59	0,4%
28º	BANANEIRAS	59	0,4%
29º	PATOS	58	0,4%
30º	LAGOA DE DENTRO	58	0,4%
31º	OUTROS 100 MUNICÍPIOS	1.318	9,0%
-	SEM RESPOSTA	2.643	18,1%

TABELA 20 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ NASCIDAS NO ESTADO DO CEARÁ, POR MUNICÍPIO DE NASCIMENTO

POSIÇÃO	MUNICÍPIOS DO CEARÁ	HABITANTES	% SOBRE OS CEARENSES
	TOTAL		
		8.849	100%
1º	FORTALEZA	1.280	14,5%
2º	NOVA RUSSAS	877	9,9%
3º	GUARACIABA DO NORTE	556	6,3%
4º	IPU	473	5,3%
5º	SÃO BENEDITO	446	5,0%
6º	SANTA QUITÉRIA	410	4,6%
7º	SOBRAL	309	3,5%
8º	IPUEIRAS	283	3,2%
9º	CATUNDA	263	3,0%
10º	GRAÇA	207	2,3%
11º	TAMBORIL	192	2,2%
12º	CROATÁ	180	2,0%
13º	RERIUTABA	176	2,0%
14º	HIDROLÂNDIA	145	1,6%
15º	CARNAUBAL	124	1,4%
16º	IBIAPINA	109	1,2%
17º	MONSENHOR TABOSA	95	1,1%
18º	CRATEÚS	92	1,0%
19º	VARJOTA	73	0,8%
20º	CARIRÉ	72	0,8%
21º	UMARI	68	0,8%
22º	MUCAMBO	63	0,7%
23º	GROAÍRAS	61	0,7%
24º	ITAPIOCA	50	0,6%
25º	PORTEIRAS	43	0,5%
26º	PIRES FERREIRA	40	0,5%
27º	PACUJÁ	37	0,4%
28º	BOA VIAGEM	35	0,4%
29º	JUAZEIRO DO NORTE	34	0,4%
30º	ICÓ	33	0,4%
31º	OUTROS 56 MUNICÍPIOS	329	3,7%
-	SEM RESPOSTA	1.694	19,1%

TABELA 21 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ NASCIDAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, POR MUNICÍPIO DE NASCIMENTO

POSIÇÃO	MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO	HABITANTES	% SOBRE OS FLUMINENSES, EXCLUSIVE OS CARIOCAS
		TOTAL GERAL	98.114
	TOTAL SEM A CAPITAL	2.335	100%
1º	RIO DE JANEIRO	95.233	-
2º	CAMPOS DOS GOYTACAZES	471	20,2%
3º	NITERÓI	351	15,0%
4º	DUQUE DE CAXIAS	347	14,9%
5º	SÃO JOÃO DE MERITI	129	5,5%
6º	NOVA IGUAÇU	121	5,2%
7º	SÃO GONÇALO	99	4,2%
8º	ITAPERUNA	69	2,9%
9º	PETRÓPOLIS	68	2,9%
10º	BELFORD ROXO	63	2,7%
11º	MACAÉ	55	2,3%
12º	MAGÉ	47	2,0%
13º	SÃO FIDÉLIS	42	1,8%
14º	SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	37	1,6%
15º	NOVA FRIBURGO	26	1,1%
16º	RIO BONITO	25	1,1%
17º	TERESÓPOLIS	24	1,0%
18º	CABO FRIO	23	1,0%
19º	NILÓPOLIS	23	1,0%
20º	VOLTA REDONDA	22	1,0%
21º	ITABORÁI	22	0,9%
22º	ARARUAMA	20	0,9%
23º	QUEIMADOS	18	0,8%
24º	MARICÁ	17	0,7%
25º	JAPERI	16	0,7%
26º	MESQUITA	15	0,6%
27º	BARRA MANSA	13	0,6%
28º	SAQUAREMA	13	0,6%
29º	MIRACEMA	11	0,5%
30º	PARACAMBI	11	0,5%
31º	ANGRA DOS REIS	11	0,5%
32º	OUTROS 32 MUNICÍPIOS	126	5,4%
-	SEM RESPOSTA	545	23,4%



PRESENÇA DAS RELIGIÕES

A expressão religiosa é um dos elementos mais marcantes da paisagem das favelas cariocas e a profusão de templos é avassaladora na Maré — os mais diversos e presentes nos mais variados espaços.

Contudo, os resultados referentes à crença ou fé professada não deixam de revelar uma surpresa: o percentual de pessoas maiores de 15 anos que se declaram sem religião na Maré é de 29,1%.²⁶ Este percentual é bem superior ao visto na cidade do Rio de Janeiro, o qual, de acordo com o Censo 2010 do IBGE, corresponde a 13,6% dos cariocas (e 14,0% se somados às pessoas com Declaração de Múltipla religiosidade ou com Religiosidade não determinada).

Faz-se necessária uma ressalva: declarar não ter religião não quer dizer que a pessoa, necessariamente, não tenha fé ou crenças e que não frequente um ou até mais grupos religiosos diferentes. A rigor, a resposta revela somente que a pessoa não se filia a uma religião.

A maior concentração de pessoas sem religião está em Salsa e Merengue e em Roquete Pinto, com 46,3% e 41,7% da população maior de 15 anos, respectivamente. Baixa do Sapateiro (34,2%) e Nova Holanda (34,0%) também se destacam. Com o menor percentual aparece a Praia de Ramos, onde 19,9% foram declarados sem religião.

Os dois grupos religiosos predominantes no conjunto da Maré são os católicos e os evangélicos — ainda que este último termo seja generalizante, por reunir diferentes troncos do protestantismo²⁷. O percentual de católicos é de 47,2%, próximo ao da cidade do Rio de Janeiro, que é de 51,1%, conforme o Censo 2010 do IBGE. O mesmo acontece com os evangélicos, que são 21,2% na Maré e, na cidade, 23,4%.

A menor concentração de pessoas sem religião na Praia de Ramos, já mencionada, pode ser reflexo da força da crença católica na comunidade, uma vez que nela se observa a maior concentração dos respectivos fiéis — 56,9%. Em outras três favelas os católicos também são maioria absoluta entre os maiores de 15 anos de idade: Parque Rubens Vaz (56,0%), Parque União (54,4%) e Conjunto Esperança (53,5%).

Os grupos evangélicos estão mais representados nas comunidades da Nova Maré (34,5%) e do Morro do Timbau (31,4%), as únicas em que o percentual supera os 30%. A menor concentração encontra-se em Salsa e Merengue, 14,8%, um possível reflexo da forte presença de pessoas sem religião.

Quanto aos espíritas, os resultados se diferenciam razoavelmente do conjunto da cidade. Segundo o Censo 2010 do IBGE, 6% dos cariocas foram registrados como espíritas ou espiritualistas (como os kardecistas, entre outros) e 1,3% como praticantes de religiões afro-brasileiras (tais como os umbandistas e candomblecistas). No caso da Maré, apenas

²⁶ A consulta sobre Religião foi dirigida apenas às pessoas com 15 ou mais anos de idade.

²⁷ As denominações protestantes são distintas e homogeneizá-las é impreciso, uma vez que há as evangélicas de missão, as pentecostais e, até mesmo, outras que não se enquadram nesses grupos. Entretanto, é sabido pelos dados do IBGE que as comunidades pentecostais reúnem o maior número de protestantes no Brasil, assim como no Rio de Janeiro.



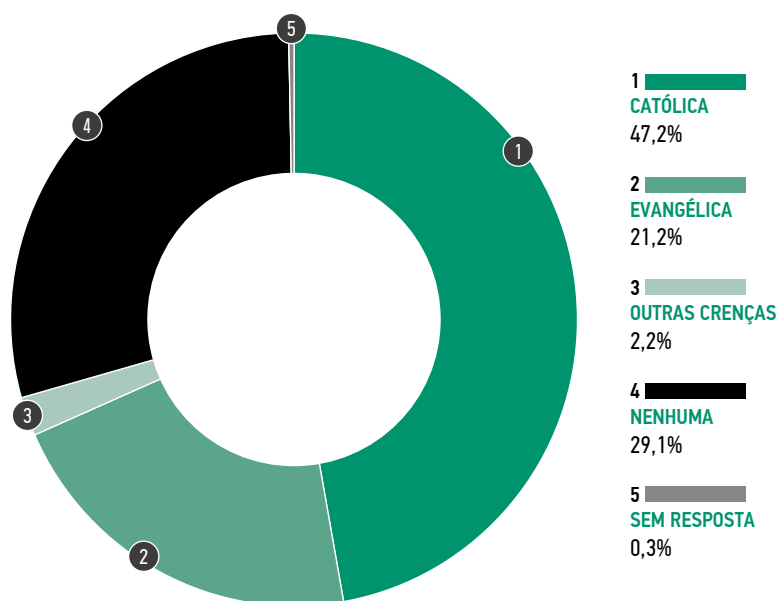
47%

é o percentual de moradores da Maré que são católicos

21%

dos moradores são protestantes

AS RELIGIÕES NA MARÉ



1.349 pessoas maiores de 15 anos foram declaradas seguidoras dessas crenças — sendo 786 (0,7%) espíritas ou espiritualistas e 563 (0,5%) de denominações afro-brasileiras.

Essa baixa representação pode ser consequência da imensa pressão contra o espiritismo e as religiões afro-brasileiras promovida nas últimas décadas — principalmente, por algumas denominações do campo pentecostal e neopentecostal. Além disso, são religiosidades que não têm como perspectiva central a busca da conversão alheia, ampliando, por esta via, o número de praticantes — pelo menos, não a ponto de concorrer com a evangelização empreendida pelos protestantes, por exemplo.

Cabe mencionar, também, um fato amplamente noticiado na imprensa em setembro de 2017: os ataques a terreiros e outros

TABELA 22 | PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS E RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A RELIGIÃO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	NENHUMA	CATÓLICA APOSTÓLICA	EVANGÉLICA - PROTESTANTE	ESPÍRITA CRISTIANIZADA	TESTEMUNHA DE JEOVÁ	AFRO-BRASILEIRA OU AFRICANA	ORIENTAL	ISLÂMICA	JUDAICA	OUTRAS CRENÇAS	SEM RESPOSTA
	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB	HAB
MARÉ	105.039	30.555	49.555	22.293	786	813	563	63	14	6	67	325
PARQUE UNIÃO	15.831	3.611	8.615	3.227	127	106	89	6	3		7	40
VILA DOS PINHEIROS	11.618	3.407	5.088	2.828	62	120	39	9	2		6	55
NOVA HOLANDA	10.092	3.427	4.210	2.225	89	57	48	2		3	3	26
PARQUE MARÉ	9.964	2.691	4.980	2.043	54	95	73	5			11	12
VILA DO JOÃO	9.871	2.761	4.917	1.881	53	145	90	1	2	3	1	16
B. DO SAPATEIRO	7.272	2.484	3.293	1.295	66	45	42	9	2		8	28
PQ. ROQ. PINTO	6.026	2.513	2.379	993	64	36	25	7	1		1	6
MORRO DO TIMBAU	5.176	1.466	1.965	1.625	60	17	24	4	1		5	10
PQ. RUBENS VAZ	4.967	1.330	2.780	765	31	11	26	1			7	16
SALSA E MERENGUE	4.948	2.293	1.823	731	23	37	27	4			4	7
MARCÍLIO DIAS	4.667	1.247	2.304	1.027	20	36	18	8	1			7
CONJ. ESPERANÇA	4.207	1.033	2.250	745	29	44	28	1			4	74
CONJ. PINHEIROS	3.154	677	1.496	896	37	20	6	1			7	13
CONJ B.R.DANTAS	2.620	593	1.210	768	29	8	4				2	8
PRAIA DE RAMOS	2.466	490	1.403	499	26	26	16	1				5
NOVA MARÉ	2.159	533	842	745	17	10	7	2				3

espaços vinculados ao Candomblé ou à Umbanda, atribuídos a grupos que controlam a venda de drogas nas favelas. Segundo a pesquisadora Christina Vital da Cunha²⁸, da Universidade Federal Fluminense, integrantes desses grupos vêm coibindo a prática dessas religiões nas favelas cariocas há mais de dez anos, proibindo até mesmo o uso dos trajes brancos, o que está levando líderes e seguidores a deixar as localidades onde são ameaçados ou perseguidos.

Nesse quadro, assiste-se a uma presença crescente de pessoas brancas nos cultos afro-brasileiros, ao mesmo tempo em que os negros — os moradores das favelas e principais atores sociais dessas manifestações religiosas no passado — veem diminuir seus espaços de poder, participação e elaboração. Enfrentar essa intolerância é uma ação chave para a defesa da herança cultural negra e de sua população, é combater uma expressão do racismo institucional, é garantir o direito de liberdade de culto e de assumir uma identidade religiosa sem temor ou pressão social.

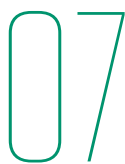
Embora não com a mesma tenacidade, há uma crescente intolerância mútua entre católicos e evangélicos — no âmbito do comportamento individual, que fique claro — em diferentes segmentos sociais, salientada, muitas vezes, pela propagação de injúrias e estigmas. Cabe assinalar que tal comportamento também é reproduzido por indivíduos e grupos não alinhados às citadas religiões, inclusive, partindo de pessoas que reivindicam a defesa dos direitos fundamentais da população.

Logo, faz-se necessário ressaltar que a construção de uma convivência democrática, com respeito à liberdade de culto e assegurando o Estado laico, é um caminho irrenunciável para a sociedade brasileira e, por conseguinte, para a Maré.

TABELA 23 | PERCENTUAL DE PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS E RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A RELIGIÃO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL		NENHUMA	CATÓLICA	EVANGÉLICA	OUTRAS CRENÇAS	SEM RESPOSTA
	HAB	%					
MARÉ	105.039	100%	29,1%	47,2%	21,2%	2,2%	0,3%
PARQUE UNIÃO	15.831	100%	22,8%	54,4%	20,4%	2,1%	0,3%
VILA DOS PINHEIROS	11.618	100%	29,3%	43,8%	24,3%	2,1%	0,5%
NOVA HOLANDA	10.092	100%	34,0%	41,7%	22,1%	2,0%	0,3%
PARQUE MARÉ	9.964	100%	27,0%	50,0%	20,5%	2,4%	0,1%
VILA DO JOÃO	9.871	100%	28,0%	49,8%	19,1%	3,0%	0,2%
BAIXA DO SAPATEIRO	7.272	100%	34,2%	45,3%	17,8%	2,4%	0,4%
PQ. ROQUETE PINTO	6.026	100%	41,7%	39,5%	16,5%	2,2%	0,1%
MORRO DO TIMBAU	5.176	100%	28,3%	38,0%	31,4%	2,1%	0,2%
PARQUE RUBENS VAZ	4.967	100%	26,8%	56,0%	15,4%	1,5%	0,3%
SALSA E MERENGUE	4.948	100%	46,3%	36,8%	14,8%	1,9%	0,1%
MARCÍLIO DIAS	4.667	100%	26,7%	49,4%	22,0%	1,8%	0,1%
CONJUNTO ESPERANÇA	4.207	100%	24,5%	53,5%	17,7%	2,5%	1,8%
CONJUNTO PINHEIROS	3.154	100%	21,5%	47,4%	28,4%	2,3%	0,4%
CONJ. BENTO R. DANTAS	2.620	100%	22,6%	46,2%	29,3%	1,6%	0,3%
PRAIA DE RAMOS	2.466	100%	19,9%	56,9%	20,2%	2,8%	0,2%
NOVA MARÉ	2.159	100%	24,7%	39,0%	34,5%	1,7%	0,2%

²⁸ Vital da Cunha, Christina. (1) Oração de traficante: uma etnografia. 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2015. / (2) Religião e Criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 34(1): 61-93, 2014.



SITUAÇÃO CONJUGAL

O Censo Maré não teve o propósito de apurar o estado civil e sim, especificamente, a situação conjugal da pessoa, isto é, se estava ou não vivendo em união matrimonial estável, fosse ela reconhecida em cartório ou consensual. O tema foi dirigido aos moradores com 10 ou mais anos de idade.

Nesse aspecto, a população da Maré é dividida quase meio a meio: 49,2% vivem em união e 50,7% não.²⁹ Esse resultado é quase igual ao verificado no conjunto da cidade do Rio de Janeiro em 2010, pelo IBGE: 47,1% sim e 52,9% não.

A soma das pessoas que vivem em união estável com as que foram declaradas viúvas e aquelas que não estão em união, mas já estiveram antes, alcança um percentual de 64,4%. Obviamente, a proporção é maior conforme aumenta a idade, sendo 0,5% entre aqueles com idade de 10 a 14 anos, subindo para 13,9% entre 15 e 19 anos, 48,6% entre 20 e 24 anos e 71,4% entre 25 e 29 anos. Nas faixas etárias entre 30 e 54 anos o percentual é superior a 80% e ultrapassa os 90% após os 55 anos. Esses resultados demonstram que a estratégia de viver com outra pessoa é um elemento importante no cotidiano da Maré.

Entretanto, o que impressiona nesses dados são as taxas de união no contingente mais jovem: 38,7% da coorte de 15 a 29 anos vivem em união estável e 7,2% já tiveram essa experiência, totalizando 45,9% que vivem ou viveram em companhia de cônjuge. Dados do Censo 2010 do IBGE revelam taxas menores no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro. A soma das pessoas que viviam em união com aquelas que não viviam, mas tinham o estado civil de casadas, solteiras, viúvas, desquitadas, separadas judicialmente ou divorciadas, resulta em 35,0% no país e 29,0% na capital fluminense.

Podem ser várias as razões para essa diferença, tais como: a necessidade de emancipação para habitar um domicílio com mais conforto e privacidade (em domicílios pequenos, dormitórios costumam ser compartilhados ou, quando não, cômodos são improvisados para tal finalidade); a iniciação da vida sexual, algumas vezes, seguida de gravidez; a oportunidade de constituir um suporte material comum (uma sociedade conjugal) etc. Somente estudos com esse foco podem validar qualquer hipótese. Contudo, vale assinalar que o casamento também é estimulado pelo advento da renda própria, marcado pelo ingresso precoce no mercado de trabalho em detrimento dos anos que seriam dedicados ao estudo — e este é um fato mais frequente nos segmentos populares.

O mais importante é romper com os juízos, muitas vezes preconceituosos, de que o casamento nessa fase da vida é prejudicial, destrói as possibilidades de ampliação de um repertório existencial e origina uma prole mais numerosa. Quanto a este pressuposto, por exemplo, observa-se que a fecundidade tem caído nas últimas décadas em todos os territórios e grupos sociais, inclusive nas periferias, e isso deve continuar ocorrendo³⁰. Logo, o casamento na fase juvenil pode ter mais motivações do que supõe o senso comum e não é, necessariamente, uma experiência negativa.

Outro dado que merece atenção é a representação de viúvos e viúvas, que cresce de forma acelerada a partir dos 55 anos. Entre as pessoas de 60 a 64 anos de idade na Maré, o percentual já é ligeiramente maior do que o observado entre as pessoas de 70 a 74 anos na cidade do Rio de

²⁹ Cabe acrescentar os 0,2% “Sem resposta”. A soma resulta em 100,1% devido à aproximação dos valores decimais.

³⁰ A Taxa de Fecundidade Total (TFT) é o número médio de nascidos vivos por mulher na faixa etária de 15 a 49 anos em determinado período e unidade territorial. Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios e do Censo Demográfico do IBGE, a TFT caiu continuamente de 2,06 filhos para 1,57 filhos por mulher entre os anos de 2000 e 2016, embora o ritmo de queda já comece a desacelerar, dando sinais de aproximação da estabilidade. No entanto, é sabido que esse fenômeno ocorreu primeiro entre os setores sociais com renda e escolaridade mais elevadas. Assim, deduz-se que, nas favelas e periferias, o ritmo de queda ainda esteja mais acelerado do que o da média metropolitana.

Janeiro: 15,4% e 14,7% ³¹, respectivamente. Aliás, a representação de pessoas viúvas na coorte de 70 a 74 anos na Maré (28,8%) é quase duas vezes maior que na cidade do Rio de Janeiro.

Esse resultado, além de sugerir um atraso de uma década da Maré em relação ao conjunto da cidade no tocante ao aumento da expectativa de vida, também indica que o processo de avanço da longevidade em curso na sociedade brasileira ainda precisa ser disseminado de forma mais aguda na Maré e, obviamente, em todos os territórios periféricos.

Na Tabela 25, nota-se que há, proporcionalmente, mais homens casados e solteiros (que nunca viveram em união estável) do que mulheres. Estas, por sua vez, aparecem mais representadas quando a situação é referente à separação ou viuvez. Evidentemente, uma das razões para que a taxa de viúvas seja superior à de viúvos é o fato de os homens morrerem, em média, com menos idade. Mas a leitura combinada desses dados aponta que, embora as mulheres tendam mais a se casar, os homens, quando se separam ou ficam viúvos, tendem mais do que elas ao recasamento.



Na Maré,

45,9%

das pessoas de 15 a 29 anos vivem ou já viveram em companhia de cônjuge

TABELA 24 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS E RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A SITUAÇÃO CONJUGAL, POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL		SIM, VIVE		NÃO, É VIÚVO(A)		NÃO, MAS JÁ VIVEU (SEPAROU)		NÃO VIVE E NUNCA VIVEU		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	
TOTAL GERAL	117.425	57.798	49,2%	4.081	3,5%	13.712	11,7%	41.634	35,5%	200	0,2%	
10 A 14 ANOS	12.386	42	0,3%		0,0%	24	0,2%	12.320	99,5%	-	-	
15 A 19 ANOS	11.961	1.336	11,2%	25	0,2%	297	2,5%	10.303	86,1%	-	-	
20 A 24 ANOS	12.461	5.068	40,7%	41	0,3%	953	7,6%	6.375	51,2%	23	0,2%	
25 A 29 ANOS	13.666	8.320	60,9%	55	0,4%	1.383	10,1%	3.875	28,4%	34	0,2%	
30 A 34 ANOS	13.549	9.088	67,1%	101	0,7%	1.815	13,4%	2.516	18,6%	28	0,2%	
35 A 39 ANOS	12.840	8.916	69,4%	92	0,7%	1.815	14,1%	1.992	15,5%	25	0,2%	
40 A 44 ANOS	9.785	6.764	69,1%	164	1,7%	1.731	17,7%	1.103	11,3%	24	0,2%	
45 A 49 ANOS	8.030	5.441	67,8%	234	2,9%	1.494	18,6%	851	10,6%	10	0,1%	
50 A 54 ANOS	6.516	4.135	63,5%	355	5,5%	1.329	20,4%	680	10,4%	17	0,3%	
55 A 59 ANOS	4.905	3.052	62,2%	392	8,0%	977	19,9%	476	9,7%	7	0,2%	
60 A 64 ANOS	3.712	2.138	57,6%	571	15,4%	718	19,3%	278	7,5%	8	0,2%	
65 A 69 ANOS	2.564	1.430	55,8%	527	20,5%	438	17,1%	163	6,4%	7	0,3%	
70 A 74 ANOS	1.781	857	48,1%	512	28,8%	256	14,4%	148	8,3%	7	0,4%	
75 A 79 ANOS	1.164	475	40,8%	435	37,4%	161	13,9%	88	7,5%	5	0,4%	
80 A 84 ANOS	623	198	31,7%	284	45,6%	97	15,5%	45	7,2%	-	-	
85 A 89 ANOS	316	61	19,4%	177	55,8%	49	15,4%	30	9,4%	-	-	
90 A 94 ANOS	102	17	16,9%	55	53,5%	22	21,6%	8	8,0%	-	-	
95 ANOS OU MAIS	32	4	11,1%	21	64,4%	6	17,7%	2	6,8%	-	-	
S/ RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032	457	44,3%	40	3,9%	148	14,4%	381	36,9%	6	0,6%	

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

³¹ IBGE. Censo Demográfico 2010.

TABELA 25 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS E RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A SITUAÇÃO CONJUGAL, POR SEXO

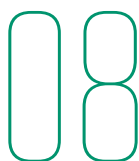
SEXO	TOTAL	SIM, VIVE		NÃO, É VIÚVO(A)		NÃO, MAS JÁ VIVEU (SEPAROU)		NÃO VIVEU NUNCA VIVEU		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL GERAL	117.425	57.798	49,2%	4.081	3,5%	13.712	11,7%	41.634	35,5%	200	0,2%
MULHERES	60.200	28.503	47,3%	3.294	5,5%	8.721	14,5%	19.578	32,5%	104	0,2%
HOMENS	57.009	29.185	51,2%	771	1,4%	4.969	8,7%	21.990	38,6%	96	0,2%
SEM RESPOSTA	216	111	51,1%	17	7,7%	23	10,6%	66	30,6%	-	-

Os resultados relativos à situação conjugal desagregados por território não corroboram, mas também não contradizem, a suposição de que a abundância de imóveis alugados no Parque União (ver Tabela 31) – muitos deles, conjugados ou kitnets – proporciona a moradia de muitos solteiros na localidade. Talvez, essa afirmativa seja verdadeira em se tratando especificamente do universo de inquilinos, o qual não é retratado neste estudo, mas os dados gerais indicam um panorama contrário: o Parque União tem o maior percentual de pessoas declaradas em união estável (52,6%) e o menor de pessoas que nunca viveram uma relação matrimonial (30,7%). É possível que a ocupação recente (dos últimos 25 anos) da localidade conhecida como Sem Terra, acima mencionada, seja a chave para entender a maior representação de casados no Parque União: a construção ou aquisição de uma residência costuma ser um esforço mais no âmbito das estratégias e iniciativas da família (ou de um casal) do que de uma pessoa solteira, sem filhos.

No cenário oposto encontra-se a Nova Maré, com a menor representação de pessoas casadas (41,0%) e quase a metade da população maior de 10 anos de idade sem ter experimentado a relação conjugal (47,4%). Os resultados referentes ao tempo de moradia – já tratados anteriormente – sugerem que boa parte dos atuais moradores da Nova Maré, antes de se instalarem ali, já residia na Maré, o que evidencia dois aspectos: (i) a ocorrência de migrações internas e (ii) a pouca fixação dos moradores originais, já que o conjunto habitacional foi inaugurado em 1996 com o intuito de abrigar pessoas em situação de extrema pobreza ou residentes em área de risco de outras regiões da cidade. Todavia, ao contrário da localidade Sem Terra, no Parque União, a dinâmica da violência no território da Nova Maré, assim como pode ser uma das causas da possível saída dos ocupantes originais, como já discutido em outra sessão desse estudo, também pode ser um fator de desestímulo para as estratégias de moradia adotadas por famílias e por casais em início de vida conjugal ou com planos de ter filhos.

TABELA 26 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS E RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO A SITUAÇÃO CONJUGAL, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM, VIVE		NÃO, É VIÚVO(A)		NÃO, MAS JÁ VIVEU (SEPAROU)		NÃO VIVE E NUNCA VIVEU		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	117.425	57.798	49,2%	4.081	3,5%	13.712	11,7%	41.634	35,5%	200	0,2%
PARQUE UNIÃO	17.404	9.148	52,6%	582	3,3%	2.298	13,2%	5.344	30,7%	33	0,2%
VILA DOS PINHEIROS	13.057	6.469	49,5%	396	3,0%	1.432	11,0%	4.748	36,4%	13	0,1%
NOVA HOLANDA	11.451	5.156	45,0%	432	3,8%	1.456	12,7%	4.388	38,3%	19	0,2%
PARQUE MARÉ	11.087	5.342	48,2%	524	4,7%	1.453	13,1%	3.757	33,9%	11	0,1%
VILA DO JOÃO	10.934	5.652	51,7%	245	2,2%	1.290	11,8%	3.718	34,0%	30	0,3%
BAIXA DO SAPATEIRO	8.033	3.884	48,3%	435	5,4%	919	11,4%	2.782	34,6%	13	0,2%
PARQUE ROQUETE PINTO	6.843	3.281	47,9%	179	2,6%	653	9,5%	2.716	39,7%	14	0,2%
SALSA E MERENGUE	5.766	2.780	48,2%	262	4,6%	546	9,5%	2.163	37,5%	14	0,2%
MORRO DO TIMBAU	5.683	2.796	49,2%	99	1,7%	649	11,4%	2.134	37,5%	4	0,1%
MARCÍLIO DIAS	5.429	2.766	51,0%	160	2,9%	713	13,1%	1.777	32,7%	12	0,2%
PARQUE RUBENS VAZ	5.290	2.630	49,7%	124	2,3%	577	10,9%	1.955	37,0%	5	0,1%
CONJ. ESPERANÇA	4.665	2.404	51,5%	184	3,9%	525	11,3%	1.538	33,0%	15	0,3%
CONJ. PINHEIROS	3.457	1.756	50,8%	180	5,2%	398	11,5%	1.117	32,3%	6	0,2%
CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS	2.961	1.408	47,5%	101	3,4%	245	8,3%	1.202	40,6%	6	0,2%
PRAIA DE RAMOS	2.794	1.275	45,6%	120	4,3%	317	11,4%	1.079	38,6%	3	0,1%
NOVA MARÉ	2.570	1.053	41,0%	58	2,3%	240	9,3%	1.217	47,4%	2	0,1%



MATERNIDADE E PATERNIDADE

Na Maré, um pouco mais da metade da população maior de 10 anos de idade — 56,2% — teve a experiência de gerar, pelo menos, um filho ou uma filha.

A desagregação dos dados por idade mostra que 25,7% das pessoas entre 10 e 29 anos de idade são (ou foram) pais ou mães, ou seja, um em cada quatro jovens (incluindo crianças e adolescentes).

Se observadas as faixas etárias separadamente, 9,3% dos adolescentes entre 15 e 19 anos já tiveram filho. O quadro é mais acentuado no universo feminino, onde o percentual é de 14,2%, contra 4,3% no masculino. Considerando somente os jovens de 20 a 24 anos, o percentual dá um salto para 35,0%, sendo 44,3% no universo feminino. Se a questão for pensada em uma perspectiva de desenvolvimento humano hegemônica nas sociedades mais avançadas, essas são idades ainda temporãs para a geração de filhos. No panorama aqui apontado, mais da metade (54,8%) da coorte de 25 a 29 anos já se tornou pai ou mãe — 62,5% das mulheres e 46,9% dos homens.

Os resultados mostram, também, que há uma razoável diferença entre homens e mulheres: no total, 61,5%, entre elas, e 50,6%, entre eles.

TABELA 27 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS E RESIDENTES NA MARÉ, QUE TIVERAM OU NÃO FILHOS E O SEXO DAS QUE TIVERAM, POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL GERAL	TEVE FILHO(A)							NÃO TEVE FILHO(A)	SEM RESPOSTA
		TOTAL		MULHERES		HOMENS		SEM RESPOSTA		
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB		
TOTAL	117.425	66.007	56,2%	37.038	61,5%	28.835	50,6%	133	50.967	451
10 A 14 ANOS	12.386	13	0,1%	10	0,2%	3	0,0%	-	12.306	67
15 A 19 ANOS	11.961	1.118	9,3%	859	14,2%	256	4,3%	3	10.699	144
20 A 24 ANOS	12.461	4.365	35,0%	2.845	44,3%	1.516	25,1%	4	8.036	60
25 A 29 ANOS	13.666	7.492	54,8%	4.340	62,5%	3.145	46,9%	7	6.142	32
30 A 34 ANOS	13.549	9.440	69,7%	5.246	76,4%	4.189	62,8%	5	4.073	36
35 A 39 ANOS	12.840	9.645	75,1%	5.234	81,2%	4.408	69,0%	2	3.173	22
40 A 44 ANOS	9.785	8.018	81,9%	4.228	86,4%	3.786	77,5%	4	1.750	17
45 A 49 ANOS	8.030	6.709	83,5%	3.555	87,1%	3.153	79,9%	1	1.306	15
50 A 54 ANOS	6.516	5.537	85,0%	2.978	88,2%	2.556	81,5%	3	966	13
55 A 59 ANOS	4.905	4.166	84,9%	2.268	87,7%	1.898	81,9%	-	729	10
60 A 64 ANOS	3.712	3.212	86,5%	1.792	87,6%	1.414	85,2%	6	491	9
65 A 69 ANOS	2.564	2.231	87,0%	1.262	88,1%	969	85,7%	-	324	9
70 A 74 ANOS	1.781	1.543	86,6%	925	88,2%	618	84,4%	-	236	2
75 A 79 ANOS	1.164	1.028	88,3%	630	89,5%	397	86,5%	1	133	3
80 A 84 ANOS	623	570	91,5%	366	91,3%	204	91,7%	-	53	-
85 A 89 ANOS	316	271	85,8%	186	85,7%	85	85,7%	-	45	-
90 A 94 ANOS	102	94	92,2%	69	94,0%	25	87,9%	-	8	-
95 ANOS OU MAIS	32	30	93,8%	24	96,1%	6	84,8%	-	2	-
S/ RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032	525	50,9%	221	52,4%	207	44,3%	97	495	12

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

Cruzando as informações com a idade, fica evidente que a maternidade é mais declarada do que a paternidade em todas as coortes etárias até os 79 anos, mas é abaixo dos 40 anos que as diferenças são mais expressivas. Portanto, como se vê, há uma tendência: quanto mais jovens as pessoas, maior a diferença entre os percentuais dos universos feminino e masculino.

Esses dados refletem o fato de as mulheres serem, geralmente, mais novas que os homens na relação conubial e, com isso, reproduzirem, em média, mais jovens. Refletem, também, a duração mais longa do ciclo reprodutivo masculino. Assim, é compreensível que a diferença seja maior na juventude e diminua entre os mais velhos. Porém, a assimetria observada na Maré reforça que há de se ter um foco na formulação de políticas de planejamento familiar. De igual sorte, é necessário investigar em que medida as jovens da Maré continuam a sofrer o abandono do homem no tocante ao reconhecimento do filho gerado e ao exercício da paternidade.

Entre as comunidades da Maré, não há discrepâncias em relação à maternidade/paternidade, já que todas apresentam percentuais em torno da média geral. A maior representação está no Conjunto Pinheiros, onde 59,8% das pessoas já tiveram filhos. A mais baixa está na Nova Maré, com 50,2%. Vale assinalar que o menor percentual de pessoas com filhos na Nova Maré vai ao encontro da menor concentração de pessoas vivendo em união conjugal também observada nesta comunidade (ver Tabela 26).



62,5%
das mulheres
entre 25 e 29 anos
são mães

TABELA 28 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS E RESIDENTES NA MARÉ, QUE TIVERAM OU NÃO FILHOS E O SEXO DAS QUE TIVERAM, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL GERAL	TEVE FILHO(A)							NÃO TEVE FILHO(A)	SEM RESPOSTA
		TOTAL		SEXO		SEM RESPOSTA				
				MULHERES	HOMENS					
HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	HAB		
MARÉ	117.425	66.007	56,2%	37.038	61,5%	28.835	50,6%	133	50.967	451
PARQUE UNIÃO	17.404	10.114	58,1%	5.566	62,9%	4.531	53,2%	17	7.217	73
VILA DOS PINHEIROS	13.057	7.384	56,6%	4.134	61,6%	3.236	51,2%	14	5.617	56
NOVA HOLANDA	11.451	6.448	56,3%	3.695	62,4%	2.731	49,7%	22	4.951	52
PARQUE MARÉ	11.087	6.498	58,6%	3.680	63,3%	2.814	53,4%	4	4.559	30
VILA DO JOÃO	10.934	5.931	54,2%	3.328	59,9%	2.585	48,3%	18	4.949	54
BAIXA DO SAPATEIRO	8.033	4.550	56,6%	2.554	61,9%	1.991	51,0%	5	3.447	36
PARQUE ROQUETE PINTO	6.843	3.734	54,6%	2.078	59,1%	1.648	49,7%	8	3.097	12
MORRO DO TIMBAU	5.766	3.240	56,2%	1.854	62,7%	1.374	49,2%	12	2.512	14
SALSA E MERENGUE	5.683	3.052	53,7%	1.679	58,0%	1.363	49,1%	10	2.621	10
PARQUE RUBENS VAZ	5.429	2.987	55,0%	1.592	60,6%	1.392	49,8%	3	2.423	19
MARCÍLIO DIAS	5.290	2.865	54,2%	1.603	60,0%	1.256	48,2%	6	2.422	3
CONJUNTO ESPERANÇA	4.665	2.546	54,6%	1.389	59,7%	1.152	49,4%	5	2.077	42
CONJUNTO PINHEIROS	3.457	2.068	59,8%	1.202	64,8%	865	54,0%	1	1.361	28
CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS	2.961	1.672	56,5%	968	60,8%	699	51,5%	5	1.281	8
PRAIA DE RAMOS	2.794	1.627	58,2%	937	64,1%	689	51,7%	1	1.157	10
NOVA MARÉ	2.570	1.290	50,2%	779	58,8%	509	40,9%	2	1.276	4



PROPRIEDADE, SITUAÇÃO FUNDIÁRIA E CONDIÇÃO DE USO DOS DOMÍCILOS

A moradia é o espaço concreto onde se desenvolve e se afirma a vida individual e familiar. É abrigo de existências e base material de vínculo com os lugares de realização de sociabilidades. Há muito que as favelas cariocas se consolidaram como a principal alternativa para a moradia popular, em face das limitações das políticas do Estado para a habitação e do histórico desinteresse do mercado formal por cidadãos de baixa renda. A favela é o lugar, portanto, que tornou possível a muitos homens e mulheres afirmarem seu direito de habitar a cidade diante de processos de urbanização excludentes. Imensos esforços geracionais foram conjugados em sua construção e, em constante fluxo, ainda estão em curso.

A Maré se inscreve, organicamente, neste contexto: as favelas mais antigas se originaram da ocupação de terrenos e da construção primária, aqui chamada de autoconstrução, que promoveram — e continuam promovendo — um mercado imobiliário popular que responde às demandas crescentes por habitação. Afinal, não custa lembrar, o fato de estar localizada numa área central da cidade, com fácil acesso a importantes vias de circulação e a uma imensa quantidade de serviços, faz com que a moradia na Maré seja desejável para muitos moradores das periferias da região metropolitana. Em outras palavras, morar na Maré tem o seu privilégio se comparada às regiões mais distantes do centro da metrópole fluminense.

Muitas vezes, o domicílio é o único patrimônio social de que dispõe uma família para superar as dificuldades do cotidiano de uma cidade cara para seus usuários/consumidores — é assim que os cidadãos são tratados! — e afirmar a possibilidade concreta de uma existência digna, com maior bem-estar, sem o jugo dos caríssimos aluguéis nas regiões privilegiadas ou dos financiamentos de compra de imóvel inacessíveis aos mais empobrecidos. Nesse sentido, o domicílio é uma referência fundamental das condições de habitação na cidade. A partir dele se estabelecem vínculos com o poder público e com o mercado. As demandas naturais ou reprimidas de seus ocupantes são como uma escala para avaliar a quantidade e a qualidade dos serviços, equipamentos e bens disponíveis no território.

Na Maré, 64,3% dos domicílios são próprios de seus moradores. A quase totalidade destes (99,4%) já está quitada, o que é uma evidência dos variados processos de ocupação do território. Boa parte dos domicílios está ocupada há longo tempo pelas mesmas famílias, desde que foram construídos pelos atuais moradores ou por seus pais e avós. Também são numerosas as moradias conquistadas nos conjuntos habitacionais construídos pelo poder público. Por último, contribui significativamente o fato do mercado de imóveis na Maré, em geral, não contar com financiamento, forçando, por isso, que sejam pagos à vista ou em negociações mais flexíveis e rápidas que as oferecidas pelas instituições de crédito.

A locação do imóvel também é uma condição importante na Maré. Impulsionado pela redução de espaços disponíveis para novas construções e pela expectativa de melhoria da renda por parte dos senhorios ³², o mercado de aluguéis teve papel importante no extraordinário processo

³² Esse ainda é um termo bastante usado nas favelas, talvez, como reflexo da ausência de formalidade jurídica na relação de inquilinato.



64,3%

dos domicílios
da Maré são próprios

TABELA 29 | DOMICÍLIOS SEGUNDO A CONDIÇÃO DA PROPRIEDADE, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	PRÓPRIO DE ALGUM MORADOR		NÃO PRÓPRIO		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	30.703	64,3%	16.969	35,5%	86	0,2%
PARQUE UNIÃO	7.600	3.501	46,1%	4.090	53,8%	10	0,1%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	3.292	65,0%	1.767	34,9%	9	0,2%
NOVA HOLANDA	4.601	3.127	67,9%	1.469	31,9%	5	0,1%
PARQUE MARÉ	4.552	2.827	62,1%	1.715	37,7%	10	0,2%
VILA DO JOÃO	4.453	2.355	52,9%	2.083	46,8%	14	0,3%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	2.331	70,9%	947	28,8%	9	0,3%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	2.243	78,2%	622	21,7%	2	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	1.236	51,6%	1.151	48,0%	9	0,4%
MORRO DO TIMBAU	2.359	1.734	73,5%	624	26,5%	1	0,0%
MARCÍLIO DIAS	2.248	1.657	73,7%	587	26,1%	4	0,2%
SALSA E MERENGUE	2.163	1.696	78,4%	461	21,3%	6	0,3%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	1.342	71,8%	524	28,0%	5	0,3%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	1.050	78,2%	291	21,7%	1	0,1%
PRAIA DE RAMOS	1.064	780	73,3%	284	26,7%	-	-
NOVA MARÉ	944	824	87,3%	119	12,6%	1	0,1%
CONJ. BENTO R. DANTAS	943	708	75,1%	235	24,9%	-	-

de verticalização que ocorreu na Maré nas duas últimas décadas³³, bem como em outras favelas cariocas. Isso porque a unidade para alugar foi, muitas vezes, fruto da expansão dos imóveis mediante a construção de puxadinhos, quitinetes, sobrados etc. Em outras palavras, unidades domiciliares foram sendo criadas em um mesmo lote, a partir de uma mesma edificação.

A concentração de imóveis não próprios dos moradores apresenta uma variação razoável entre os territórios, mas não evidencia diferenças relacionadas ao processo de constituição da favela ou do tempo de existência.

Os três maiores percentuais de não próprios ocorrem nas localidades do Parque União (53,8%), Rubens Vaz (48,0%) e Vila do João (46,8%). A última se distingue por ter sido um empreendimento do poder público. No Parque União, 90% dos imóveis não próprios são ocupados por inquilinos, o que confirma a noção empírica de que há muitas unidades alugadas ali.

As menores concentrações estão na Nova Maré (12,6%), Salsa e Merengue (21,3%), Conjunto Pinheiros (21,7%), Parque Roquete Pinto (21,7%) e Conjunto Bento Ribeiro Dantas (24,9%). As quatro comunidades mais recentes da Maré estão entre as que apresentam a menor concentração de não próprios, todavia, Roquete Pinto, da década de 1950, também está nesse grupo. Inversamente, a Vila do João, originada na década de 1980, aparece entre as que têm o maior percentual de não próprios.

³³ A verticalização também é frequentemente associada à necessidade de acomodação de familiares em razão do casamento, da geração de filhos ou, simplesmente, da emancipação. Também há casos em que o motivo é a ampliação da residência para maior conforto da família. Somente um estudo específico pode apontar o peso da participação de cada um desses e outros eventuais fatores.

Portanto, é possível que a maior ou menor concentração de famílias ocupando domicílios não próprios na Maré compreenda alguma relação com a valorização da área. Nas localidades mais atrativas para moradia, o mercado de aluguéis se expande, uma vez que a demanda possibilita ao proprietário a oportunidade de aumentar sua renda mensal com o aluguel. Já nas áreas menos atrativas, a demanda não estimula o investimento na construção de unidades anexas para locação (puxadinhos, quitinetes etc.).

Mas outro aspecto precisa ser levado em conta: em localidades como o Conjunto Pinheiros, composto por apartamentos, a Nova Maré e o Conjunto Bento Ribeiro Dantas, o tipo de edificação não oportuniza a expansão vertical ou de anexos, que é uma importante estratégia adotada pelos proprietários para auferir os aluguéis.

TABELA 30 | DOMICÍLIOS PRÓPRIOS SEGUNDO A CONDIÇÃO DA PROPRIEDADE, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL PRÓPRIO	PRÓPRIO, JÁ PAGO		PRÓPRIO, AINDA PAGANDO	
	DOM	DOM	%	DOM	%
MARÉ	30.703	30.523	99,4%	180	0,6%
PARQUE UNIÃO	3.501	3.488	99,6%	13	0,4%
VILA DOS PINHEIROS	3.292	3.265	99,2%	27	0,8%
NOVA HOLANDA	3.127	3.103	99,2%	24	0,8%
PARQUE MARÉ	2.827	2.795	98,8%	33	1,2%
VILA DO JOÃO	2.355	2.346	99,6%	9	0,4%
BAIXA DO SAPATEIRO	2.331	2.315	99,3%	16	0,7%
PQ. ROQUETE PINTO	2.243	2.240	99,9%	3	0,1%
MORRO DO TIMBAU	1.734	1.729	99,7%	4	0,3%
SALSA E MERENGUE	1.696	1.686	99,4%	10	0,6%
MARCÍLIO DIAS	1.657	1.657	100,0%		0,0%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.342	1.323	98,6%	19	1,4%
PARQUE RUBENS VAZ	1.236	1.230	99,6%	5	0,4%
CONJUNTO PINHEIROS	1.050	1.041	99,2%	9	0,8%
NOVA MARÉ	824	820	99,5%	4	0,5%
PRAIA DE RAMOS	780	780	100,0%		0,0%
CONJ. BENTO R. DANTAS	708	705	99,5%	3	0,5%

Apesar do expressivo uso para locação, não deixa de ser admirável que 15,1% dos imóveis não próprios de seus moradores sejam cedidos, e não alugados (5,4% do total de domicílios). Nesse caso, não há pagamento da parte de quem reside. Na Praia de Ramos, de cada 11 domicílios, um é cedido (um em cada três não próprios). Essa cessão, em geral, é feita por empregadores que contratam mão de obra imigrante, muitas vezes do Nordeste, oferecendo a residência. Entre os 2.566 domicílios da Maré com cessão de uso, 94,5% são cedidos por patrões. Além de ser uma alternativa aos salários mais altos e de proporcionar moradia próxima (ou junto) ao trabalho, a existência de domicílios cedidos revela que os mecanismos de solidariedade, sejam familiares ou não, continuam sendo uma característica importante na dinâmica social e econômica da Maré.

TABELA 31 | DOMICÍLIOS NÃO PRÓPRIOS SEGUNDO A CONDIÇÃO DE USUFRUTO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL COM INFORMAÇÃO	ALUGADO		CEDIDO		OUTRA CONDIÇÃO	
	DOM	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	16.969	14.380	84,7%	2.566	15,1%	22	0,1%
PARQUE UNIÃO	4.090	3.681	90,0%	402	9,8%	7	0,2%
VILA DOS PINHEIROS	1.767	1.419	80,4%	347	19,6%	-	-
NOVA HOLANDA	1.469	1.191	81,1%	276	18,8%	2	0,1%
PARQUE MARÉ	1.715	1.287	75,1%	424	24,7%	3	0,2%
VILA DO JOÃO	2.083	1.809	86,8%	274	13,1%	1	0,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	947	803	84,7%	144	15,2%	1	0,1%
PQ. ROQUETE PINTO	622	505	81,1%	117	18,9%	-	-
PARQUE RUBENS VAZ	1.151	1.067	92,7%	81	7,0%	3	0,3%
MORRO DO TIMBAU	624	509	81,5%	114	18,3%	2	0,3%
MARCÍLIO DIAS	587	464	78,9%	124	21,1%	-	-
SALSA E MERENGUE	461	399	86,6%	60	13,1%	1	0,3%
CONJUNTO ESPERANÇA	524	490	93,5%	34	6,5%	-	-
CONJUNTO PINHEIROS	291	261	89,7%	29	9,9%	1	0,4%
PRAIA DE RAMOS	284	185	65,3%	99	34,7%	-	-
NOVA MARÉ	119	109	92,0%	10	8,0%	-	-
CONJ. BENTO R. DANTAS	235	203	86,2%	32	13,8%	-	-



TABELA 32 | DOMICÍLIOS CEDIDOS SEGUNDO O TIPO DE CEDENTE, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL CEDIDO	CEDIDO POR EMPREGADOR		CEDIDO POR FAMILIAR		CEDIDO DE OUTRA FORMA	
	DOM	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	2.566	2.424	94,5%	49	1,9%	93	3,6%
PARQUE MARÉ	424	398	93,9%	9	2,1%	17	4,0%
PARQUE UNIÃO	402	386	96,0%	9	2,1%	7	1,9%
VILA DOS PINHEIROS	347	344	99,0%	2	0,6%	1	0,3%
NOVA HOLANDA	276	267	96,8%	8	2,8%	1	0,4%
VILA DO JOÃO	274	236	86,1%	2	0,8%	36	13,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	144	131	91,0%	4	3,0%	9	6,0%
MARCÍLIO DIAS	124	120	96,6%	3	2,5%	1	0,8%
PARQUE ROQUETE PINTO	117	115	98,2%	1	0,9%	1	0,9%
MORRO DO TIMBAU	114	111	97,1%	3	2,9%	-	-
PRAIA DE RAMOS	99	95	96,7%	1	1,1%	2	2,2%
PARQUE RUBENS VAZ	81	73	90,8%	5	6,6%	2	2,6%
SALSA E MERENGUE	60	48	79,2%	1	2,1%	11	18,8%
CONJUNTO ESPERANÇA	34	32	93,1%	-	-	2	6,9%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	32	32	100,0%	-	-	-	0,0%
CONJUNTO PINHEIROS	29	28	96,2%	-	-	1	3,8%
NOVA MARÉ	10	8	88,9%	-	-	1	11,1%

TABELA 33 | DOMICÍLIOS PRÓPRIOS SEGUNDO A POSSE DE DOCUMENTO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL PRÓPRIO	SIM, POSSUI		NÃO POSSUI		SEM RESPOSTA	
	DOM	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	30.703	26.984	87,9%	3.294	10,7%	426	1,4%
PARQUE UNIÃO	3.501	2.950	84,3%	448	12,8%	104	3,0%
VILA DOS PINHEIROS	3.292	3.080	93,6%	166	5,0%	45	1,4%
NOVA HOLANDA	3.127	2.660	85,1%	414	13,2%	52	1,7%
PARQUE MARÉ	2.827	2.127	75,2%	651	23,0%	49	1,7%
VILA DO JOÃO	2.355	2.051	87,1%	277	11,8%	27	1,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	2.331	1.808	77,6%	496	21,3%	27	1,2%
PQ. ROQUETE PINTO	2.243	2.136	95,2%	88	3,9%	19	0,8%
MORRO DO TIMBAU	1.734	1.502	86,6%	215	12,4%	16	0,9%
SALSA E MERENGUE	1.696	1.599	94,2%	85	5,0%	13	0,7%
MARCÍLIO DIAS	1.657	1.644	99,2%	5	0,3%	7	0,4%
CONJ. ESPERANÇA	1.342	1.231	91,7%	89	6,6%	22	1,7%
PARQUE RUBENS VAZ	1.236	1.112	90,0%	110	8,9%	14	1,1%
CONJ. PINHEIROS	1.050	943	89,7%	98	9,3%	10	1,0%
NOVA MARÉ	824	797	96,7%	19	2,3%	8	1,0%
PRAIA DE RAMOS	780	771	98,9%	3	0,4%	5	0,7%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	708	572	80,8%	130	18,3%	6	0,9%


49,2%

dos domicílios têm como comprovante de propriedade a declaração da associação de moradores

Um dos aspectos mais discutidos no âmbito das políticas urbanas diz respeito à regularização fundiária dos imóveis, especialmente nas favelas. Durante décadas, ao encontro das formulações do economista peruano Hernando de Soto³⁴, gestores e economistas — em geral, liberais — vêm afirmando que a regularização fundiária das favelas seria o primeiro passo para que seus imóveis entrassem no circuito formal do mercado imobiliário, gerando renda e segurança jurídica para os moradores, aumentando, por exemplo, as oportunidades de conseguir crédito imobiliário para as construções.

O pesquisador Alex Ferreira Magalhães demonstra em seus estudos³⁵ como os moradores das favelas foram encontrando meios próprios para garantir a regularização dos imóveis, mesmo que através de formas ainda não reconhecidas pelos órgãos de Estado. Os dados do Censo Maré confirmam essa capacidade inventiva dos moradores na definição de formas próprias de regulação imobiliária. Com efeito, 87,9% dos entrevistados em domicílios próprios afirmam possuir um documento que assegura a propriedade do imóvel.

A identificação do tipo de documento que atesta a propriedade do imóvel reflete a importância que as associações de moradores ainda possuem na garantia das formas institucionais próprias da favela: dos domicílios que têm comprovantes, 49,2% se baseiam na Declaração da Associação de Moradores — no Parque Maré, onde a concentração é a maior, são 77,1%.

Nos conjuntos populares criados na década de 1980 (Conjunto Esperança, Vila do João, Vila dos Pinheiros e Conjunto Pinheiros), a declaração da entidade comunitária também é numerosa — com percentuais que variam de 39,5% a 55,7% dos domicílios com documento comprobatório — apesar das moradias serem fruto de um programa habitacional do governo federal.

³⁴ Para saber mais, ver: SOTO, Hernando de. *O mistério do capital*: por que o capitalismo dá certo nos países desenvolvidos e fracassa no resto do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

³⁵ Ver: MAGALHÃES, Alex Ferreira. *O Direito das Favelas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

Todavia, nem todos os conjuntos populares da Maré têm essa característica: na Nova Maré e Bento Ribeiro Dantas, construídos pela prefeitura na década de 1990, a declaração da associação tem pouca participação (2,8% e 7,4%, respectivamente).

Depois da Declaração da Associação de Moradores, o documento mais frequente é a escritura definitiva: 38,7% dos domicílios com documento de comprovação. Curiosamente, a Baixa do Sapateiro e o Morro do Timbau, favelas do núcleo pioneiro da Maré e autoconstruídas, estão entre as que a escritura é o documento predominante — 73,0% e 61,8%, respectivamente. Esse dado merece um estudo complementar que identifique como esses proprietários conseguiram as escrituras definitivas e em que contexto o Estado as concedeu.

TABELA 34 | DOMICÍLIOS PRÓPRIOS COM POSSE DE DOCUMENTO SEGUNDO O TIPO DE DOCUMENTO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL PRÓPRIO COM DOCUMENTO	DECLARAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	ESCRITURA DEFINITIVA	TÍTULO DE POSSE (PREFEITURA OU GOVERNO)	PROMESSA DE COMPRA E VENDA (EM CARTÓRIO)	OUTRO	SEM RESPOSTA
	DOM	%	%	%	%	%	%
MARÉ	26.984	49,2%	38,7%	8,0%	2,5%	0,2%	1,4%
VILA DOS PINHEIROS	3.080	42,4%	34,6%	20,7%	0,5%	0,7%	1,1%
PARQUE UNIÃO	2.950	67,0%	26,5%	1,3%	3,2%	0,1%	1,8%
NOVA HOLANDA	2.660	52,0%	43,3%	1,1%	2,2%	0,1%	1,4%
PQ. ROQUETE PINTO	2.136	58,4%	40,4%	0,2%	0,3%	0,0%	0,7%
PARQUE MARÉ	2.127	77,1%	16,3%	1,9%	2,2%	0,1%	2,4%
VILA DO JOÃO	2.051	55,7%	29,0%	13,2%	1,5%	0,1%	0,6%
BAIXA DO SAPATEIRO	1.808	19,0%	73,0%	4,4%	2,0%	0,2%	1,4%
MARCÍLIO DIAS	1.644	51,8%	47,9%	0,2%	0,1%	-	0,1%
SALSA E MERENGUE	1.599	55,5%	33,9%	7,1%	2,0%	0,7%	0,8%
MORRO DO TIMBAU	1.502	34,0%	61,8%	1,5%	1,9%	0,1%	0,6%
CONJ. ESPERANÇA	1.231	39,5%	32,6%	14,0%	11,8%	1,0%	1,0%
PARQUE RUBENS VAZ	1.112	43,9%	51,3%	1,1%	2,7%	-	1,1%
CONJ. PINHEIROS	943	47,2%	9,7%	29,0%	8,4%	-	5,8%
NOVA MARÉ	797	2,8%	92,9%	2,9%	0,9%	-	0,4%
PRAIA DE RAMOS	771	65,4%	6,3%	26,3%	1,9%	-	0,1%
CONJ. B. R. DANTAS	572	7,4%	36,8%	41,6%	6,5%	-	7,6%

Outro aspecto dos domicílios investigados foi o uso compartilhado para fins comerciais³⁶, o que constitui uma forma de geração de trabalho e renda para os respectivos moradores. Foram encontrados 637 domicílios (1,3% do total) compartilhados com alguma atividade econômica³⁷.

TABELA 35 | DOMICÍLIOS SEGUNDO A CONDIÇÃO DE USO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	APENAS RESIDENCIAL		USO MISTO, EM AMBIENTE COMUM		USO MISTO, EM AMBIENTES SEPARADOS		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	47.089	98,6%	389	0,8%	248	0,5%	31	0,1%
PARQUE UNIÃO	7.600	7.480	98,4%	82	1,1%	31	0,4%	7	0,1%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	4.994	98,6%	34	0,7%	35	0,7%	4	0,1%
NOVA HOLANDA	4.601	4.534	98,5%	46	1,0%	19	0,4%	3	0,1%
PARQUE MARÉ	4.552	4.482	98,4%	53	1,2%	17	0,4%	1	0,0%
VILA DO JOÃO	4.453	4.393	98,6%	29	0,6%	29	0,6%	2	0,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	3.225	98,1%	45	1,4%	17	0,5%	-	0,0%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	2.855	99,6%	10	0,3%	1	0,0%	1	0,0%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	2.324	97,0%	51	2,1%	17	0,7%	3	0,1%
MORRO DO TIMBAU	2.359	2.336	99,0%	15	0,6%	8	0,3%	-	0,0%
MARCÍLIO DIAS	2.248	2.226	99,0%	2	0,1%	20	0,9%	-	0,0%
SALSA E MERENGUE	2.163	2.114	97,7%	11	0,5%	35	1,6%	3	0,1%
CONJ. ESPERANÇA	1.870	1.862	99,6%	4	0,2%	1	0,1%	4	0,2%
CONJ. PINHEIROS	1.342	1.336	99,5%	2	0,2%	2	0,2%	2	0,2%
PRAIA DE RAMOS	1.064	1.063	99,9%	1	0,1%	-	0,0%	-	0,0%
NOVA MARÉ	944	936	99,1%	1	0,1%	7	0,8%	-	0,0%
CONJ. B. R. DANTAS	943	930	98,6%	3	0,3%	10	1,0%	-	0,0%

³⁶ O uso comercial aqui investigado não inclui lojas independentes. Neste estudo, a admissão do uso comercial é restrita aos espaços do domicílio que são destinados à atividade econômica de modo compartilhado com a residência do empreendedor, em ambiente comum, isto é, usado simultaneamente para os dois fins, ou em ambientes separados, desde que existindo algum acesso direto, interno e privativo entre os dois ambientes.

³⁷ No Censo de Empreendimentos da Maré foram identificados pouco menos de 400 empreendimentos funcionando em unidades residenciais. Essa diferença tem como causa principal o fato de que, no censo econômico, só foram considerados empreendimentos existentes em unidades residenciais aqueles que possuíam alguma publicidade na fachada do domicílio, possível de ser avistada do logradouro. Assim, por exemplo, havendo uma manicure exercendo seu ofício no domicílio, com ambiente reservado para tal, contudo, não dispondo de publicidade externa, o uso compartilhado foi provavelmente contado no censo domiciliar, mas não no censo econômico, pois, neste caso, o seu trabalho como manicure não foi classificado como um empreendimento.



A enumeração das respostas referentes ao quesito “Situação da pessoa em relação à responsabilidade pelo domicílio” foi prejudicada em virtude de um erro técnico na construção do sistema de gerenciamento do banco de dados. Com isso, os *inputs* não se comunicaram com os respectivos domicílios, o que, além de não permitir a desagregação dos dados por território, impossibilitou a estimação para os domicílios onde a entrevista não foi obtida, ou seja, 8% do total de domicílios — cabe destacar que a meta de cobertura foi de 92% das unidades de coleta, tendo sido devidamente alcançada.

Deste modo, a solução vislumbrada para ajustar os resultados conforme os fatores de estimação específicos de cada comunidade, sexo e idade seria revisar cada questionário, um a um, para digitar novamente a informação individual, pessoa por pessoa, e o código do respectivo domicílio. Pelo esforço e custo que essa medida acarretaria, a decisão foi abdicar de uma análise plena dessa variável e não proceder à redigitação.

Com isso, os dados sobre a “Responsabilidade pelo domicílio” têm certos limites:

- i. estão subenumerados (por isso, serão apresentados somente em percentuais);
- ii. estão ligeiramente afetados pelas pequenas diferenças entre as taxas de cobertura específicas de cada território;
- iii. só podem ser combinados com a idade e o sexo da pessoa (nem mesmo com a localidade de residência);
- iv. não é possível indicar quantos domicílios têm responsáveis com determinada característica (idade ou sexo), mas apenas o contrário — ou seja, quantas pessoas com determinada característica são responsáveis por domicílios.

As ressalvas acima derivam do absoluto rigor desse estudo no que tange à confiabilidade dos dados. Porém, cabe registrar que a imprecisão decorrente da não ponderação das médias de cada comunidade, sexo e idade tenderá a ser desprezível, já que a cobertura de 92% — variando de 90,7% na Praia de Ramos a 94,0% no Parque Maré — foi grande o suficiente para minimizar, no resultado geral, a influência da pequena variação nas taxas de cobertura. Uma vez informados esses limites, seguem os dados apurados, apresentados exclusivamente em percentuais.

Quando se trata do perfil etário dos que são responsáveis ou compartilham a responsabilidade pelos domicílios observa-se algo esperado: com o avançar da idade mais pessoas vão exercendo a responsabilidade pelo domicílio, tendência que só começa a recuar em torno dos 80 anos de idade. Provavelmente, a demanda por companhia e cuidados na fase final da vida é o fator que mais explica a perda desse papel no domicílio.

Todavia, apesar da longevidade ser um predicado da responsabilidade pelo domicílio, é relevante a participação de jovens neste universo na Maré. Os dados mostram que um em cada três jovens entre 20 e 24 anos já assume esse papel: 16,8%, na condição de único ou principal responsável, e 20,5%, compartilhando a responsabilidade em igualdade de condições. Na coorte de 25 a 29 anos, mais da metade já é responsável pelo domicílio: 30,8%, como únicos ou principais, e 22,1%, compartilhando.

Neste tema, o Censo 2010 do IBGE também dispõe de dados para a Maré e os mesmos convergem em alguns aspectos, mas diferem em outros. Em se tratando apenas de responsáveis únicos, o percentual na coorte de 20 a 24 anos é, coincidentemente, o mesmo: 16,8%. Na coorte etária seguinte, a de 25 a 29 anos, a representação é de 27,4%, apenas um pouco abaixo do apurado no Censo Maré. Na cidade do Rio de Janeiro, como esperado, os números são menores que os da Maré: 10,4% e 19,2%, respectivamente.

No entanto, a diferença entre as pesquisas surge quando se observa a condição de responsabilidade compartilhada: na pesquisa do IBGE, apenas 7,6% dos jovens entre 20 e 24 anos, e 11,1%, na coorte de 25 a 29 anos (na cidade, os percentuais são 4,9% e 9,8%).

A comparação dos dados do Censo Maré com os do IBGE permite identificar, portanto, uma característica determinante nas diferenças verificadas: aqui, mais pessoas — de todas as coortes etárias — foram declaradas na condição de responsável. Enquanto no Censo Maré o conjunto de pessoas maiores de 15 anos responsáveis sem ou com compartilhamento representam, respectivamente, 35,4% e 17,3% (totalizando 52,7%), no Censo do IBGE são 32,0% e 11,1% (totalizando 43,1%). Na cidade, pessoas responsáveis totalizam 42,0%, sendo 30,5% na condição de único responsável e 11,5%, compartilhando.

Contudo, ambas as pesquisas confirmam que, na Maré, a responsabilidade começa a ser assumida mais cedo. O nível de participação que só se vê no conjunto da cidade em torno dos 30 a 35 anos, por exemplo, já é observada em torno dos 25 a 30 anos na Maré.

TABELA 36 | PERCENTUAL DE PESSOAS EM RELAÇÃO À RESPONSABILIDADE DO DOMICÍLIO, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL	RESPONSÁVEL ÚNICO(A) OU PRINCIPAL	COMPARTILHA IGUALMENTE A RESPONSABILIDADE	NÃO É RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO
TOTAL GERAL	100,0%	35,4%	17,3%	47,4%
15 A 19 ANOS	100,0%	2,6%	7,1%	90,4%
20 A 24 ANOS	100,0%	16,8%	20,5%	62,6%
25 A 29 ANOS	100,0%	30,8%	22,1%	47,1%
30 A 34 ANOS	100,0%	40,0%	20,9%	39,2%
35 A 39 ANOS	100,0%	48,4%	17,9%	33,7%
40 A 44 ANOS	100,0%	46,1%	19,5%	34,5%
45 A 49 ANOS	100,0%	49,0%	18,1%	33,0%
50 A 54 ANOS	100,0%	49,9%	17,0%	33,1%
55 A 59 ANOS	100,0%	53,8%	15,5%	30,7%
60 A 64 ANOS	100,0%	56,4%	14,7%	28,8%
65 A 69 ANOS	100,0%	58,8%	14,8%	26,4%
70 A 74 ANOS	100,0%	62,6%	13,9%	23,5%
75 A 79 ANOS	100,0%	65,6%	12,7%	21,7%
80 A 84 ANOS	100,0%	57,7%	15,9%	26,3%
85 A 89 ANOS	100,0%	52,6%	13,8%	33,6%
90 ANOS OU MAIS	100,0%	37,6%	14,4%	48,1%

Essa informação demonstra que os jovens de favelas também assumem papéis econômicos e sociais em seus lares, inclusive, como chefes de família, se contrapondo aos estigmas que, de forma reducionista, são dirigidos a esse segmento: resistentes ao trabalho, interessados somente em amenidades ou farras e, conseqüentemente, incapazes de assumir papéis sociais de responsabilidade.

Os resultados indicam uma importante participação feminina na responsabilidade dos domicílios. Na condição de única ou principal responsável estão 30,3% das mulheres maiores de 15 anos. Além destas, 19,1% exercem a responsabilidade de forma compartilhada nos demais domicílios, mas em igualdade de condições com a(s) outra(s) pessoa(s) responsável(is). Portanto, praticamente a metade das mulheres com 15 anos ou mais de idade é responsável por domicílios na Maré.

A pesquisa de 2010 do IBGE mostra apenas 37,3% das mulheres maiores de 15 anos da Maré nessa condição, sendo 27,9% como única e 9,4%, compartilhando. No conjunto da cidade, os percentuais são semelhantes: 27,1% e 9,0%.

No contingente masculino, ser responsável pelo domicílio é mais comum: 56% dos homens maiores de 15 anos são declarados nesse papel, sendo 40,7% na condição de único ou principal responsável e 15,3% compartilhando igualmente a responsabilidade.

Para o IBGE, em 2010, eram 49,3% os homens da Maré responsáveis pelo domicílio sem ou com compartilhamento — 36,3% e 13,0%, respectivamente. Na cidade, os percentuais são bem próximos aos da Maré: 34,6% e 14,4%.

Os dados do Censo Maré mostram que os homens ainda são mais frequentes nesse posto: 55,6% dos responsáveis únicos ou principais são homens, ao passo que 55,2% das pessoas que não ocupam o papel de responsável são mulheres. O contingente feminino também predomina — com 57,2% — no universo de pessoas que exercem a responsabilidade igualmente compartilhada.

Para finalizar a comparação com os dados do IBGE, no Censo de 2010, a representação de homens entre os responsáveis únicos é praticamente a mesma apurada no Censo Maré: 55,7%. Entre as pessoas que não ocupam o papel de responsável, também se observa a convergência entre as pesquisas: as mulheres compõem 56,6% do contingente. Na condição de compartilhamento, porém, as pesquisas diferem, pois as mulheres representam a minoria, com 43,2%, invertendo a participação verificada no Censo Maré.

Isso sugere que as diferenças vistas na análise dos resultados por idade, em especial, na condição de responsabilidade compartilhada, estão mais associadas à declaração das mulheres, sobretudo as jovens, quanto ao seu papel no lar. Mas isso não quer dizer que entre 2010 e 2013 tenha havido uma tendência à maior afirmação do papel feminino, pois o tempo decorrido entre uma e outra pesquisa parece curto para a captação desse fenômeno.

A explicação mais plausível, então, reside nos critérios que as referidas pesquisas adotaram. No caso do Censo Maré, a orientação dada aos pesquisadores de campo foi a de que a contribuição financeira no orçamento doméstico é um dos elementos, contudo, podendo ou não ser preponderante conforme o juízo de cada entrevistado — e isso devia ser informado caso a pessoa entrevistada solicitasse a elucidação do termo.

Na cidade do Rio de Janeiro, o Censo 2010 do IBGE mostrou que os homens são 52,0% das pessoas responsáveis sem compartilhamento e 57,6% das que compartilham. Entre as que não são responsáveis, as mulheres predominam com 59,7%.



PRATICAMENTE A METADE
DAS MULHERES COM 15
ANOS OU MAIS DE IDADE
É RESPONSÁVEL POR
DOMICÍLIOS NA MARÉ”

Os dados levantados tanto pelo Censo Maré quanto pelo IBGE confirmam a participação expressiva das mulheres na responsabilidade pelo domicílio. Embora não componham a maioria, já materializam uma realidade em que, aproximadamente, dois em cada cinco domicílios têm uma mulher responsável. Se, por um lado, a mulher como única responsável pelo domicílio enfrenta o desafio da desigualdade salarial em relação aos homens, de outro, sua ascensão como corresponsável é um provável sinal de ampliação de seu ingresso no mercado de trabalho e de um avanço positivo nas relações de gênero.

TABELA 37 | PERCENTUAL DE PESSOAS SEGUNDO O COMPARTILHAMENTO OU NÃO DA RESPONSABILIDADE PELO DOMICÍLIO, POR SEXO

SEXO	TOTAL	RESPONSÁVEL ÚNICO(A) OU PRINCIPAL	COMPARTILHA IGUALMENTE A RESPONSABILIDADE	NÃO É RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO
TOTAL GERAL	100%	35,3%	17,3%	47,4%
MULHERES	100%	30,3%	19,1%	50,6%
HOMENS	100%	40,7%	15,3%	44,0%

TABELA 38 | PERCENTUAL DE PESSOAS, TOTAL E POR SEXO, QUE SÃO RESPONSÁVEIS OU NÃO PELO DOMICÍLIO

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
RESPONSÁVEL ÚNICO(A) OU PRINCIPAL	100%	44,4%	55,6%
COMPARTILHA IGUALMENTE A RESPONSABILIDADE	100%	57,2%	42,8%
NÃO É RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO	100%	55,2%	44,8%



44,4%

dos responsáveis únicos ou principais pelo domicílio são mulheres

Um elemento comum nas favelas cariocas é a falta de arborização, especialmente nas mais populosas e densamente povoadas. As construções dominam quase todos os espaços disponíveis e as poucas árvores existentes resistem ao concreto. Na Maré, a prática também foi reproduzida pelo poder público municipal nos três últimos conjuntos habitacionais construídos, nos quais não houve o plantio de uma única árvore — apesar de serem projetos posteriores à realização da ECO-92³⁸.

Nesse quadro de naturalização da ausência de verde, não é estranho que só em 26,0% dos domicílios haja o cultivo de plantas. Porém, dois conjuntos habitacionais recentes se destacam: Nova Maré, cuja prática está presente em 40,4% dos domicílios, e Bento Ribeiro Dantas, em 54,0%.

TABELA 39 | DOMICÍLIOS SEGUNDO O CULTIVO DE PLANTAS, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM, CULTIVA		NÃO CULTIVA		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	12.411	26,0%	34.819	72,9%	528	1,1%
PARQUE UNIÃO	7.600	1.673	22,0%	5.894	77,5%	33	0,4%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	1.149	22,7%	3.741	73,8%	177	3,5%
NOVA HOLANDA	4.601	1.446	31,4%	3.120	67,8%	35	0,8%
PARQUE MARÉ	4.552	925	20,3%	3.613	79,4%	15	0,3%
VILA DO JOÃO	4.453	1.095	24,6%	3.278	73,6%	80	1,8%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	1.162	35,4%	2.113	64,3%	12	0,4%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	523	18,2%	2.292	80,0%	52	1,8%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	613	25,6%	1.777	74,2%	5	0,2%
MORRO DO TIMBAU	2.359	765	32,4%	1.527	64,7%	67	2,9%
MARCÍLIO DIAS	2.248	687	30,6%	1.556	69,2%	5	0,2%
SALSA E MERENGUE	2.163	550	25,4%	1.607	74,3%	6	0,3%
CONJ. ESPERANÇA	1.870	437	23,4%	1.420	75,9%	14	0,8%
CONJ. PINHEIROS	1.342	269	20,0%	1.070	79,7%	3	0,2%
PRAIA DE RAMOS	1.064	227	21,4%	820	77,0%	17	1,6%
NOVA MARÉ	944	382	40,4%	561	59,4%	1	0,1%
CONJ. B. R. DANTAS	943	509	54,0%	430	45,5%	5	0,5%

A principal razão para o cultivo é a decoração do ambiente doméstico, conforme declarado em 89,3% dos domicílios. Contudo, não é desprezível que a finalidade medicinal seja a principal motivação em 6,2% dos lares da Maré, mais até do que a culinária ou alimentação, que alcançam, como motivo principal, menos de 1% dos domicílios.

³⁸ ECO-92 ou Rio-92 são denominações abreviadas para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada de 3 a 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro. Simultaneamente, foi realizado o Fórum Global 92, com a participação de cerca de 10 mil organizações não governamentais.

TABELA 40 | DOMICÍLIOS EM QUE HÁ CULTIVO DE PLANTAS SEGUNDO A MOTIVAÇÃO PARA O CULTIVO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL COM PLANTA	DECORAÇÃO	MEDICINAL	CULINÁRIO] OU ALIMENTAÇÃO	RELIGIÃO OU SUPERSTIÇÃO	OUTRA CONDIÇÃO	SEM RESPOSTA
	DOM	%	%	%	%	%	%
MARÉ	12.411	89,3%	6,2%	0,9%	0,7%	0,9%	1,9%
PARQUE UNIÃO	1.673	87,9%	6,7%	1,1%	1,8%	0,8%	1,7%
NOVA HOLANDA	1.446	90,0%	4,8%	0,7%	0,4%	1,1%	3,2%
BAIXA DO SAPATEIRO	1.162	87,0%	9,4%	0,7%	0,7%	0,7%	1,5%
VILA DOS PINHEIROS	1.149	89,0%	7,6%	1,3%	0,3%	0,6%	1,3%
VILA DO JOÃO	1.095	88,5%	8,1%	1,1%	0,8%	0,3%	1,2%
PARQUE MARÉ	925	84,2%	8,2%	1,1%	0,5%	1,6%	4,4%
MORRO DO TIMBAU	765	91,1%	5,3%	1,0%	1,0%	0,1%	1,6%
MARCÍLIO DIAS	687	95,8%	1,5%	0,2%	0,0%	0,0%	2,6%
PARQUE RUBENS VAZ	613	91,0%	5,2%	1,4%	0,3%	0,9%	1,2%
SALSA E MERENGUE	550	93,6%	4,1%	0,5%	0,2%	0,2%	1,4%
PQ. ROQUETE PINTO	523	89,5%	5,9%	0,4%	1,6%	0,4%	2,2%
CONJ. B. R. DANTAS	509	83,4%	6,4%	1,0%	0,3%	8,6%	0,3%
CONJ. ESPERANÇA	437	92,7%	4,8%	1,1%	0,3%	0,0%	1,1%
NOVA MARÉ	382	92,5%	6,1%	0,3%	0,3%	0,0%	0,8%
CONJ. PINHEIROS	269	93,0%	4,1%	0,4%	0,8%	0,0%	1,7%
PRAIA DE RAMOS	227	89,6%	2,8%	0,0%	2,8%	1,4%	3,3%

Na série Indicadores de Desenvolvimento Sustentável, do IBGE, é apontado que, dos 68 milhões de domicílios brasileiros em 2015, 27% eram inadequados para moradia, representando um total de, aproximadamente, 18,5 milhões de unidades. No estado do Rio de Janeiro, a mesma edição do estudo classificou quase 900 mil domicílios como inadequados, correspondendo a 15% do total. Nos termos do IBGE, de um modo geral, a adequação do domicílio é definida pela existência de saneamento básico, de rede de abastecimento de água, de coleta de lixo e da quantidade de moradores por dormitório.

Quase todas essas habitações estão localizadas em favelas e periferias e revelam condições críticas quanto à urbanidade. Elas são, sobretudo, expressões das desigualdades sociais no território de moradia de milhões de cidadãos e cidadãs de nosso país.

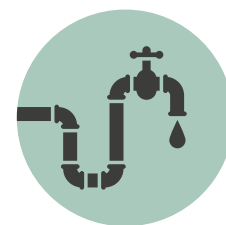
Embora a Maré seja um dos mais populosos conjuntos de favelas do Brasil, são poucos, proporcionalmente, os icônicos barracos de madeira, sem água encanada e sem esgotamento sanitário. Do ponto de vista da existência, sem entrar no mérito da qualidade, nota-se que a cobertura da coleta de lixo e das redes de água e de esgoto não é tão diferente da média da cidade. A rigor, a implantação e o empenho para melhoria dos serviços básicos foi fruto do trabalho e das lutas dos moradores por direitos, ao longo de mais de meio século, mobilizados pelas associações civis locais.

TABELA 41 | DOMICÍLIOS SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE ÁGUA CANALIZADA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM, DENTRO DO DOMICÍLIO		SIM, MAS SOMENTE NA PARTE EXTERNA DO DOMICÍLIO		NÃO		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	46.933	98,3%	417	0,9%	151	0,3%	257	0,5%
PARQUE UNIÃO	7.600	7.384	97,1%	125	1,6%	43	0,6%	49	0,6%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	5.007	98,8%	17	0,3%	15	0,3%	28	0,6%
NOVA HOLANDA	4.601	4.506	97,9%	44	0,9%	29	0,6%	22	0,5%
PARQUE MARÉ	4.552	4.467	98,1%	45	1,0%	13	0,3%	27	0,6%
VILA DO JOÃO	4.453	4.413	99,1%	14	0,3%	8	0,2%	17	0,4%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	3.238	98,5%	17	0,5%	10	0,3%	23	0,7%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	2.830	98,7%	5	0,2%	3	0,1%	29	1,0%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	2.279	95,2%	82	3,4%	15	0,6%	19	0,8%
MORRO DO TIMBAU	2.359	2.332	98,9%	17	0,7%	3	0,1%	7	0,3%
MARCÍLIO DIAS	2.248	2.237	99,5%	6	0,3%	2	0,1%	3	0,1%
SALSA E MERENGUE	2.163	2.141	99,0%	8	0,3%	4	0,2%	11	0,5%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	1.849	98,9%	11	0,6%	1	0,1%	9	0,5%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	1.327	98,8%	7	0,5%		0,0%	9	0,7%
PRAIA DE RAMOS	1.064	1.059	99,5%	2	0,2%	1	0,1%	2	0,2%
NOVA MARÉ	944	927	98,2%	12	1,2%	3	0,3%	2	0,2%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	943	937	99,3%	6	0,7%		0,0%		0,0%

Uma dessas conquistas de direitos de urbanidade foi o acesso à rede de água, presente em 98,3% das residências. No entanto, foram contadas 417 unidades com canalização apenas na parte externa e 151 sem água disponível. Neste aspecto, a situação mais grave se apresenta no Parque União, onde foram encontrados 168 domicílios (2,2%) sem água ou somente com acesso externo.

Apesar do alcance à rede de água em grande parte dos domicílios da Maré, não existe uma segurança plena sobre as condições sanitárias da água para consumo humano. Infelizmente, segundo revelam os dados, tal preocupação ainda está aquém do recomendado, uma vez 8.300 domicílios (17,4%) não utilizam filtro ou água mineral. Em outras palavras, uma parcela significativa de moradores da Maré não tem o consumo de água adequadamente tratada como um hábito cotidiano. A situação mais crítica é na comunidade da Nova Maré, onde um em quatro domicílios não usa filtro ou água mineral. Mas em nenhuma delas o panorama é confortável: o menor percentual de domicílios que não usam é de 10,4%, observado no Conjunto Pinheiros. A falta de preocupação com o tratamento da água, para além do realizado pela CEDAE, é generalizada na Maré, atingindo um em cada cinco domicílios.



98,3%

das residências possuem acesso à rede de água

TABELA 42 | DOMICÍLIOS SEGUNDO A EXISTÊNCIA OU USO DE FILTRO OU ÁGUA MINERAL E GELADEIRA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	UTILIZAM FILTRO OU ÁGUA MINERAL?				POSSUI GELADEIRA?			
		SIM		SEM RESPOSTA		SIM		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	39.390	82,5%	68	0,1%	46.882	98,2%	64	0,1%
PARQUE UNIÃO	7.600	6.687	88,0%	7	0,1%	7.410	97,5%	7	0,1%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	4.013	79,2%	12	0,2%	4.963	97,9%	11	0,2%
NOVA HOLANDA	4.601	3.552	77,2%	7	0,1%	4.505	97,9%	4	0,1%
PARQUE MARÉ	4.552	3.676	80,7%	6	0,1%	4.460	98,0%	4	0,1%
VILA DO JOÃO	4.453	3.567	80,1%	5	0,1%	4.386	98,5%	5	0,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	2.836	86,3%	5	0,2%	3.244	98,7%	5	0,2%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	2.278	79,4%	4	0,1%	2.815	98,2%	4	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	1.879	78,5%	4	0,2%	2.314	96,6%	2	0,1%
MORRO DO TIMBAU	2.359	2.083	88,3%	2	0,1%	2.317	98,2%	2	0,1%
MARCÍLIO DIAS	2.248	1.915	85,2%	5	0,2%	2.211	98,3%	5	0,2%
SALSA E MERENGUE	2.163	1.694	78,3%	3	0,1%	2.144	99,1%	3	0,1%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	1.602	85,6%	6	0,3%	1.853	99,1%	7	0,4%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	1.201	89,5%	1	0,1%	1.335	99,4%	2	0,2%
PRAIA DE RAMOS	1.064	946	88,9%	-	-	1.061	99,7%	-	-
NOVA MARÉ	944	700	74,2%	1	0,1%	928	98,3%	1	0,1%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	943	762	80,8%	-	-	935	99,1%	-	-



71,5%

dos domicílios da Maré têm o lixo coletado na porta

A coleta regular de lixo é outro elemento fundamental da vida urbana, especialmente face às dificuldades de se lidar com o aumento crescente da produção de resíduos no cotidiano das cidades. Na Maré, o lixo é coletado na porta de 71,5% dos domicílios e outros 26,4% o levam para um local onde é recolhido. O expediente de levar a um ponto de recolhimento é, muitas vezes, a alternativa em vias estreitas ou sem saída que inviabilizam a entrada ou manobra do veículo de coleta — nas mais estreitas, também evita que o lixo obstrua a passagem dos moradores.

Mas além da cobertura, o Censo Maré indagou sobre a suficiência do serviço. No geral, em 3,9% dos domicílios atendidos pela coleta regular, os moradores também costumam recorrer a outro destino. Percentualmente, isso acontece mais em Salsa e Merengue (13,4%). Contudo, vale destacar as comunidades em que essa prática ocorre em percentual acima da média geral: Nova Maré (8,1%), Nova Holanda (7,6%), Vila dos Pinheiros (6,5%), Parque Rubens Vaz (5,0%) e Parque Maré (4,9%).

TABELA 43 | DOMICÍLIOS SEGUNDO O DESTINO DO LIXO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	COLETADO DIRETAMENTE NA PORTA		DEPOSITADO EM LOCAL ONDE É RECOLHIDO		OUTRO DESTINO		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%
		MARÉ	47.758	34.130	71,5%	12.605	26,4%	907	1,9%
PARQUE UNIÃO	7.600	6.848	90,1%	617	8,1%	108	1,4%	27	0,4%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	3.601	71,1%	1.435	28,3%	19	0,4%	11	0,2%
NOVA HOLANDA	4.601	3.255	70,7%	1.049	22,8%	293	6,4%	4	0,1%
PARQUE MARÉ	4.552	3.280	72,0%	1.030	22,6%	236	5,2%	7	0,1%
VILA DO JOÃO	4.453	3.594	80,7%	848	19,0%	5	0,1%	6	0,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	2.429	73,9%	837	25,5%	12	0,4%	10	0,3%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	2.459	85,8%	383	13,4%	1	0,0%	24	0,8%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	2.115	88,3%	83	3,5%	195	8,1%	2	0,1%
MORRO DO TIMBAU	2.359	1.654	70,1%	687	29,1%	16	0,7%	2	0,1%
MARCÍLIO DIAS	2.248	1.398	62,2%	843	37,5%	5	0,2%	2	0,1%
SALSA E MERENGUE	2.163	1.028	47,5%	1.121	51,8%	10	0,5%	5	0,2%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	621	33,2%	1.234	66,0%	8	0,4%	7	0,4%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	232	17,3%	1.105	82,3%	-	-	6	0,4%
PRAIA DE RAMOS	1.064	1.061	99,7%	3	0,3%	-	-	-	-
NOVA MARÉ	944	227	24,0%	714	75,6%	-	-	3	0,3%
CONJUNTO BENTO R. DANTAS	943	327	34,7%	616	65,3%	-	-	-	-

TABELA 44 | DOMICÍLIOS QUE UTILIZAM O SERVIÇO DE COLETA DE LIXO SEGUNDO A SUFICIÊNCIA DO SERVIÇO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL COM COLETA	O SERVIÇO DE COLETA É SUFICIENTE		COSTUMA SER PRECISO DAR OUTRO DESTINO		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%
		MARÉ	46.735	44.375	95,0%	1.821	3,9%
PARQUE UNIÃO	7.466	7.239	97,0%	161	2,2%	65	0,9%
VILA DOS PINHEIROS	5.037	4.649	92,3%	329	6,5%	58	1,2%
NOVA HOLANDA	4.304	3.951	91,8%	325	7,6%	28	0,7%
PARQUE MARÉ	4.310	4.054	94,1%	212	4,9%	44	1,0%
VILA DO JOÃO	4.442	4.271	96,2%	112	2,5%	59	1,3%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.266	3.168	97,0%	63	1,9%	35	1,1%
PQ. ROQUETE PINTO	2.842	2.791	98,2%	14	0,5%	37	1,3%
PARQUE RUBENS VAZ	2.198	2.064	93,9%	111	5,0%	23	1,1%
MORRO DO TIMBAU	2.341	2.276	97,2%	46	2,0%	18	0,8%
MARCÍLIO DIAS	2.241	2.166	96,7%	25	1,1%	50	2,2%
SALSA E MERENGUE	2.148	1.817	84,6%	287	13,4%	44	2,0%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.855	1.796	96,8%	15	0,8%	43	2,3%
CONJUNTO PINHEIROS	1.337	1.286	96,2%	38	2,8%	13	1,0%
PRAIA DE RAMOS	1.064	1.058	99,4%	5	0,5%	1	0,1%
NOVA MARÉ	941	851	90,4%	76	8,1%	14	1,5%
CONJUNTO BENTO R. DANTAS	943	937	99,3%	2	0,2%	5	0,5%

TABELA 45 | DOMICÍLIOS QUE NÃO UTILIZAM O SERVIÇO DE COLETA DE LIXO SEGUNDO O DESTINO DO LIXO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL SEM COLETA	DEIXADO EM TERRENO BALDIO OU LOGRADOURO	JOGADO EM CANAL, RIO, MAR ETC.	QUEIMADO OU ENTERRADO NA PROPRIEDADE
	DOM	DOM	DOM	DOM
MARÉ	907	863	38	6
NOVA HOLANDA	293	286	7	-
PARQUE MARÉ	236	233	1	1
PARQUE RUBENS VAZ	195	183	11	1
PARQUE UNIÃO	108	103	5	-
VILA DOS PINHEIROS	19	18	1	-
MORRO DO TIMBAU	16	15	-	2
BAIXA DO SAPATEIRO	12	9	2	1
SALSA E MERENGUE	10	5	5	-
CONJUNTO ESPERANÇA	8	5	4	-
VILA DO JOÃO	5	3	1	-
MARCÍLIO DIAS	5	3	1	1
PQ. ROQUETE PINTO	1	1	-	-
CONJUNTO PINHEIROS	-	-	-	-
PRAIA DE RAMOS	-	-	-	-
NOVA MARÉ	-	-	-	-
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	-	-	-	-



No entanto, é preocupante o fato de que mais de 900 domicílios não utilizam o serviço de coleta e tenham o lixo lançado em terrenos baldios, vias públicas, valões ou canais, embora, em toda a Maré, não exista área habitada que seja inacessível para os serviços públicos. Por isso, é necessário um estudo complementar que identifique as razões para que esses domicílios não utilizem o serviço de coleta de lixo.

Somente nas localidades de Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré e Parque União há 832 lares que dispensam o lixo de outro modo que não através da coleta — ou seja, 91,7% de todos os domicílios da Maré que foram declarados nessa condição. Em termos proporcionais, observa-se que as três primeiras localidades aparecem nos resultados do Censo Maré com 8,1%, 6,4%, e 5,2% dos seus domicílios, respectivamente, não utilizando o serviço de coleta. Já no Parque União, tais domicílios correspondem a 1,4% do total contado no território³⁹.

Quem conhece o cotidiano da Maré nota os investimentos que a prefeitura fez, durante a última década, na coleta de lixo. A distribuição de compactadoras, caçambas e lixeiras, por exemplo, ajudou a diminuir muito a presença de resíduos nas ruas. No entanto, observa-se também uma acentuada degradação dos equipamentos, o que evidencia dificuldades seja para conservação, seja para reposição dos mesmos. Neste sentido, cabe investigar a percepção dos moradores, usuários ou não, e dos agentes do poder público no tocante à limpeza urbana⁴⁰ na Maré, com vistas à superação de limites e à continuidade de construção de estratégias que tratem a questão ambiental com prioridade absoluta, considerando seu impacto para a qualidade de vida na cidade.

³⁹ Diante de números tão distintos do restante da Maré e concentrados em uma mesma área, cabe especular se moradores que despejam o lixo nas vias principais, por não terem a coleta em sua porta, interpretam este ato como “outro destino”, apesar da coleta ser posteriormente realizada pelos agentes encarregados do serviço.

⁴⁰ A limpeza urbana inclui a varrição e capinação de vias e demais áreas públicas, poda de árvores, limpeza de bueiros, coleta de lixo etc.

Nos últimos anos, a oferta de escolas de educação infantil e de ensino fundamental na Maré aumentou bastante. Isso ocorreu devido à mobilização de organizações locais — especialmente as associações de moradores e a Redes da Maré — no movimento chamado “Maré que Queremos”, criado em 2012. O grupo fez um diagnóstico da demanda por ensino fundamental no território e apresentou a reivindicação de construção de novas unidades à prefeitura municipal, que acolheu satisfatoriamente a proposta e criou o Campus Educacional da Maré⁴¹. Com isso, a Maré conta agora com 44 escolas públicas, que oferecem da creche ao ensino médio (ainda que, nesta última etapa, cuja responsabilidade é da esfera estadual, a oferta continue muito aquém da necessidade). Entretanto, cabe registrar que no período de referência do Censo Maré, o ano de 2013, o número de escolas na região era cerca da metade do que é hoje.

Portanto, se a capacidade de oferta da educação básica na Maré só permanece crítica em relação à creche e ao ensino médio, a qualidade dos serviços educacionais continua sendo um problema grave em todas as etapas. É consenso que a qualidade da educação oferecida às crianças e adolescentes decorre tanto de fatores externos quanto internos às escolas. Nesse sentido, crianças e adolescentes da Maré estão, por um lado, sujeitos às deficiências comuns à educação pública brasileira e, de outro, a certas especificidades locais.

Uma dessas é a violência derivada dos confrontos entre grupos civis armados que dominam o comércio de drogas ilícitas e, destes, com a polícia. Em decorrência desse enfrentamento, segundo monitoramento realizado pela Redes da Maré, as escolas locais ficaram fechadas por 25 dias em 2016, e 35 dias em 2017. Além da perda de aulas, a violência gera um alto grau de dispersão do trabalho educativo, potencializado pelo estresse, sofrimento e depressão, tanto por parte dos profissionais da educação, como para as crianças e seus familiares.

Outro aspecto que compromete o desempenho escolar é o pequeno capital educacional da maioria das famílias locais, o que dificulta o apoio pedagógico às crianças e adolescentes e, em determinadas circunstâncias, a própria valorização da educação como estratégia central para a vida⁴².

Na dinâmica intraescolar, os profissionais têm, em geral, dificuldade em se relacionar com a comunidade do entorno. Assim, não privilegiam a aproximação das famílias e tornam-se resistentes à construção de metodologias que as envolvam no processo pedagógico, o que ajudaria a derrubar muros simbólicos. O fato de haver, por exemplo, escolas

⁴¹ Em 2014 a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro criou o Programa Fábrica de Escolas do Amanhã Governador Leonel Brizola com o objetivo de construir 136 novas escolas e reequipar outras 77 unidades em toda a cidade. As novas unidades da Maré foram construídas e inauguradas entre 2015 e 2016.

⁴² Há inúmeras pesquisas sobre a importância do capital cultural e educacional familiar para um bom desempenho escolar das crianças. Ver: SOUZA E SILVA, Jailson de. *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

TABELA 46 | PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS, ALFABETIZADAS OU NÃO, POR SEXO

SEXO	TOTAL		SABE LER/ESCREVER		NÃO SABE LER/ESCREVER		SEM RESPOSTA	
	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	105.039	100%	98.720	94,0%	6.302	6,0%	18	0,0%
MULHERES	54.024	100%	50.661	93,8%	3.356	6,2%	7	0,0%
HOMENS	50.812	100%	47.879	94,2%	2.925	5,8%	8	0,0%
SEM RESPOSTA	203	100%	180	88,7%	20	9,9%	3	1,5%

TABELA 47 | PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS, ALFABETIZADAS OU NÃO, POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL		SABE LER/ESCREVER		NÃO SABE LER/ESCREVER		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	
TOTAL GERAL	105.039	98.720	94,0%	6.302	6,0%	18	0,0%	
15 A 19 ANOS	11.961	11.835	98,9%	126	1,1%	-	-	
20 A 24 ANOS	12.461	12.323	98,9%	134	1,1%	3	0,0%	
25 A 29 ANOS	13.666	13.466	98,5%	200	1,5%	-	-	
30 A 34 ANOS	13.549	13.226	97,6%	321	2,4%	1	0,0%	
35 A 39 ANOS	12.840	12.421	96,7%	418	3,3%	1	0,0%	
40 A 44 ANOS	9.785	9.259	94,6%	527	5,4%	-	-	
45 A 49 ANOS	8.030	7.487	93,2%	542	6,7%	1	0,0%	
50 A 54 ANOS	6.516	5.927	91,0%	589	9,0%	-	-	
55 A 59 ANOS	4.905	4.291	87,5%	611	12,5%	3	0,0%	
60 A 64 ANOS	3.712	2.990	80,6%	722	19,4%	-	-	
65 A 69 ANOS	2.564	1.903	74,2%	662	25,8%	-	-	
70 A 74 ANOS	1.781	1.252	70,3%	530	29,7%	-	-	
75 A 79 ANOS	1.164	777	66,7%	387	33,3%	-	-	
80 A 84 ANOS	623	381	61,2%	242	38,8%	-	-	
85 A 89 ANOS	316	164	51,9%	152	48,1%	-	-	
90 A 94 ANOS	102	54	52,7%	48	47,3%	-	-	
95 ANOS OU MAIS	32	12	37,3%	20	62,7%	-	-	
S/ RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032	952	92,3%	70	6,8%	9	0,0%	

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

em que os estudantes da tarde (no inverno, pois escurece mais cedo) ou da noite são dispensados mais cedo que o habitual, tendo a violência como justificativa, mesmo não tendo ocorrido qualquer confronto no dia, é uma demonstração evidente da incompreensão das necessidades das crianças e adolescentes deste território e da ausência de um compromisso radical com a ampliação do conhecimento, a socialização e o tratamento equânime dentro da rede escolar.

Na população de 15 anos ou mais, o percentual de não alfabetizados é de 6,0%. A notícia pode ser vista como positiva, uma vez que a taxa vem caindo continuamente, mas ainda está longe de significar que o letramento na Maré esteja solucionado. Afinal, a taxa de analfabetismo de 6,0% ainda é duas vezes maior que a observada na cidade do Rio de Janeiro em 2010, pelo IBGE — 2,8%. Ainda são mais de seis mil pessoas maiores de 15 anos nessa condição e todas, mesmo as mais velhas, têm direito a superá-la.

A taxa de analfabetismo apresenta uma pequena amplitude entre homens e mulheres: 5,8% e 6,2%, respectivamente. No conjunto da cidade, segundo o IBGE 2010, essa diferença também ocorre, sendo de 2,7%, entre os homens, e 3,0%, entre as mulheres.

Como é de se esperar, quanto maior a idade, mais alta é a taxa de analfabetismo. Toda a coorte etária de 15 a 44 anos apresenta taxa abaixo da média. Os jovens até 29 anos não passam de 1,5% do total. Já acima de 45 anos, a realidade é bem diferente: na faixa etária de 65 a 69 anos, o analfabetismo atinge uma em cada quatro pessoas.

Mas a redução do analfabetismo, refletida nas coortes mais jovens, também revela uma distinção de gênero. As mulheres são proporcionalmente mais alfabetizadas até a faixa etária de 50 a 54 anos e, acima dessa idade, são os homens. Esses dados evidenciam que até a década de 1960, enquanto uma grande parcela da população brasileira ainda não tinha acesso ao letramento, as mulheres tinham ainda menos acesso do que os homens. A partir da década de 1970, quando a universalização do acesso à escola foi colocada definitivamente na

agenda do país e, em paralelo, a estrutura social machista foi sendo cada vez mais questionada, as mulheres não só engrossaram o contingente alfabetizado, como o fizeram em maior proporção do que os homens.

Nesta mesma perspectiva, observa-se que nas coortes entre 30 e 44 anos a taxa de alfabetização no contingente feminino é mais do que um ponto percentual superior à taxa do contingente masculino (entre 30 e 34 anos, 98,2% versus 97,0%; entre 35 e 39 anos, 97,3% versus 96,2%; entre 40 e 44 anos, 95,8% versus 93,5%). Porém, nas coortes etárias abaixo dos 30 anos a diferença é inferior a um ponto percentual (entre 15 e 19 anos, 99,2% versus 98,7%; entre 20 e 24 anos, 99,1% versus 98,7%; entre 25 e 29 anos, 98,9% versus 98,1%). A rigor, a proximidade da universalização do letramento na idade adequada — hoje, uma realidade — tende a igualar os percentuais de meninas e de meninos que sabem ler e escrever.



6%

é o percentual de não alfabetizados na população de 15 anos ou mais

TABELA 48 | TAXA DE ALFABETIZAÇÃO E DE ANALFABETISMO DE PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS, SEGUNDO O SEXO, POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	MULHERES				HOMENS			
	TOTAL	SABE LER/ESCREVER	NÃO SABE LER/ESCREVER	SEM RESPOSTA	TOTAL	SABE LER/ESCREVER	NÃO SABE LER/ESCREVER	SEM RESPOSTA
TOTAL GERAL	100%	93,8%	6,2%	0,0%	100%	94,2%	5,8%	0,0%
15 A 19 ANOS	100%	99,2%	0,8%	-	100%	98,7%	1,3%	-
20 A 24 ANOS	100%	99,1%	0,9%	-	100%	98,7%	1,3%	0,0%
25 A 29 ANOS	100%	98,9%	1,1%	-	100%	98,1%	1,9%	-
30 A 34 ANOS	100%	98,2%	1,8%	0,0%	100%	97,0%	3,0%	-
35 A 39 ANOS	100%	97,3%	2,7%	0,0%	100%	96,2%	3,8%	-
40 A 44 ANOS	100%	95,8%	4,2%	-	100%	93,5%	6,5%	-
45 A 49 ANOS	100%	93,5%	6,5%	-	100%	92,9%	7,0%	0,0%
50 A 54 ANOS	100%	91,2%	8,8%	-	100%	90,8%	9,2%	-
55 A 59 ANOS	100%	86,9%	13,0%	0,1%	100%	88,2%	11,8%	-
60 A 64 ANOS	100%	79,6%	20,4%	-	100%	81,8%	18,2%	-
65 A 69 ANOS	100%	71,4%	28,6%	-	100%	77,7%	22,3%	-
70 ANOS OU MAIS	100%	62,7%	37,3%	-	100%	70,5%	29,5%	-
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	100%	92,7%	6,7%	0,6%	100%	93,2%	6,0%	0,8%

(1) Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

Na organização do sistema de ensino brasileiro, há idades consideradas mais adequadas para cada etapa e anos da escolarização regular. A creche é a etapa indicada para crianças até 3 anos de idade. As de 4 e 5 anos têm a pré-escola como a etapa recomendada. Já para o ensino fundamental, a faixa etária adequada vai dos 6 aos 14 anos — sendo de 6 a 10 anos para os anos iniciais (1º ao 5º ano) e de 11 a 14 anos para os anos finais (6º ao 9º ano). Por fim, recomenda-se o ensino médio como a etapa ideal para estudantes com idade entre 15 e 17 anos. Neste sentido, vários resultados deste Censo sobre o tema Educação foram desagregados nas citadas faixas etárias, e não pelas faixas quinquenais vistas em outros itens.

Observar as taxas de alfabetização da população segundo as faixas etárias preferenciais para a escolarização revela um resultado animador: nas coortes de 11 a 14 anos e de 15 a 17 anos, o analfabetismo é de apenas 1,1% e 0,9%, respectivamente. Na faixa etária de 6 a 10 anos é de 22,3%, mas este resultado é esperado, pois a alfabetização é um processo de aprendizagem recomendado para crianças a partir dos 6 anos e aceitável, na realidade brasileira, até os 8 anos de idade⁴³.

TABELA 49 | PESSOAS COM 6 ANOS OU MAIS, ALFABETIZADAS OU NÃO, POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL	SABE LER/ESCREVER		NÃO SABE LER/ESCREVER		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	126.536	117.513	92,9%	9.005	7,1%	18	0,0%
6 A 10 ANOS	11.648	9.055	77,7%	2.593	22,3%	-	0,0%
11 A 14 ANOS	9.849	9.739	98,9%	110	1,1%	-	0,0%
15 A 17 ANOS	7.162	7.095	99,1%	68	0,9%	-	0,0%
18 A 19 ANOS	4.799	4.740	98,8%	58	1,2%	-	0,0%
20 A 24 ANOS	12.461	12.323	98,9%	134	1,1%	3	0,0%
25 ANOS OU MAIS	79.586	73.609	92,5%	5.971	7,5%	6	0,0%
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032	952	92,3%	70	6,8%	9	0,9%

(1) Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

Na Maré, o grupo étnico-racial com a maior taxa de analfabetismo é o dos indígenas, composto por 501 pessoas maiores de 15 anos, das quais 41 não sabem ler ou escrever. Considerando os três grupos predominantes numericamente, a maior taxa de analfabetismo se encontra entre as pessoas pretas e, a menor, entre as brancas, refletindo a desigualdade racial que a maior parte dos indicadores sociais brasileiros revela.

TABELA 50 | PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS, ALFABETIZADAS OU NÃO, POR COR DA PELE OU RAÇA

COR/RAÇA	TOTAL	SABE LER/ESCREVER		NÃO SABE LER/ESCREVER		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	105.039	98.720	94,0%	6.302	6,0%	18	0,0%
PARDA	55.270	51.939	94,0%	3.322	6,0%	9	0,0%
BRANCA	38.298	36.057	94,1%	2.239	5,8%	3	0,0%
PRETA	10.232	9.567	93,5%	659	6,4%	6	0,1%
AMARELA	565	529	93,7%	36	6,3%	-	0,0%
INDÍGENA	501	460	91,8%	41	8,2%	-	0,0%
S/ RESPOSTA	173	168	97,2%	5	2,8%	-	0,0%

⁴³ O Plano Nacional de Educação (Lei 13.005/2014) prevê como meta alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do ensino fundamental, que tem a idade de 8 anos como mais adequada. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (disposto na Portaria MEC 826/2017) reitera este prazo. Todavia, a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (homologada na Portaria MEC 1.570/2017) sugere que o ciclo de alfabetização compreenda não mais que os dois primeiros anos do ensino fundamental.

“
A MAIOR TAXA DE ANALFABETISMO SE ENCONTRA ENTRE AS PESSOAS PRETAS E, A MENOR, ENTRE AS BRANCAS, REFLETINDO A DESIGUALDADE RACIAL QUE A MAIOR PARTE DOS INDICADORES SOCIAIS BRASILEIROS REVELA”

As diferenças entre as comunidades da Maré são significativas no tocante ao analfabetismo, variando de 2,3%, no Conjunto Esperança, a 9,1%, no Parque Maré, ou seja, uma taxa quase quatro vezes maior. Vale destacar, ainda, a segunda menor taxa de analfabetismo, a do Morro do Timbau, de 3,8%, e a segunda maior, a da Vila dos Pinheiros, de 7,1%.

TABELA 51 | PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS, ALFABETIZADAS OU NÃO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SABE LER/ESCREVER		NÃO SABE LER/ESCREVER		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	105.039	98.720	94,0%	6.302	6,0%	18	0,0%
PARQUE UNIÃO	15.831	14.818	93,6%	1.013	6,4%	-	0,0%
VILA DOS PINHEIROS	11.618	10.789	92,9%	821	7,1%	8	0,1%
NOVA HOLANDA	10.092	9.474	93,9%	618	6,1%	-	0,0%
PARQUE MARÉ	9.964	9.058	90,9%	906	9,1%	-	0,0%
VILA DO JOÃO	9.871	9.347	94,7%	522	5,3%	1	0,0%
BAIXA DO SAPATEIRO	7.272	6.831	93,9%	442	6,1%	-	0,0%
PARQUE ROQUETE PINTO	6.026	5.694	94,5%	332	5,5%	-	0,0%
MORRO DO TIMBAU	5.176	4.978	96,2%	198	3,8%	1	0,0%
PARQUE RUBENS VAZ	4.967	4.628	93,2%	338	6,8%	1	0,0%
SALSA E MERENGUE	4.948	4.736	95,7%	209	4,2%	3	0,1%
MARCÍLIO DIAS	4.667	4.431	94,9%	237	5,1%	-	0,0%
CONJUNTO ESPERANÇA	4.207	4.111	97,7%	96	2,3%	-	0,0%
CONJUNTO PINHEIROS	3.154	2.989	94,8%	165	5,2%	-	0,0%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	2.620	2.461	93,9%	160	6,1%	-	0,0%
PRAIA DE RAMOS	2.466	2.338	94,8%	127	5,1%	1	0,0%
NOVA MARÉ	2.159	2.038	94,4%	119	5,5%	2	0,1%

Os resultados sobre a escolaridade dos moradores da Maré confirmam uma realidade preocupante, ainda que já conhecida. Os dados da Tabela 52 consideram a última etapa escolar concluída. Apenas 37,6% da população completou o ensino fundamental e a metade desses não foi além. Dos que avançaram, quase todos ficaram com o ensino médio completo.

Com graduação completa, incluindo as pessoas que cursaram pós-graduação, são, aproximadamente, 1,0%. Se observadas somente as pós-graduadas (*stricto sensu*), são necessárias duas casas decimais: 0,03% da população total.



Apenas
37,6%
da população
completou o ensino
fundamental

TABELA 52 | PESSOAS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE COMPLETO

ESCOLARIDADE	TOTAL		
	HAB	%	% ACUMULADO
TOTAL GERAL	139.073	100%	-
PÓS-DOCTORADO	5	0,004%	0,00%
DOCTORADO	11	0,008%	0,01%
MESTRADO	28	0,02%	0,03%
GRADUAÇÃO	1.290	0,93%	0,96%
ENSINO MÉDIO	25.031	18,00%	18,96%
ENSINO FUNDAMENTAL	25.866	18,60%	37,56%
SEM ENSINO FUNDAMENTAL	74.359	53,47%	-
SEM RESPOSTA	1.338	0,96%	-
NUNCA FREQUENTOU ESCOLA	11.145	8,01%	-

Certas análises, no entanto, requerem outro indicador educacional, que considere todas as pessoas que ingressaram em determinada etapa escolar, e não somente as que a completaram. É assim, por exemplo, com relação ao ensino médio ou ao ensino superior, diante das barreiras que as classes populares enfrentam para acessar ou permanecer nessas etapas.

Nessa perspectiva, é relevante destacar que o acesso ao ensino superior já é uma conquista de 2,4% da população da Maré, uma vez que, além dos 1.334 (0,96%) moradores que concluíram a graduação, este Censo contou 366 que a interromperam (sem concluir) e 1.651 cursando esta etapa.

Da mesma forma, cabe anotar que 29,6% dos moradores chegaram ao ensino médio: 14.857 (10,7%) não o completaram; 23.014 (16,5%) concluíram, mas não entraram na graduação e 3.351 (2,4%) acessaram o ensino superior. Entre os que não completaram o ensino médio, 5.550 (4,0%) foram declarados cursando e 9.307 (6,7%) deixaram de frequentá-lo antes da conclusão.

A questão da evasão no ensino médio é uma grave situação em todo o país, com um triste recorte socioterritorial, pois afeta, sobretudo, jovens moradores de favelas e periferias e, infelizmente, não vem sendo revertido nos últimos anos. Os dados da Maré mostram que, entre os moradores que chegaram ao ensino médio, 22,6% evadiram.

TABELA 53 | PESSOAS, SEGUNDO A FREQUÊNCIA À ESCOLA, POR ETAPA ESCOLAR ALCANÇADA, COMPLETA OU INCOMPLETA

ESCOLARIDADE	TOTAL			FREQUENTA		NÃO FREQUENTA				
	HAB	%	% ACUMULADO (POSSUI AO MENOS)	HAB	%	TOTAL		CONCLUIU	NÃO CONCLUIU	SEM RESPOSTA
						HAB	%			
TOTAL	139.073	100,0%	100,0%	38.820	27,9%	89.108	64,1%	35.294	52.554	1.261
PÓS-DOCTORADO	9	0,01%	0,01%	4	44,4%	5	55,6%	5	-	-
DOCTORADO	12	0,01%	0,02%	5	41,7%	7	58,3%	7	-	-
MESTRADO	44	0,03%	0,05%	20	45,5%	24	54,5%	23	1	-
ESPECIALIZAÇÃO (LATO SENSU)	62	0,04%	-	38	61,3%	24	38,7%	21	3	-
GRADUAÇÃO	3.224	2,3%	2,4%	1.651	51,2%	1.573	48,8%	1.207	366	-
MÉDIO	37.871	27,2%	29,6%	5.550	14,7%	32.321	85,3%	23.014	9.307	-
FUNDAMENTAL	78.231	56,3%	85,9%	24.362	31,1%	53.869	68,9%	11.009	42.860	-
PRÉ-ESCOLAR	4.159	3,0%	-	4.138	99,5%	22	0,5%	6	16	-
CRECHE	2.977	2,1%	-	2.974	99,9%	3	0,1%	2	1	-
NUNCA FREQUENTOU	11.145	8,01%	-	-	-	-	-	-	-	-
SEM RESPOSTA	1.338	1,0%	-	78	5,8%	1.261	94,2%	-	-	1.261

Entretanto, a leitura de dados sobre escolaridade sem levar em conta os diferentes grupos etários não é a melhor maneira de analisar a questão. Por isso, alguns resultados obtidos serão apresentados a seguir com a aplicação de filtros de idade. Quatro coortes serão detalhadas: (i) população com 15 anos ou mais, (ii) população com 18 anos ou mais, (iii) população entre 15 e 17 anos e (iv) população com 18 ou 19 anos.

Tendo como base as 105.039 pessoas maiores de 15 anos, o nível de escolaridade da coorte pode ser assim resumido:

- 1,3% (1.334 pessoas) concluíram, ao menos, a graduação de ensino superior;
- 1,9% (2.017 pessoas) ingressaram no ensino superior, mas não completaram a graduação;
- 21,9% (23.014 pessoas) têm o ensino médio completo, mas não avançaram ao ensino superior;
- 14,1% (14.841 pessoas) acessaram o ensino médio, mas não o concluíram;
- 10,5% (11.003 pessoas) têm o ensino fundamental completo, mas não avançaram ao ensino médio;
- 44,4% (46.672 pessoas) alcançaram a etapa fundamental, mas não a completaram;
- 4,6% (4.820 pessoas) sequer ingressaram no ensino fundamental;
- 1,3% (1.338 pessoas) não tiveram a escolaridade declarada na pesquisa.

Para tomar como base as pessoas maiores de 18 anos, faz-se necessário uma ressalva. Conforme já informado, o Censo Maré não obteve a idade de 1.032 pessoas, embora todas sejam maiores de 15 anos. Assim, para efeito de cálculo e tendo em vista o rigor metodológico deste estudo, a coorte de 18 anos ou mais será composta apenas pela população com idade declarada, ou seja, por 97.877 moradores.

- 1,4% concluíram, ao menos, a graduação de ensino superior;
- 2,1% ingressaram no ensino superior, mas não completaram a graduação;
- 23,4% têm o ensino médio completo, mas não avançaram ao ensino superior;
- 12,1% acessaram o ensino médio, mas não o concluíram;
- 11,1% têm o ensino fundamental completo, mas não avançaram ao ensino médio;
- 43,8% alcançaram a etapa fundamental, mas não a completaram;
- 4,9% sequer ingressaram no ensino fundamental;
- 1,3% não tiveram a escolaridade declarada na pesquisa.

Concentrando o foco na coorte de 15 a 17 anos (7.162 pessoas com idade declarada), os resultados são os seguintes:

- 1,3% concluíram o ensino médio, mas não ingressaram no ensino superior;
- 42,2% ingressaram no ensino médio, mas ainda não concluíram a etapa;
- 2,2% completaram o ensino fundamental, mas não ingressaram no ensino médio;
- 53,6% ingressaram no ensino fundamental, mas ainda não concluíram a etapa;
- 0,3% sequer ingressaram no ensino fundamental;
- 0,5% não tiveram a escolaridade declarada.

Por fim, deslocando o foco para a coorte de 18 e 19 anos (4.799 pessoas com idade declarada), os resultados são os seguintes:

- 2,7% ingressaram no ensino superior, mas ainda não são graduados;
- 19,0% concluíram o ensino médio, mas não ingressaram no ensino superior;
- 42,3% ingressaram no ensino médio, mas ainda não concluíram a etapa;
- 6,4% completaram o ensino fundamental, mas não ingressaram no ensino médio;
- 28,5% ingressaram no ensino fundamental, mas ainda não concluíram a etapa;
- 0,4% sequer ingressaram no ensino fundamental;
- 0,7% não tiveram a escolaridade declarada.

TABELA 54 | PESSOAS POR FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO A ESCOLARIDADE ALCANÇADA

ESCOLARIDADE	HAB	%	TOTAL	0 A 3 ANOS	4 A 5 ANOS	6 A 10 ANOS	11 A 14 ANOS	15 A 17 ANOS	18 A 19 ANOS	20 A 24 ANOS	25 ANOS OU MAIS	SEM RESPOSTA
			% ACUMULADO (POSSUI AO MENOS)									
TOTAL	139.073	100,0%	100,0%	7.788	4.748	11.648	9.849	7.162	4.799	12.461	79.586	1.032
PÓS-DOUTORADO COMPLETO	5	0,0%	0,0%	-	-	-	-	-	-	-	5	-
PÓS-DOUTORADO INCOMPLETO	4	0,0%	0,0%	-	-	-	-	-	-	-	4	-
DOUTORADO COMPLETO	7	0,0%	0,0%	-	-	-	-	-	-	-	7	-
DOUTORADO INCOMPLETO	5	0,0%	0,0%	-	-	-	-	-	-	-	5	-
MESTRADO COMPLETO	23	0,0%	0,0%	-	-	-	-	-	-	-	22	1
MESTRADO INCOMPLETO	22	0,0%	0,0%	-	-	-	-	-	-	3	19	-
ESPECIALIZAÇÃO COMPLETA	21	0,0%	0,1%	-	-	-	-	-	-	-	21	-
ESPECIALIZAÇÃO INCOMPLETA	41	0,0%	0,1%	-	-	-	-	-	-	10	31	-
GRADUAÇÃO COMPLETA	1.207	0,9%	1,0%	-	-	-	-	-	-	91	1.111	5
GRADUAÇÃO INCOMPLETA	2.017	1,5%	2,4%	-	-	-	-	-	129	689	1.183	16
MÉDIO COMPLETO	23.014	16,5%	19,0%	-	-	-	-	91	912	4.166	17.705	140
MÉDIO INCOMPLETO	14.857	10,7%	29,6%	-	-	-	16	3.022	2.029	2.614	7.088	88
FUNDAMENTAL COMPLETO	11.009	7,9%	37,6%	-	-	-	6	161	308	1.180	9.282	72
FUNDAMENTAL INCOMPLETO	67.222	48,3%	85,9%	-	-	10.744	9.806	3.837	1.367	3.507	37.488	473
PRÉ-ESCOLA	4.159	3,0%	88,9%		3.371	788						
CRECHE	2.977	2,1%	91,0%	2.433	542	2	-	-	-	-	-	-
NUNCA FREQUENTOU	11.145	8,0%	99,0%	5.355	835	113	21	18	21	77	4.647	57
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	1.338	1,0%	100,0%	-	-	-	-	33	33	124	969	179

(1) Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

Os resultados do Censo mostram que há muito a avançar com relação à escolaridade na Maré. No entanto, apesar de ainda ser pequena a parcela da população que alcançou o ensino superior, houve um significativo progresso nas últimas duas décadas. Cabe considerar, ainda, que os dados ora apresentados não captam aqueles que chegaram à universidade e, favorecidos pela mobilidade social e ascensão econômica, terminaram por se mudar para outros territórios.

Seguramente, o trabalho de organizações como a Redes da Maré, que tem um dos pré-vestibulares⁴⁴ populares mais qualificados da região metropolitana fluminense, contribuiu para esse processo. Da mesma forma, cursos de outras organizações, tal como a Escola Popular de Comunicação Crítica, do Observatório de Favelas, ampliaram o campo de possibilidades de milhares de jovens da Maré e colocaram o ensino superior em suas perspectivas de vida.

Além disso, programas como o SISU, FIES e PROUNI⁴⁵, a adoção de cotas para estudantes negros ou oriundos de escolas públicas e a ampliação da oferta de vagas nos processos seletivos das universidades⁴⁶ têm papel relevante na democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, bem como na Maré.

Todavia, há um longo trabalho a ser feito no sentido de aumentar a escolaridade da população local e, para isso, será necessário exigir do poder público o cumprimento de seus deveres constitucionais, especialmente no tocante à oferta do ensino médio e à qualidade de toda a educação básica.

A frequência à escola é uma realidade de 27,9% dos moradores da Maré, mas é marcante o quadro de evasão escolar a partir da adolescência.

Na faixa etária de 6 a 14 anos, a Maré tem 2,1% de crianças fora da escola, o que está abaixo dos 3,1% verificados na cidade em 2010, segundo o Censo do IBGE.

No entanto, o grande déficit se encontra no atendimento dos 4 aos 17 anos, o qual figura como constitucionalmente obrigatório desde 2009⁴⁷. Enquanto a cidade tinha 6,6% desta coorte fora da escola no ano de 2010, a Maré ainda aparece com 8,1% em 2013. Na faixa etária de 4 e 5 anos, cujo atendimento é correspondente à pré-escola, a taxa de não frequência na Maré é de 17,9%⁴⁸, ao passo que na cidade era de 12,0% em 2010. Na outra ponta, enquanto os resultados do Censo Maré mostram 19,6% dos adolescentes entre 15 e 17 anos fora da escola, o Censo do IBGE totalizou 13,4% em 2010.

⁴⁴ O termo pré-vestibular continua em uso por ter sido consagrado como preparatório para os processos seletivos do ensino superior, ainda que, hoje, a prova dominante seja o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e não mais os vestibulares de cada instituição.

⁴⁵ Respectivamente, Sistema de Seleção Unificada (SISU), Programa de Financiamento Estudantil (FIES) e Programa Universidade para Todos (PROUNI), todos do governo federal.

⁴⁶ No Rio de Janeiro, a ampliação da oferta de vagas no ensino superior público se deve, em grande parte, ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que propiciou, por exemplo, a ampliação dos cursos noturnos e a construção ou reforma de prédios.

⁴⁷ Em consonância à CF/88, à LDB/96 e ao PNE 2001-2011, a Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, tornou obrigatória a oferta de ensino dos 4 aos 17 anos, contemplando todas as etapas da educação básica e concedendo prazo de implementação até o ano de 2016 (GONÇALVES, Dalcio Marinho. *Universalização da educação básica no Brasil: utopia para a construção de uma educação integral*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais da Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Orientadora Dr^a. Moema De Poli Teixeira. Rio de Janeiro: 2010).

⁴⁸ O próximo levantamento censitário na Maré deve apresentar números mais positivos em relação à coorte de 4 e 5 anos de idade, em virtude dos equipamentos municipais de educação infantil inaugurados entre 2015 e 2016, já mencionados.

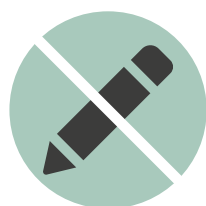


A REDES DA MARÉ
TEM UM DOS
PRÉ-VESTIBULARES
POPULARES MAIS
QUALIFICADOS
DA REGIÃO
METROPOLITANA
FLUMINENSE”

TABELA 55 | PESSOAS POR FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO A FREQUÊNCIA À ESCOLA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL		FREQUENTA		NÃO FREQUENTA				SEM RESPOSTA
					TOTAL		JÁ FREQUENTOU	NUNCA FREQUENTOU	
TOTAL GERAL	139.073	100%	38.820	27,9%	100.253	72,1%	87.848	11.145	1.261
0 A 3 ANOS	7.788	100%	2.433	31,2%	5.355	68,8%	-	5.355	-
4 A 5 ANOS	4.748	100%	3.897	82,1%	851	17,9%	16	835	-
6 A 10 ANOS	11.648	100%	11.464	98,4%	184	1,6%	70	113	-
11 A 14 ANOS	9.849	100%	9.591	97,4%	259	2,6%	238	21	-
15 A 17 ANOS	7.162	100%	5.762	80,4%	1.401	19,6%	1.366	18	17
18 A 19 ANOS	4.799	100%	1.829	38,1%	2.970	61,9%	2.923	21	26
20 A 24 ANOS	12.461	100%	1.561	12,5%	10.900	87,5%	10.710	77	113
25 A 29 ANOS	13.666	100%	786	5,7%	12.881	94,3%	12.631	116	133
30 A 39 ANOS	26.389	100%	760	2,9%	25.628	97,1%	24.889	496	244
40 A 49 ANOS	17.815	100%	335	1,9%	17.480	98,1%	16.437	781	262
50 OU MAIS	21.716	100%	237	1,1%	21.479	98,9%	17.919	3.254	306
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032	100%	165	16,0%	867	84,0%	649	57	161

⁽¹⁾Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.



19,6%

dos adolescentes
entre 15 e 17 anos
estão fora da escola

As quatro comunidades com a maior concentração de estudantes estão entre as cinco que têm a maior concentração de crianças até 14 anos. Tratam-se dos três conjuntos habitacionais criados pela prefeitura — Nova Maré (37,7%), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (33,7%) e Salsa e Merengue (32,0%) — e a Nova Holanda (29,6%). Analogamente, a menor concentração de estudantes ocorre em Rubens Vaz (22,8%), que é também a comunidade com o menor percentual de crianças.

A surpresa fica por conta de Marcílio Dias, que é a 10ª localidade em concentração de pessoas frequentando escola, com 27,7% de sua população, apesar de figurar como a quarta maior concentração de crianças entre as comunidades da Maré.

TABELA 56 | PESSOAS SEGUNDO A FREQUÊNCIA À ESCOLA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	FREQUENTA		TOTAL		CONCLUIU		NÃO CONCLUIU		NÃO FREQUENTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	HAB	HAB	HAB	NUNCA FREQUENTOU	SEM RESPOSTA
MARÉ	139.073	38.820	27,9%	100.253	72,1%	35.294	52.554	11.145	1.261		
PARQUE UNIÃO	20.567	5.338	26,0%	15.229	74,0%	5.636	7.613	1.830	150		
VILA DOS PINHEIROS	15.600	4.598	29,5%	11.002	70,5%	3.130	6.381	1.257	234		
NOVA HOLANDA	13.799	4.085	29,6%	9.713	70,4%	3.194	5.172	1.183	164		
PARQUE MARÉ	13.164	3.556	27,0%	9.608	73,0%	3.250	4.904	1.346	108		
VILA DO JOÃO	13.046	3.300	25,3%	9.746	74,7%	3.474	5.106	1.105	61		
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	2.463	26,4%	6.866	73,6%	2.760	3.337	689	80		
PARQUE ROQUETE PINTO	8.132	2.305	28,3%	5.827	71,7%	2.132	2.947	697	53		
SALSA E MERENGUE	6.791	2.174	32,0%	4.616	68,0%	1.644	2.432	465	77		
MORRO DO TIMBAU	6.709	1.893	28,2%	4.817	71,8%	2.101	2.326	355	34		
MARCÍLIO DIAS	6.342	1.756	27,7%	4.586	72,3%	1.299	2.747	513	27		
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	1.419	22,8%	4.803	77,2%	1.777	2.433	511	82		
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	1.448	27,0%	3.908	73,0%	1.800	1.803	258	47		
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	1.132	28,1%	2.896	71,9%	1.171	1.437	233	55		
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	3.553	1.199	33,7%	2.354	66,3%	682	1.337	262	72		
PRAIA DE RAMOS	3.221	942	29,3%	2.279	70,7%	896	1.159	207	16		
NOVA MARÉ	3.215	1.212	37,7%	2.002	62,3%	347	1.421	234	1		

Contudo, a leitura dos resultados desagregados por faixa etária mostra que a pouca concentração de estudantes em Marcílio Dias não provém da coorte dos 6 aos 17 anos e, sim, reflete o baixo percentual de jovens entre 18 e 24 anos, principalmente, e de crianças de 0 a 3 anos que frequentam escola. Embora as coortes de 4 e 5 anos e de 15 a 17 anos também apresentem concentração de escolarizados abaixo da média da Maré, nota-se que o maior descompasso ocorre naquelas faixas etárias. Na de 0 a 3 anos, são 23,2%, enquanto a Maré tem média de 31,2%. Na de 18 a 24 anos, 13,3% frequentam escola — a menor concentração observada — frente à média de 19,6%. Já na idade de 6 a 14 anos, o percentual está acima da média da Maré: 98,5% e 97,9%, respectivamente.

Em Roquete Pinto, os resultados por faixa etária revelam uma situação crítica no âmbito da educação infantil — 18,2% de 0 a 3 anos, e 72,6%, de 4 e 5 anos. Neste segmento, a que se destaca positivamente é a Nova Maré, com 50,0% das crianças de 0 a 3 anos e 87,4% das crianças com 4 e 5 anos frequentando alguma unidade de educação infantil⁴⁹.

⁴⁹ Vale repetir que novas unidades escolares da rede pública municipal foram inauguradas na Maré em 2015 e 2016. Este fato, sem dúvida, ampliou o número de crianças escolarizadas, principalmente, nas localidades mais próximas ao Campus Educacional, como é o caso, por exemplo, do Conjunto Nova Maré, mas não do Parque Roquete Pinto.

No entanto, quando observada a coorte de 6 a 14 anos, a comunidade de Roquete Pinto lidera, juntamente com a do Conjunto Esperança, com 99,3% das crianças nesta idade escolarizadas. Esse resultado sugere, como hipótese, que a rede de escolas que atende a comunidade de Roquete Pinto se dedica prioritariamente ao ensino fundamental, mas não se atentou para a deficiência no atendimento ao público potencial da educação infantil.

A comunidade do Conjunto Esperança, além da maior taxa de escolarização de 6 a 14 anos (99,3%), se destaca também por possuir a maior taxa de frequência à escola nas coortes de 15 a 17 anos (92,1%) e de 18 a 24 anos (30,9%).

TABELA 57 | PERCENTUAL DE PESSOAS, SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS, QUE FREQUENTAM A ESCOLA, NA MARÉ E POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL		0 A 3 ANOS	4 A 5 ANOS	6 A 14 ANOS	15 A 17 ANOS		18 A 24 ANOS		25 ANOS OU MAIS	
	FREQUENTA	SEM RESPOSTA	FREQUENTA	FREQUENTA	FREQUENTA	FREQUENTA	SEM RESPOSTA	FREQUENTA	SEM RESPOSTA	FREQUENTA	SEM RESPOSTA
MARÉ	27,9%	0,9%	31,2%	82,1%	97,9%	80,4%	0,2%	19,6%	0,8%	2,7%	1,2%
PARQUE RUBENS VAZ	22,8%	1,3%	27,4%	79,3%	97,8%	81,4%	-	16,2%	1,5%	2,5%	1,5%
MARCÍLIO DIAS	27,7%	0,4%	23,2%	78,6%	98,5%	75,1%	-	13,3%	0,2%	1,6%	0,7%
NOVA HOLANDA	29,6%	1,2%	29,7%	86,0%	97,0%	75,1%	0,5%	18,8%	1,1%	3,5%	1,7%
VILA DOS PINHEIROS	29,5%	1,5%	35,2%	85,1%	97,7%	78,5%	0,3%	18,1%	1,7%	3,0%	1,6%
BAIXA DO SAPATEIRO	26,4%	0,9%	38,6%	85,2%	98,2%	79,8%	0,3%	22,1%	0,3%	2,4%	1,3%
PRAIA DE RAMOS	29,3%	0,5%	28,1%	82,6%	98,5%	80,8%	0,5%	21,3%	-	2,2%	0,6%
PARQUE ROQUETE PINTO	28,3%	0,6%	18,2%	72,6%	99,3%	85,2%	-	18,4%	1,1%	1,4%	0,9%
VILA DO JOÃO	25,3%	0,5%	29,6%	75,7%	98,6%	78,2%	-	14,1%	0,6%	2,1%	0,6%
MORRO DO TIMBAU	28,2%	0,5%	45,0%	84,7%	97,3%	84,6%	0,4%	23,8%	0,3%	3,6%	0,7%
CONJUNTO PINHEIROS	28,1%	1,4%	42,2%	89,5%	97,8%	90,5%	-	26,3%	1,3%	3,9%	1,8%
NOVA MARÉ	37,7%	0,0%	50,0%	87,4%	96,3%	75,6%	-	21,2%	-	2,4%	-
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	33,7%	2,0%	35,6%	87,1%	97,5%	87,6%	-	29,3%	1,6%	4,4%	3,0%
CONJUNTO ESPERANÇA	27,0%	0,9%	27,3%	86,5%	99,3%	92,1%	-	30,9%	0,2%	2,5%	1,1%
PARQUE MARÉ	27,0%	0,8%	25,9%	81,2%	96,9%	76,0%	0,7%	21,3%	0,7%	2,5%	1,2%
PARQUE UNIÃO	26,0%	0,7%	28,6%	82,1%	98,4%	82,5%	0,3%	18,5%	0,5%	3,0%	1,0%
SALSA E MERENGUE	32,0%	1,1%	34,7%	78,2%	98,1%	82,0%	-	21,0%	0,7%	1,4%	1,7%

As escolas públicas acolhem 87,2% dos estudantes da Maré. Com a inauguração das escolas do Campus Educacional da Maré, em 2015 e 2016, portanto, posterior à coleta desses dados, é possível que esse percentual já tenha aumentado. A rede privada absorve apenas um em cada oito estudantes da Maré – 10,9% pagando pelo serviço e 1,9% sem custo⁵⁰.

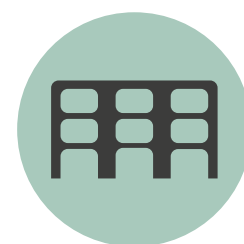
Mais de 90% dos estudantes que cursam os ensinos fundamental e médio estão na escola pública. Os estabelecimentos privados têm participação importante na educação infantil (29,6%) e, mais ainda, da graduação em diante (53,5%).

⁵⁰ Além da eventual oferta de bolsas de estudo, existem instituições de ensino que não cobram o serviço diretamente do beneficiário, como as comunitárias, filantrópicas, confessionais ou vinculadas a entidades corporativas.

Nesse contexto, 92,9% dos estudantes com idade entre 6 e 19 anos são atendidos na rede pública. Nas demais coortes etárias, a participação da rede pública cai para 70,0%, entre 0 e 5 anos, e 72,4%, entre os estudantes com 20 anos ou mais.

TABELA 58 | PESSOAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA, POR ETAPA ESCOLAR E DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA

ETAPA ESCOLAR	TOTAL		PÚBLICA		PRIVADA			
	HAB	%	HAB	%	SEM CUSTO		COM CUSTO	
					HAB	%	HAB	%
TOTAL GERAL	38.820	100,0%	33.850	87,2%	721	1,9%	4.249	10,9%
CRECHE	2.974	100,0%	2.067	69,5%	57	1,9%	850	28,6%
PRÉ-ESCOLAR	4.138	100,0%	2.943	71,1%	69	1,7%	1.126	27,2%
FUNDAMENTAL	24.362	100,0%	22.744	93,4%	340	1,4%	1.279	5,2%
MÉDIO	5.550	100,0%	5.234	94,3%	94	1,7%	222	4,0%
GRADUAÇÃO	1.651	100,0%	763	46,2%	146	8,8%	743	45,0%
ESPECIALIZAÇÃO (LATO SENSU)	38	100,0%	19	51,5%	2	6,3%	16	42,1%
MESTRADO	20	100,0%	12	58,1%	4	17,8%	5	24,1%
DOCTORADO	5	100,0%	4	73,9%		0,0%	1	26,1%
PÓS-DOCTORADO	4	100,0%	1	34,3%		0,0%	2	65,7%
SEM RESPOSTA	78	100,0%	63	81,4%	10	12,6%	5	6,0%



87,2%

dos estudantes da Maré são de escolas públicas

TABELA 59 | PERCENTUAL DE PESSOAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA, POR FAIXA ETÁRIA E DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL		PÚBLICA		PRIVADA			
	HAB	%	HAB	%	SEM CUSTO		COM CUSTO	
					HAB	%	HAB	%
TOTAL GERAL	38.820	100,0%	33.850	87,2%	721	1,9%	4.249	10,9%
0 A 3 ANOS	2.433	100,0%	1.641	67,5%	49	2,0%	743	30,5%
4 A 5 ANOS	3.897	100,0%	2.792	71,6%	60	1,5%	1.045	26,8%
6 A 10 ANOS	11.464	100,0%	10.255	89,5%	178	1,6%	1.031	9,0%
11 A 14 ANOS	9.591	100,0%	9.123	95,1%	109	1,1%	358	3,7%
15 A 17 ANOS	5.762	100,0%	5.524	95,9%	66	1,1%	172	3,0%
18 A 19 ANOS	1.829	100,0%	1.707	93,3%	31	1,7%	92	5,0%
20 A 24 ANOS	1.561	100,0%	1.158	74,2%	88	5,7%	315	20,2%
25 ANOS OU MAIS	2.118	100,0%	1.507	71,1%	128	6,1%	484	22,8%
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	165	100,0%	143	86,9%	12	7,3%	9	5,7%

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

A maior parte dos estudantes — 67,7% — frequenta escolas localizadas na Maré. A inserção em escolas locais predomina não só entre os estudantes da rede pública (69,5%) como, também, da rede privada (55,3%).

Tendo em vista a localização da escola, a significativa participação da rede privada nas coortes de 0 a 5 anos e na de 20 anos ou mais possui características distintas.

Na coorte de 0 a 5 anos (30,0%), bem como na educação infantil (29,6%), resulta da existência de vários estabelecimentos de pequeno porte na Maré, principalmente de creches — inclusive com a contribuição de estabelecimentos não credenciados legalmente. Uma evidência de que esses estabelecimentos privados estão presentes no território é o alto percentual de crianças de 0 a 5 anos e, também, de crianças da educação infantil que frequentam escolas dentro da Maré — 91,6% e 90,8%, respectivamente. Todavia, vale lembrar que a oferta não supre a demanda, uma vez que 68,8% das crianças de 0 a 3 anos e 17,9% das crianças de 4 e 5 anos não estão na escola.

Já a participação da rede privada na coorte de 20 anos ou mais (27,6%) e no ensino superior (53,5%) é proporcionada por instituições localizadas fora da Maré.

Neste sentido, os resultados também evidenciam que, quanto maior a faixa etária, maior o percentual de pessoas que estudam fora da Maré. Isso decorre, principalmente, da limitada oferta de cursos de ensino médio, assim como da educação de jovens e adultos, e por não haver sequer uma instituição de ensino superior no território. Assim, para garantir a formação, as pessoas precisam se deslocar em busca de instituições de ensino. Com efeito, 52,0% dos estudantes entre 15 e 19 anos e 69,8% dos estudantes acima de 20 anos frequentam estabelecimentos fora da Maré.



67,7%

dos estudantes frequentam escolas localizadas na Maré

TABELA 60 | PESSOAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA, POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA E LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA

DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	TOTAL		DENTRO DA MARÉ		FORA DA MARÉ		SEM RESPOSTA	
	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	38.820	100,00%	26.277	100,00%	12.404	100,00%	138	100,00%
SIM, PÚBLICA	33.850	87,2%	23.527	89,5%	10.323	83,2%	-	-
SIM, PRIVADA, SEM CUSTO	721	1,9%	272	1,0%	410	3,3%	38	27,5%
SIM, PRIVADA, COM CUSTO	4.249	10,9%	2.478	9,4%	1.670	13,5%	100	72,5%

TABELA 61 | PESSOAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA, POR FAIXA ETÁRIA E LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL	DENTRO DA MARÉ		FORA DA MARÉ		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	38.820	26.277	67,7%	12.404	32,0%	138	0,4%
0 A 3 ANOS	2.433	2.287	94,0%	95	3,9%	51	2,1%
4 A 5 ANOS	3.897	3.511	90,1%	359	9,2%	27	0,7%
6 A 10 ANOS	11.464	9.245	80,6%	2.198	19,2%	21	0,2%
11 A 14 ANOS	9.591	6.419	66,9%	3.168	33,0%	3	0,0%
15 A 17 ANOS	5.762	2.873	49,9%	2.884	50,1%	5	0,1%
18 A 19 ANOS	1.829	763	41,7%	1.065	58,2%	1	0,1%
20 A 24 ANOS	1.561	469	30,0%	1.089	69,8%	3	0,2%
25 ANOS OU MAIS	2.118	624	29,5%	1.478	69,8%	16	0,8%
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	165	87	52,8%	67	40,6%	11	6,6%

(1) Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

TABELA 62 | PESSOAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA, POR ETAPA ESCOLAR E LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA

ETAPA ESCOLAR	TOTAL	DENTRO DA MARÉ		FORA DA MARÉ		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	38.820	26.277	67,7%	12.404	32,0%	138	0,4%
CRECHE	2.974	2.810	94,5%	110	3,7%	55	1,8%
PRÉ-ESCOLAR (MATERNAL OU JARDIM DE INFÂNCIA)	4.138	3.645	88,1%	465	11,2%	27	0,6%
FUNDAMENTAL	24.362	17.614	72,3%	6.704	27,5%	45	0,2%
MÉDIO	5.550	2.150	38,7%	3.400	61,3%	-	-
GRADUAÇÃO	1.651	-	-	1.651	100,0%	-	-
ESPECIALIZAÇÃO (LATO SENSU)	38	-	-	38	100,0%	-	-
MESTRADO	20	-	-	20	100,0%	-	-
DOUTORADO	5	-	-	5	100,0%	-	-
PÓS-DOUTORADO	4	-	-	4	100,0%	-	-
SEM RESPOSTA	78	59	75,5%	7	8,9%	12	15,6

TABELA 63 | PESSOAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA, POR TERRITÓRIO E LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	DENTRO DA MARÉ		FORA DA MARÉ		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	38.820	26.277	67,7%	12.404	32,0%	138	0,4%
PARQUE UNIÃO	5.338	2.645	49,5%	2.651	49,7%	42	0,8%
VILA DOS PINHEIROS	4.598	3.650	79,4%	939	20,4%	9	0,2%
NOVA HOLANDA	4.085	2.703	66,2%	1.372	33,6%	10	0,3%
PARQUE MARÉ	3.556	2.192	61,7%	1.347	37,9%	17	0,5%
VILA DO JOÃO	3.300	2.585	78,3%	710	21,5%	5	0,2%
BAIXA DO SAPATEIRO	2.463	1.829	74,3%	623	25,3%	11	0,5%
PQ. ROQUETE PINTO	2.305	1.724	74,8%	578	25,1%	3	0,1%
SALSA E MERENGUE	2.174	1.759	80,9%	414	19,1%	1	0,1%
MORRO DO TIMBAU	1.893	1.316	69,5%	571	30,2%	6	0,3%
MARCÍLIO DIAS	1.756	904	51,5%	846	48,2%	6	0,3%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.448	1.027	70,9%	419	28,9%	2	0,2%
PARQUE RUBENS VAZ	1.419	724	51,0%	679	47,9%	16	1,1%
NOVA MARÉ	1.212	965	79,6%	245	20,2%	2	0,2%
CONJ. B. R. DANTAS	1.199	851	71,0%	346	28,9%	2	0,2%
CONJUNTO PINHEIROS	1.132	734	64,8%	396	35,0%	2	0,2%
PRAIA DE RAMOS	942	672	71,3%	268	28,5%	2	0,2%

TABELA 64 | PESSOAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA, POR SEXO E LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA

SEXO	TOTAL	DENTRO DA MARÉ		FORA DA MARÉ		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	38.820	26.277	67,7%	12.404	32,0%	138	0,4%
MULHERES	19.532	12.993	66,5%	6.468	33,1%	71	0,4%
HOMENS	19.237	13.255	68,9%	5.917	30,8%	65	0,3%
SEM RESPOSTA	51	29	57,2%	19	37,8%	3	5,0%

As duas comunidades que têm o maior percentual de crianças de 0 a 14 anos também são as que têm a maior concentração de estudantes que frequentam escolas na própria Maré: Salsa e Merengue, com 80,9%, e Nova Maré, com 79,6%. Vale reiterar que a inauguração das unidades do Campus Educacional da Maré, entre 2015 e 2016, provavelmente aumentou a proporção de estudantes que frequentam escolas dentro da Maré.

Como a Redes da Maré tem um longo histórico de trabalho com curso pré-vestibular comunitário (CPV), houve o interesse em levantar algumas informações sobre o tema. Assim, foi indagado se as pessoas que alcançaram o último ano do ensino médio haviam frequentado um curso pré-vestibular. Entre os 28.534 moradores que atendiam essa condição, 12,4% frequentaram e 1,8% estavam frequentando. Embora sem dados para confirmar⁵¹, a probabilidade de terem ingressado em algum curso comunitário e, em geral, completamente gratuito, é muito grande.

Esse tipo de iniciativa da sociedade civil cumpre um papel relevante, ao lado das políticas públicas de ações afirmativas, na ampliação do acesso dos moradores das favelas e periferias ao ensino superior. Não é por acaso que a maior parte dos moradores da Maré que chegaram à graduação ou pós-graduação passou por um CPV (44,3% frequentaram; 35,4% não; 20,3% sem resposta).

Esses dados corroboram a percepção de que a educação básica nas escolas públicas da Maré não é o bastante para assegurar um número expressivo de trajetórias até a universidade. Nesse contexto, o CPV representa um importante mecanismo de superação das previsíveis lacunas da educação pública, principalmente nas favelas e periferias. O poder público e a sociedade civil — bem como pais, responsáveis e estudantes — precisam atentar para tal e prestigiar mais firmemente essa estratégia.

⁵¹ Não seria produtivo indagar em que tipo de instituição o pré-vestibular foi cursado, pois a entrevista não foi realizada, necessariamente, com a pessoa que o frequentou. Neste sentido, cabe assinalar, também, o elevado percentual (10,5%) daqueles que não responderam. Isso ocorreu porque, muitas vezes, a pessoa entrevistada no domicílio desconhece ou tem dificuldade em diferenciar o que seja o pré-vestibular.

Cabe considerar, também, que o ingresso em um CPV como o da Redes da Maré não contribui apenas para o ingresso no ensino superior, mas também para a formação política e cidadã. Logo, os cursos comunitários podem ampliar o repertório educacional dos estudantes para além do exclusivo interesse por uma carreira universitária.

TABELA 65 | PESSOAS QUE CURSARAM OU CURSAM O ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, SEGUNDO O INGRESSO EM CURSO PREPARATÓRIO PARA VESTIBULAR/ENEM (CPV), POR ESCOLARIDADE

ESCOLARIDADE	TOTAL	SIM, FAZ CPV		SIM, JÁ FEZ CPV		NUNCA FEZ CPV		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	28.534	513	1,8%	3.534	12,4%	21.478	75,3%	3.009	10,5%
ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO	25.183	513	2,0%	2.049	8,1%	20.294	80,6%	2.328	9,2%
CURSANDO	1.310	114	8,7%	-	-	828	63,2%	367	28,0%
COMPLETO	23.014	391	1,7%	1.960	8,5%	18.848	81,9%	1.816	7,9%
INCOMPLETO	859	8	1,0%	88	10,3%	618	71,9%	145	16,9%
GRADUAÇÃO	3.224	-	-	1.411	43,8%	1.152	35,7%	661	20,5%
CURSANDO	1.651	-	-	675	40,9%	566	34,3%	411	24,9%
COMPLETO	1.207	-	-	566	46,9%	451	37,4%	190	15,7%
INCOMPLETO	366	-	-	171	46,6%	135	36,9%	61	16,5%
ESPECIALIZAÇÃO (LATO SENSU)	62	-	-	32	-	18	-	12	-
CURSANDO	38	-	-	20	-	11	-	7	-
COMPLETO	21	-	-	10	-	6	-	5	-
INCOMPLETO	4	-	-	2	-	1	-	-	-
MESTRADO	44	-	-	27	-	10	-	7	-
CURSANDO	20	-	-	12	-	5	-	3	-
COMPLETO	23	-	-	15	-	5	-	3	-
INCOMPLETO	1	-	-	1	-	-	-	-	-
DOUTORADO	12	-	-	7	-	4	-	1	-
CURSANDO	5	-	-	3	-	1	-	1	-
COMPLETO	7	-	-	5	-	3	-	-	-
PÓS-DOUTORADO	9	-	-	7	-	1	-	-	-
CURSANDO	4	-	-	2	-	1	-	-	-
COMPLETO	5	-	-	5	-	-	-	-	-



A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA MARÉ NÃO É O BASTANTE PARA ASSEGURAR UM NÚMERO EXPRESSIVO DE TRAJETÓRIAS ATÉ A UNIVERSIDADE. NESSE CONTEXTO, O CPV REPRESENTA UM IMPORTANTE MECANISMO DE SUPERAÇÃO DAS PREVISÍVEIS LACUNAS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, PRINCIPALMENTE, NAS FAVELAS E PERIFERIAS”

TABELA 66 | PESSOAS QUE CURSARAM OU CURSAM O ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, SEGUNDO O INGRESSO EM CURSO PREPARATÓRIO PARA VESTIBULAR/ENEM (CPV), POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM, FAZ CPV		SIM, JÁ FEZ CPV		NUNCA FEZ CPV		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	28.534	513	1,8%	3.534	12,4%	21.478	75,3%	3.009	10,5%
PARQUE UNIÃO	4.438	99	2,2%	632	14,2%	3.451	77,8%	256	5,8%
NOVA HOLANDA	2.634	64	2,4%	290	11,0%	1.894	71,9%	387	14,7%
VILA DO JOÃO	2.610	36	1,4%	486	18,6%	1.858	71,2%	230	8,8%
VILA DOS PINHEIROS	2.571	56	2,2%	374	14,5%	1.837	71,4%	304	11,8%
PARQUE MARÉ	2.553	46	1,8%	252	9,9%	1.841	72,1%	415	16,2%
BAIXA DO SAPATEIRO	2.332	46	2,0%	371	15,9%	1.755	75,3%	160	6,9%
MORRO DO TIMBAU	1.811	26	1,4%	172	9,5%	1.318	72,7%	296	16,3%
PARQUE ROQUETE PINTO	1.718	6	0,3%	88	5,1%	1.411	82,2%	214	12,4%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.554	16	1,0%	217	13,9%	1.166	75,0%	155	10,0%
PARQUE RUBENS VAZ	1.406	35	2,5%	175	12,4%	1.087	77,3%	110	7,8%
SALSA E MERENGUE	1.249	13	1,0%	104	8,3%	1.073	85,9%	59	4,7%
CONJUNTO PINHEIROS	1.066	20	1,8%	131	12,3%	746	70,0%	169	15,9%
MARCÍLIO DIAS	910	10	1,1%	58	6,4%	817	89,7%	26	2,9%
CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS	736	30	4,1%	86	11,6%	519	70,6%	101	13,7%
PRAIA DE RAMOS	620	2	0,4%	65	10,5%	444	71,7%	108	17,5%
NOVA MARÉ	326	10	3,1%	35	10,8%	261	80,2%	19	5,9%

TABELA 67 | PESSOAS QUE CURSARAM OU CURSAM O ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, SEGUNDO O INGRESSO EM CURSO PREPARATÓRIO PARA VESTIBULAR/ENEM (CPV), POR SEXO

SEXO	TOTAL	SIM, FAZ CPV		SIM, JÁ FEZ CPV		NUNCA FEZ CPV		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	28.534	513	1,8%	3.534	12,4%	21.478	75,3%	3.009	10,5%
MULHERES	15.034	275	1,8%	1.960	13,0%	11.213	74,6%	1.587	10,6%
HOMENS	13.459	237	1,8%	1.564	11,6%	10.241	76,1%	1.418	10,5%
SEM RESPOSTA	41	2	4,7%	10	23,5%	24	59,8%	5	12,0%

TABELA 68 | PESSOAS QUE CURSARAM OU CURSAM O ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, SEGUNDO O INGRESSO EM CURSO PREPARATÓRIO PARA VESTIBULAR/ENEM (CPV), POR COR DA PELE OU RAÇA

COR/RAÇA	TOTAL	SIM, FAZ CPV		SIM, JÁ FEZ CPV		NUNCA FEZ CPV		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	28.534	513	1,8%	3.534	12,4%	21.478	75,3%	3.009	10,5%
PARDA	14.046	238	1,7%	1.624	11,6%	10.648	75,8%	1.535	10,9%
BRANCA	11.414	220	1,9%	1.434	12,6%	8.603	75,4%	1.157	10,1%
PRETA	2.746	46	1,7%	419	15,3%	2.003	72,9%	279	10,2%
AMARELA	160	4	2,3%	36	22,6%	105	65,6%	15	9,6%
INDÍGENA	128	6	4,7%	15	11,6%	88	69,2%	19	14,6%
SEM RESPOSTA	40		0,0%	6	13,9%	31	77,1%	4	8,9%

TABELA 69 | PESSOAS QUE CURSARAM OU CURSAM O ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, SEGUNDO O INGRESSO EM CURSO PREPARATÓRIO PARA VESTIBULAR/ENEM (CPV), POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL	SIM, FAZ CPV		SIM, JÁ FEZ CPV		NUNCA FEZ CPV		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	28.534	513	1,8%	3.534	12,4%	21.478	75,3%	3.009	10,5%
15 A 17 ANOS	398	37	9,2%	7	1,8%	245	61,5%	109	27,4%
18 A 19 ANOS	1.613	120	7,4%	147	9,1%	1.088	67,4%	258	16,0%
20 A 24 ANOS	5.385	158	2,9%	765	14,2%	3.818	70,9%	644	12,0%
25 ANOS OU MAIS	20.965	194	0,9%	2.585	12,3%	16.203	77,3%	1.983	9,5%
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	173	4	2,5%	29	16,9%	124	71,8%	15	8,8%

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

TABELA 70 | PESSOAS QUE CURSARAM OU CURSAM O ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, SEGUNDO O INGRESSO EM CURSO PREPARATÓRIO PARA VESTIBULAR/ENEM (CPV), POR SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTUDO

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTUDO	TOTAL	SIM, FAZ CPV		SIM, JÁ FEZ CPV		NUNCA FEZ CPV		SEM RESPOSTA	
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL	28.534	513	1,8%	3.534	12,4%	21.478	75,3%	3.009	10,5%
COMPLETO	24.276	391	1,6%	2.560	10,5%	19.312	79,6%	2.014	8,3%
INCOMPLETO	1.230	8	0,7%	263	21,4%	754	61,3%	206	16,7%
CURSANDO	3.028	114	3,8%	711	23,5%	1.412	46,6%	790	26,1%

Na última década, houve avanços expressivos nos serviços de atenção primária à saúde em toda a cidade. Segundo informações da Prefeitura, a cobertura do modelo de Saúde da Família na cidade passou de 3,5%, em janeiro de 2009, para 56,8%, em setembro de 2016. Na Maré, os postos de saúde foram transformados em Clínicas da Família e outras duas foram construídas. Além disso, uma UPA – Unidade de Pronto Atendimento – foi implantada na Vila do João.

O Censo Maré indagou se as famílias estavam recebendo visitas domiciliares das equipes de Saúde da Família. Cabe lembrar que a coleta foi realizada em 2013, mas, ainda que a cobertura e a frequência possam ter variado muito – para mais ou para menos – até a presente data, a informação é útil para comparação com novos levantamentos que venham a ocorrer.

De acordo com os moradores entrevistados (um por domicílio), a presença desse modelo no cotidiano local se mostrava limitada: pouco mais de um terço dos domicílios (36,2%) teria recebido uma equipe do Programa. Contudo, vale destacar que, em números absolutos, são 17.271 domicílios atendidos até o ano de 2013.

Os resultados revelam certa discrepância de cobertura entre os territórios: segundo os moradores entrevistados, enquanto na Praia de Ramos, com 1.064 domicílios, a cobertura alcançara 76,6%, no Parque União, com 7.600, apenas 18,7% dos domicílios haviam sido visitados. De fato, a cobertura declarada só ultrapassou os 50% em quatro das 16 localidades: Marcílio Dias (64,8%), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (57,7%) e Morro do Timbau (54,8%), além da já citada Praia de Ramos. Esses dados indicam que, apesar da presença de vários equipamentos, a atenção primária ainda não é uma realidade na vida da maioria dos moradores. Uma forma imediata para minorar o problema seria a construção ou requalificação de algum equipamento na região entre o Parque União e o Parque Maré (25,3%). Nesses dois territórios, juntamente com os de Rubens Vaz (27,5%) e Nova Holanda (31,0%), observam-se as quatro piores taxas de cobertura domiciliar.

TABELA 71 | DOMICÍLIOS SEGUNDO A RECEPÇÃO DE VISITAS DO PROGRAMA CLÍNICA DA FAMÍLIA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	17.271	36,2%	30.322	63,5%	165	0,3%
PARQUE UNIÃO	7.600	1.419	18,7%	6.153	81,0%	29	0,4%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	1.631	32,2%	3.417	67,4%	19	0,4%
NOVA HOLANDA	4.601	1.425	31,0%	3.163	68,8%	13	0,3%
PARQUE MARÉ	4.552	1.151	25,3%	3.392	74,5%	9	0,2%
VILA DO JOÃO	4.453	1.895	42,6%	2.540	57,0%	17	0,4%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	1.089	33,1%	2.183	66,4%	15	0,5%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	1.160	40,5%	1.703	59,4%	4	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	659	27,5%	1.726	72,1%	10	0,4%
MORRO DO TIMBAU	2.359	1.293	54,8%	1.064	45,1%	2	0,1%
MARCÍLIO DIAS	2.248	1.456	64,8%	784	34,9%	8	0,4%
SALSA E MERENGUE	2.163	857	39,6%	1.294	59,8%	13	0,6%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	869	46,5%	989	52,9%	13	0,7%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	641	47,7%	698	52,0%	3	0,2%
PRAIA DE RAMOS	1.064	815	76,6%	245	23,1%	3	0,3%
NOVA MARÉ	944	367	38,9%	571	60,4%	6	0,7%
CONJ. B. R. DANTAS	943	545	57,7%	399	42,3%		0,0%

PLANOS DE SAÚDE PRIVADOS | ADESÃO

14

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi uma das maiores conquistas da população brasileira, especialmente dos setores mais pobres. Sua implantação significou, na ordem jurídica, administrativa e orçamentária brasileira, o reconhecimento da saúde como um direito fundamental do cidadão.

No entanto, apesar das imensas possibilidades de garantir o bem-estar da população brasileira, o SUS ainda não consegue atender às expectativas da população por falta de cumprimento de suas normas, por descaso no âmbito dos investimentos necessários, pela insensibilidade burocrática e pela ineficácia na gestão de recursos. Nesse contexto de sucateamento do SUS, o mercado vem ampliando a oferta de planos de saúde privados.

Os resultados do Censo Maré apontam que 87,7% dos mareenses não têm cobertura de plano de saúde. Considerando que a renda média da população da Maré é uma das mais baixas da cidade do Rio de Janeiro, era de se esperar que o acesso a serviços de saúde pagos fosse numericamente restrito — 12,0% dos moradores.

Apesar de não ter sido indagado o alcance da cobertura dos planos, outro aspecto foi investigado: se a adesão decorre do custeio próprio ou de benefício vinculado ao trabalho. Sem surpresa, 66,2% dos que possuem plano de saúde o têm em função do vínculo empregatício (7,9% do total dos moradores), seja como titular ou como dependente da pessoa empregada.

A análise da distribuição territorial revela que as comunidades com a maior proporção de moradores com plano de saúde são Conjunto Esperança (17,8%), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (15,9%), Parque União (15,8%), Conjunto Pinheiros (15,6%), Morro do Timbau (14,6%) e Parque Rubens Vaz (14,6%). Com os menores percentuais de cobertura estão Praia de Ramos (4,5%), Salsa e Merengue (5,0%), Nova Maré (5,3%), Marçílio Dias (6,7%) e Parque Roquete Pinto (7,9%).



87,7%

dos mareenses
não têm cobertura
de plano de saúde



66,2%

dos que possuem
plano de saúde
o têm em função
do vínculo empregatício

TABELA 72 | PESSOAS QUE POSSUEM PLANO DE SAÚDE PRIVADO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	NÃO POSSUI		SIM, DO TRABALHO PRÓPRIO (TITULAR) OU DO TRABALHO DE OUTRO (DEPENDENTE)		SIM, DE PLANO INDIVIDUAL OU FAMILIAR (TITULAR OU DEPENDENTE), EXCETO DO TRABALHO		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	139.073	121.909	87,7%	11.042	7,9%	5.648	4,1%	474	0,3%
PARQUE UNIÃO	20.567	17.231	83,8%	2.119	10,3%	1.132	5,5%	85	0,4%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	13.855	88,8%	1.212	7,8%	483	3,1%	50	0,3%
NOVA HOLANDA	13.799	12.217	88,5%	926	6,7%	616	4,5%	40	0,3%
PARQUE MARÉ	13.164	11.406	86,6%	1.357	10,3%	348	2,6%	53	0,4%
VILA DO JOÃO	13.046	11.280	86,5%	1.117	8,6%	585	4,5%	64	0,5%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	8.262	88,6%	617	6,6%	427	4,6%	24	0,3%
PARQUE ROQUETE PINTO	8.132	7.480	92,0%	376	4,6%	265	3,3%	11	0,1%
SALSA E MERENGUE	6.791	6.446	94,9%	155	2,3%	182	2,7%	8	0,1%
MORRO DO TIMBAU	6.709	5.709	85,1%	682	10,2%	298	4,4%	20	0,3%
MARCÍLIO DIAS	6.342	5.901	93,1%	289	4,6%	133	2,1%	18	0,3%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	5.282	84,9%	656	10,5%	252	4,0%	33	0,5%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	4.384	81,9%	667	12,4%	287	5,3%	19	0,3%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	3.377	83,9%	388	9,6%	241	6,0%	21	0,5%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	3.553	2.982	83,9%	359	10,1%	205	5,8%	6	0,2%
PRAIA DE RAMOS	3.221	3.059	95,0%	50	1,6%	96	3,0%	16	0,5%
NOVA MARÉ	3.215	3.037	94,5%	72	2,2%	99	3,1%	7	0,2%

É pouco significativa a diferença de cobertura entre a população masculina e feminina — 12,3% e 11,8%, respectivamente. Todavia, vale assinalar que a maior cobertura entre os homens decorre do vínculo empregatício, próprio ou de quem sejam dependentes (8,5%, entre eles, e 7,4%, entre elas), pois quando a adesão é uma iniciativa não vinculada ao trabalho, a vantagem passa a ser das mulheres (4,3% contra 3,8%). Mesmo com a posição de dependente sendo contabilizada (e não apenas a de titular), a condição privilegiada dos homens em relação ao benefício proporcionado pelo trabalho é patente: entre os homens com plano de saúde, 69,2% são titulares ou dependentes de planos derivados do vínculo empregatício, enquanto entre as mulheres, esse percentual é de 63,1%.

TABELA 73 | PESSOAS QUE POSSUEM PLANO DE SAÚDE PRIVADO, POR SEXO

SEXO	TOTAL	NÃO POSSUI		SIM, DO TRABALHO PRÓPRIO (TITULAR) OU DO TRABALHO DE OUTRO (DEPENDENTE)		SIM, DE PLANO INDIVIDUAL OU FAMILIAR (TITULAR OU DEPENDENTE), EXCETO DO TRABALHO		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL GERAL	139.073	121.909	87,7%	11.042	7,9%	5.648	4,1%	474	0,3%
MULHERES	70.878	62.303	87,9%	5.272	7,4%	3.081	4,3%	222	0,3%
HOMENS	67.948	59.373	87,4%	5.762	8,5%	2.562	3,8%	251	0,4%
SEM RESPOSTA	248	233	93,9%	9	3,5%	5	2,0%	1	0,5%

A análise da adesão dos moradores da Maré aos planos de saúde por faixa etária revela algumas barreiras do sistema.

A maior cobertura é vista na faixa etária entre 0 e 4 anos. Provavelmente, com temor da vulnerabilidade da criança e de não dispor de um atendimento adequado no serviço público de saúde em caso de uma necessidade, os pais buscam o plano privado como uma salvaguarda. Assim, 16,0% das crianças na faixa etária têm plano de saúde privado. A partir dos 5 anos, os percentuais diminuem de forma continuada.

A partir dos 20 anos, apesar da proximidade do limite etário para a inclusão como dependente, a cobertura aumenta, como mostram os dados, impulsionada pelas adesões relacionadas ao vínculo empregatício. Entre 30 e 34 anos está o segundo maior percentual de cobertura: 15,6%.

Porém, a partir daí, na medida em que a idade avança, a cobertura diminui. Entre os 40 e os 54 anos, a mesma se mantém estável, em torno de 12,5%, mas de 60 anos em diante fica abaixo de 9%. A faixa etária de 65 a 69 anos, que tende a marcar a saída do mercado de trabalho para a aposentadoria, apresenta uma cobertura de apenas 5,8%. A partir dos 70 anos, os resultados indicam que a cobertura até aumenta um pouco, em função da adesão não vinculada ao trabalho, mas sem impacto expressivo.

Em geral, os resultados indicam que a proporção de pessoas com plano de saúde na Maré diminui com o avançar da idade, sobretudo, quando não se está mais no mercado de trabalho, seja por não dispor da adesão vinculada ao emprego seja pela desigualdade em termos de renda. Levando-se em conta que as operadoras de planos de saúde majoram o valor dos contratos voltados às pessoas idosas, o acesso da população de menor renda é proibitivo exatamente quando mais se precisa do serviço, isto é, na etapa da vida em que as demandas de saúde se tornam mais frequentes e severas.

TABELA 74 | PESSOAS QUE POSSUEM PLANO DE SAÚDE PRIVADO, POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	TOTAL		NÃO POSSUI			SIM, DO TRABALHO PRÓPRIO (TITULAR) OU DO TRABALHO DE OUTRO (DEPENDENTE)		SIM, DE PLANO INDIVIDUAL OU FAMILIAR (TITULAR OU DEPENDENTE), EXCETO DO TRABALHO		SEM RESPOSTA	
	HAB	%	HAB	%	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
TOTAL GERAL	139.073		121.909	87,7%		11.042	7,9%	5.648	4,1%	474	0,3%
0 A 4 ANOS	10.244		8.588	83,8%		868	8,5%	764	7,5%	23	0,2%
5 A 9 ANOS	11.404		10.073	88,3%		699	6,1%	600	5,3%	32	0,3%
10 A 14 ANOS	12.386		11.226	90,6%		693	5,6%	431	3,5%	35	0,3%
15 A 19 ANOS	11.961		10.879	91,0%		690	5,8%	368	3,1%	25	0,2%
20 A 24 ANOS	12.461		10.900	87,5%		1.113	8,9%	395	3,2%	52	0,4%
25 A 29 ANOS	13.666		11.737	85,9%		1.421	10,4%	455	3,3%	53	0,4%
30 A 34 ANOS	13.549		11.392	84,1%		1.576	11,6%	540	4,0%	41	0,3%
35 A 39 ANOS	12.840		11.096	86,4%		1.250	9,7%	452	3,5%	42	0,3%
40 A 44 ANOS	9.785		8.542	87,3%		889	9,1%	333	3,4%	22	0,2%
45 A 49 ANOS	8.030		6.994	87,1%		683	8,5%	312	3,9%	41	0,5%
50 A 54 ANOS	6.516		5.676	87,1%		515	7,9%	295	4,5%	31	0,5%
55 A 59 ANOS	4.905		4.402	89,7%		290	5,9%	202	4,1%	12	0,2%
60 A 64 ANOS	3.712		3.389	91,3%		132	3,6%	175	4,7%	15	0,4%
65 A 69 ANOS	2.564		2.410	94,0%		67	2,6%	81	3,2%	6	0,2%
70 A 74 ANOS	1.781		1.656	93,0%		34	1,9%	80	4,5%	10	0,6%
75 A 79 ANOS	1.164		1.060	91,0%		33	2,9%	70	6,0%	1	0,1%
80 A 84 ANOS	623		566	90,8%		17	2,7%	37	5,9%	3	0,6%
85 A 89 ANOS	316		298	94,3%		4	1,2%	13	4,2%	1	0,4%
90 A 94 ANOS	102		95	92,8%		2	2,4%	5	4,8%		0,0%
95 ANOS OU MAIS	32		30	92,7%		2	7,3%		0,0%		0,0%
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032		900	87,2%		64	6,2%	40	3,8%	28	2,7%

⁽¹⁾ Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.

A deficiência física e/ou os transtornos psíquicos são fatores limitadores do acesso a bens, equipamentos e direitos de cidadãs e cidadãos. O Censo Maré indagou a existência de moradores com deficiência intelectual, física ou motora. Os resultados indicam que em 1.670 domicílios (3,5% do total) há, pelo menos, um morador nessa condição.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do ano de 2013, realizada pelo IBGE em 64 mil domicílios, apontam que 6,2% da população brasileira possuem algum dos quatro tipos de deficiência indagados: intelectual, física, auditiva ou visual. Porém, antes de qualquer análise comparativa entre a Maré e o Brasil, cabe mencionar, minimamente, duas diferenças entre a PNS e o Censo Maré:

(i) A PNS estimou a proporção de pessoas na população brasileira, enquanto o Censo Maré contou o número de domicílios em que havia, pelo menos, uma pessoa com deficiência. Para ilustrar, vale mencionar que foram encontrados domicílios com até quatro pessoas com deficiência⁵².

(ii) A PNS, por ser uma pesquisa especializada, adota critérios mais técnicos e um formato de investigação mais detalhado que o Censo Maré, buscando classificar o grau de dificuldade em domínios funcionais importantes para a vida em sociedade. Neste sentido, a pessoa entrevistada avalia, através de uma escala, a dificuldade que tem, por exemplo, em relação a enxergar, ouvir, caminhar ou subir escadas. Vale destacar que a metodologia da PNS 2013 levou em conta um modelo biomédico de conceituação da pessoa com deficiência, e não uma perspectiva estritamente social, como a do Censo Maré.

Em um contexto social de limitado acesso a serviços de saúde e baixo grau de instrução, não é difícil supor que há pessoas com deficiência intelectual sem diagnóstico ou acompanhamento médico e, por conseguinte, a deficiência pode não ser reconhecida por si ou por familiares. O mesmo pode acontecer, por exemplo, com a deficiência auditiva.

O problema maior é que as condições precárias de acessibilidade e de limpeza urbana, de acesso a equipamentos e profissionais de saúde, de renda e outros fatores, como, por exemplo, o cotidiano de violência derivado do combate e das disputas relativas ao comércio de drogas, geram dificuldades severas para a garantia do direito de ir e vir das pessoas em situação mais grave de deficiência e/ou transtorno. Nesse quadro, os limites físicos e psíquicos dos indivíduos são agravados pelas restrições de atendimento, acessibilidade e de cuidados especializados.

Em função de uma parceria com o Movimento Down, o Censo Maré levantou a ocorrência da Síndrome de Down de modo particular. Foram identificados 191 domicílios em que há morador com a síndrome. Supondo que cada domicílio abrigue não mais do que um morador com Down, a relação é de um para cada 728 moradores, um número bem próximo da média do país.

Não há disparidade na distribuição de pessoas com deficiência entre os territórios da Maré. O percentual de domicílios em que reside pessoa com deficiência varia de 2,6%, na Vila do João, a 5,1%, na Praia de Ramos e na Nova Maré.

⁵² Este domicílio está localizado no território da Nova Holanda e, nele, residem quatro pessoas com deficiência intelectual — mãe e três filhos. O caso foi informado à equipe de assistentes sociais da Redes da Maré.

TABELA 75 | DOMICÍLIOS EM QUE HÁ MORADOR(ES) COM TRANSTORNO PSÍQUICO, DÉFICIT COGNITIVO OU DEFICIÊNCIA FÍSICA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	1.670	3,5%	45.992	96,3%	95	0,2%
PARQUE UNIÃO	7.600	235	3,1%	7.356	96,8%	10	0,1%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	200	3,9%	4.855	95,8%	12	0,2%
NOVA HOLANDA	4.601	199	4,3%	4.397	95,6%	5	0,1%
PARQUE MARÉ	4.552	166	3,6%	4.379	96,2%	8	0,2%
VILA DO JOÃO	4.453	118	2,6%	4.330	97,3%	5	0,1%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	136	4,1%	3.140	95,5%	11	0,3%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	90	3,1%	2.774	96,8%	3	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	80	3,3%	2.308	96,4%	7	0,3%
MORRO DO TIMBAU	2.359	79	3,4%	2.273	96,4%	7	0,3%
MARCÍLIO DIAS	2.248	61	2,7%	2.185	97,2%	2	0,1%
SALSA E MERENGUE	2.163	64	3,0%	2.094	96,8%	5	0,2%
CONJ. ESPERANÇA	1.870	59	3,1%	1.798	96,1%	14	0,8%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	44	3,3%	1.297	96,6%	1	0,1%
PRAIA DE RAMOS	1.064	55	5,1%	1.008	94,8%	1	0,1%
NOVA MARÉ	944	48	5,1%	892	94,5%	4	0,4%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	943	37	4,0%	906	96,0%	-	-

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde 2013, do IBGE, entre os brasileiros com pouca instrução e residentes em favelas e outras periferias, é mais elevada a proporção de pessoas com deficiência intelectual, física ou auditiva. Cabe destacar, como revela a pesquisa, que mais de 1/3 das pessoas com deficiência intelectual não nasceu nessa condição, mas a adquiriu no decorrer da vida. No caso de pessoas com deficiência física, apenas uma em cada cinco nasceram com a mesma. Portanto, isso evidencia que a melhoria de aspectos como o acesso aos serviços de saúde, as condições de moradia, a segurança pública, entre outros, poderia contribuir para a redução da quantidade de pessoas com comprometimento de domínios funcionais importantes para a vida em sociedade. Neste sentido, o fato de o Censo Maré ter contado e localizado os moradores com algum tipo de deficiência representa uma oferta relevante de informações para o aprimoramento das estratégias de gestão voltadas ao atendimento desse público específico.

TABELA 76 | DOMICÍLIOS EM QUE HÁ MORADOR(ES) COM TRANSTORNO PSÍQUICO, DÉFICIT COGNITIVO OU DEFICIÊNCIA FÍSICA SEGUNDO O TIPO DE DEFICIÊNCIA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	COM SÍNDROME DE DOWN		COM TRANSTORNO PSÍQUICO, EXCETO SÍNDROME DE DOWN		COM DEFICIÊNCIA FÍSICA OU MOTORA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	191	0,4%	702	1,5%	953	2,0%
PARQUE UNIÃO	7.600	34	0,5%	96	1,3%	138	1,8%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	15	0,3%	87	1,7%	124	2,4%
NOVA HOLANDA	4.601	20	0,4%	80	1,7%	118	2,6%
PARQUE MARÉ	4.552	9	0,2%	67	1,5%	109	2,4%
VILA DO JOÃO	4.453	30	0,7%	60	1,3%	46	1,0%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	12	0,4%	58	1,8%	76	2,3%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	6	0,2%	44	1,6%	49	1,7%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	7	0,3%	23	1,0%	53	2,2%
MORRO DO TIMBAU	2.359	11	0,5%	28	1,2%	48	2,0%
MARCÍLIO DIAS	2.248	9	0,4%	27	1,2%	31	1,4%
SALSA E MERENGUE	2.163	3	0,1%	23	1,0%	44	2,0%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	7	0,4%	19	1,0%	35	1,9%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	9	0,7%	18	1,3%	22	1,7%
PRAIA DE RAMOS	1.064	10	0,9%	31	2,9%	19	1,8%
NOVA MARÉ	944	4	0,4%	21	2,2%	25	2,7%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	943	5	0,5%	19	2,1%	16	1,7%



191

moradores possuem
Síndrome de Down

Os fatores que conduzem ao óbito talvez sejam os indicadores mais precisos do grau de qualidade de vida e de civilidade de uma sociedade. Por isso, o Censo Maré indagou se já havia ocorrido o falecimento de algum coabitante do domicílio — isto é, de alguém que residia no domicílio junto com os moradores ora ocupantes — e, para cada óbito, se a causa da morte havia sido natural ou externa.

O óbito por causa natural é aquele cuja causa básica é uma doença ou estado mórbido, inclusive, quando decorrente da velhice. O óbito por causa externa (ou não natural) é aquele que decorre de lesão provocada por violência (homicídio, suicídio, acidente, morte suspeita etc.) qualquer que tenha sido o tempo entre o evento lesivo e a morte propriamente⁵³.

É sabido que existe a possibilidade da causa do óbito ser mal definida ou indeterminada. Todavia, o propósito aqui foi apenas registrar a percepção dos moradores, ainda que leiga, e não pormenorizar a causa da morte. Espera-se, com isso, contribuir para dimensionar a proporção aproximada de famílias que tiveram a perda de um ente em decorrência de um crime contra a vida ou por acidente⁵⁴.

Em 6,4% dos domicílios da Maré, a pessoa entrevistada informou ter havido o óbito de algum morador que coabitava com os respectivos ocupantes. As ocorrências variam de 2,0%, em Salsa e Merengue, a 11,7% dos domicílios, no Conjunto Bento Ribeiro Dantas.

Em 452 domicílios alguém morreu por causa externa (soma dos domicílios em que só houve óbito por causa externa e dos domicílios em que ambas as ocorrências foram declaradas, quando mais de um morador faleceu). Isso corresponde a 0,9% dos domicílios da Maré e a 14,7% dos domicílios com óbito declarado. É um número expressivo de famílias que passaram por essa fatalidade. É sabido que, na Maré, essa estatística tem o incremento das vítimas de confrontos armados.

A proporção de domicílios em que algum morador morreu por causa externa varia de 0,2%, em Roquete Pinto, a 1,9% dos domicílios, no Conjunto Bento Ribeiro Dantas. Além deste, aparecem com percentuais acima da média da Maré (0,9%) os territórios de Nova Holanda (1,8%), Parque Maré (1,6%), Conjunto Pinheiros (1,5%), Vila dos Pinheiros (1,4%) e Praia de Ramos (1,3%).

⁵³ Brasil. Ministério da Saúde. Declaração de óbito: documento necessário e importante / Ministério da Saúde, Conselho Federal de Medicina, Centro Brasileiro de Classificação de Doenças. Brasília: Ministério da Saúde, 2006 (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

⁵⁴ Cabe enfatizar que as causas externas compreendem traumatismos, lesões ou quaisquer agravos à saúde de início súbito e resultantes de causas exógenas como, por exemplo, os atos de violência. Nesse grupo incluem-se as lesões provocadas por homicídios, suicídios, agressões, eventos de transporte, quedas, afogamentos, envenenamentos, queimaduras, lesões por deslizamento ou enchente e outras ocorrências provocadas por circunstâncias ambientais, sejam mecânica, química, térmica, elétrica ou radioativa. Ver: GONSAGA, Ricardo Alessandro Teixeira et.al. *Avaliação da mortalidade por causas externas*. Rev. Col. Bras. Cir., vol. 39, no4. Rio de Janeiro: Jul/Ago 2012).



Em
452
domicílios, alguém morreu
por causa externa

TABELA 77 | DOMICÍLIOS COM ÓBITO DE MORADOR COABITANTE, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	3.074	6,4%	44.459	93,1%	224	0,5%
PARQUE UNIÃO	7.600	306	4,0%	7.247	95,3%	48	0,6%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	327	6,4%	4.703	92,8%	37	0,7%
NOVA HOLANDA	4.601	499	10,8%	4.086	88,8%	16	0,4%
PARQUE MARÉ	4.552	449	9,9%	4.078	89,6%	26	0,6%
VILA DO JOÃO	4.453	170	3,8%	4.268	95,8%	15	0,3%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	254	7,7%	3.019	91,9%	14	0,4%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	106	3,7%	2.748	95,8%	14	0,5%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	145	6,0%	2.243	93,7%	7	0,3%
MORRO DO TIMBAU	2.359	189	8,0%	2.159	91,5%	11	0,5%
MARCÍLIO DIAS	2.248	74	3,3%	2.170	96,5%	4	0,2%
SALSA E MERENGUE	2.163	44	2,0%	2.109	97,5%	10	0,5%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	90	4,8%	1.772	94,7%	8	0,4%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	111	8,3%	1.228	91,5%	3	0,2%
PRAIA DE RAMOS	1.064	122	11,5%	936	87,9%	6	0,6%
NOVA MARÉ	944	80	8,4%	862	91,3%	2	0,2%
CONJ. BENTO R. DANTAS	943	110	11,7%	832	88,1%	2	0,2%

TABELA 78 | DOMICÍLIOS COM ÓBITO DE MORADOR COABITANTE SEGUNDO O GRUPO DA CAUSA DO ÓBITO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	SÓ POR CAUSAS NATURAIS		SÓ POR CAUSAS EXTERNAS		POR AMBAS, NATURAIS E EXTERNAS		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	3.074	2.508	81,6%	322	10,5%	130	4,2%	115	3,7%
PARQUE UNIÃO	306	263	86,0%	25	8,0%	6	2,1%	12	3,8%
VILA DOS PINHEIROS	327	246	75,3%	57	17,5%	13	4,1%	10	3,1%
NOVA HOLANDA	499	396	79,4%	49	9,8%	36	7,2%	17	3,5%
PARQUE MARÉ	449	349	77,7%	48	10,8%	26	5,8%	26	5,8%
VILA DO JOÃO	170	136	80,3%	25	15,0%	7	4,1%	1	0,7%
BAIXA DO SAPATEIRO	254	224	88,1%	17	6,8%	5	2,1%	8	3,0%
PQ. ROQUETE PINTO	106	96	91,0%	5	5,0%	1	1,0%	3	3,0%
PARQUE RUBENS VAZ	145	119	82,4%	15	10,3%	6	4,4%	4	2,9%
MORRO DO TIMBAU	189	164	86,8%	15	8,0%	5	2,9%	4	2,3%
MARCÍLIO DIAS	74	63	85,9%	3	4,2%	3	4,2%	4	5,6%
SALSA E MERENGUE	44	26	60,0%	10	22,9%	3	5,7%	5	11,4%
CONJUNTO ESPERANÇA	90	76	84,4%	7	7,8%	4	3,9%	4	3,9%
CONJUNTO PINHEIROS	111	87	78,0%	14	13,0%	6	5,0%	4	4,0%
PRAIA DE RAMOS	122	107	87,7%	10	7,9%	4	3,5%	1	0,9%
NOVA MARÉ	80	66	82,7%	4	5,3%	2	2,7%	7	9,3%
CONJ. BENTO R. DANTAS	110	89	80,9%	16	14,7%	2	1,5%	3	2,9%

ACESSO A BENS DE COMUNICAÇÃO

O acesso às tecnologias é um ponto central para a comunicação contemporânea. As atividades de trabalho, culturais, de lazer e até mesmo as relações interpessoais encontram-se cada vez mais imersas na comunicação e, é claro, na acessibilidade aos seus meios de difusão e recepção. Neste âmbito, o Censo Maré levantou informações sobre a posse de telefone, computador e internet nos domicílios.

Não faz muito tempo, a posse de telefone domiciliar na Maré ainda era escassa, chegando a representar um padrão econômico distinto do geral. Antes da disseminação do telefone celular, o número de recado, da casa vizinha, constituiu-se como uma realidade prolongada para muitas famílias das classes populares. O Censo Demográfico de 2010, do IBGE, mostrou, por exemplo, que 53,4% dos domicílios situados em favelas no Brasil tinham apenas celular para fazer ligações telefônicas.

O Censo Maré indagou sobre a existência de telefone residencial. Contudo, para corresponder às formas atuais de acesso à telefonia, foi admitido o uso de um dispositivo móvel, desde que baseado na residência, ou seja, não sendo levado à rua por algum dos moradores. Em outras palavras, que seja uma linha de uso doméstico e coletivo, e não pessoal. Por outro lado, há de se considerar que a quase universalização dos celulares termina sendo um inibidor para que mais domicílios usem telefones fixos, que perderam a importância que tinham em um passado recente. Os resultados do Censo Maré mostram que 55,1% dos domicílios possuía telefone residencial no período da pesquisa, o que pode ser visto com otimismo, pois, ao contrário das favelas retratadas na pesquisa de 2010 do IBGE, representa mais da metade dos lares.

Outros itens pesquisados foram o computador e o acesso à internet em casa. O computador estava presente em 42,4% dos domicílios. Trata-se de uma proporção bem abaixo da estimada para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro em 2013 — 62,2% — na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013, do IBGE.

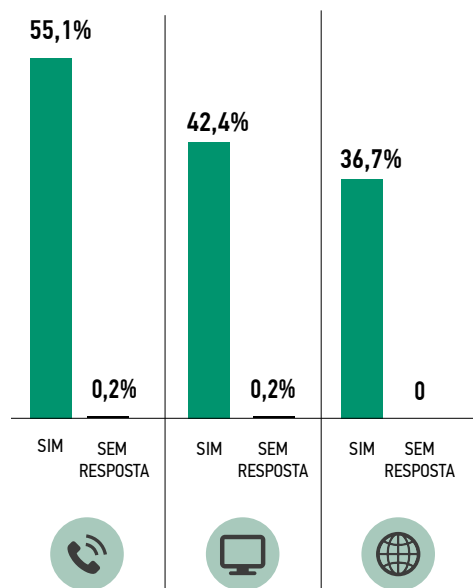
No período da coleta, o acesso à internet alcançava 17.515 domicílios, o que corresponde a 36,7% do total. Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, porém, havia computador com acesso à internet em 56,1% dos domicílios, segundo a PNAD de 2013. Certamente, esse alcance já é maior, considerando que o acesso à internet no país vem crescendo ininterruptamente.

Estamos diante de um fenômeno que sinaliza o ingresso e uma demanda crescente de favelas na cena da comunicação digital no contemporâneo. Este se torna mais evidente quando acrescentamos o acesso à internet via celular, cujo uso já se encontra generalizado entre jovens e adultos moradores de favelas e periferias. De fato, as favelas emergem como um mercado de consumo de bens mais sofisticados, o que contribui para a desconstrução dos estereótipos que as consideram somente como territórios de carências e ausências.



AS FAVELAS EMERGEM COMO UM MERCADO DE CONSUMO DE BENS MAIS SOFISTICADOS, O QUE CONTRIBUI PARA A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS QUE AS CONSIDERAM SOMENTE COMO TERRITÓRIOS DE CARÊNCIAS E AUSÊNCIAS”

EXISTÊNCIA OU USO DE TELEFONE, COMPUTADOR E INTERNET NA MARÉ



O acesso à tecnologia da comunicação poderá ser ainda mais democratizado se os órgãos estatais comprometidos com essa missão conseguirem, de fato, ampliar a oferta dos serviços com qualidade e custos não exorbitantes para os mais pobres, como se promete há longo tempo. Essa incapacidade faz com que o percentual de domicílios da Maré — e de muitos outros territórios periféricos — com acesso à rede esteja abaixo da média regional, ainda que a cidade do Rio de Janeiro seja uma metrópole nacional e a segunda mais populosa do Brasil. Logo, a criação de alternativas de acesso à internet de qualidade com preço acessível para os moradores de menor renda é um imperativo da democracia contemporânea e do compromisso com a dignidade do conjunto da população.

As diferenças entre as comunidades da Maré também se revelam, obviamente, no acesso às tecnologias da comunicação. A posse de telefone residencial, cuja média é de 55,1%, varia mais de 25 pontos percentuais — 69,9% dos domicílios, no Conjunto Esperança, e 44,6%, no Parque União. Na posse de computadores, a diferença também é expressiva: com a média geral de 42,4%, os extremos variam entre 56,2%, no Conjunto Pinheiros, e 36,0%, na Vila dos Pinheiros. Já em relação ao acesso à internet em casa, variam de 44,1% dos domicílios, no Conjunto Esperança, a 29,4%, em Roquete Pinto.

TABELA 79 | DOMICÍLIOS SEGUNDO A EXISTÊNCIA OU USO DE TELEFONE RESIDENCIAL, COMPUTADOR E ACESSO À INTERNET, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	POSSUI TELEFONE RESIDENCIAL?				POSSUI COMPUTADOR?				TEM ACESSO A INTERNET EM CASA?			
		SIM		SEM RESPOSTA		SIM		SEM RESPOSTA		SIM		SEM RESPOSTA	
		DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%
MARÉ	47.758	26.309	55,1%	73	0,2%	20.249	42,4%	74	0,2%	17.515	36,7%	11	0,0%
PARQUE UNIÃO	7.600	3.391	44,6%	5	0,1%	3.318	43,7%	7	0,1%	2.925	38,5%	-	0,0%
VILA DOS PINHEIROS	5.067	2.557	50,5%	12	0,2%	1.824	36,0%	9	0,2%	1.495	29,5%	1	0,0%
NOVA HOLANDA	4.601	2.774	60,3%	7	0,1%	2.071	45,0%	11	0,2%	1.847	40,1%	1	0,0%
PARQUE MARÉ	4.552	2.694	59,2%	8	0,2%	1.876	41,2%	6	0,1%	1.618	35,5%	-	0,0%
VILA DO JOÃO	4.453	2.422	54,4%	6	0,1%	1.717	38,6%	6	0,1%	1.461	32,8%	1	0,0%
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	1.987	60,5%	8	0,2%	1.376	41,9%	8	0,2%	1.253	38,1%	2	0,1%
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	1.523	53,1%	1	0,0%	1.078	37,6%	2	0,1%	842	29,4%	-	0,0%
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	1.308	54,6%	2	0,1%	1.000	41,7%	2	0,1%	883	36,9%	-	0,0%
MORRO DO TIMBAU	2.359	1.455	61,7%	3	0,1%	1.153	48,9%	5	0,2%	1.036	43,9%	-	0,0%
MARCÍLIO DIAS	2.248	1.201	53,4%	6	0,3%	820	36,5%	5	0,2%	755	33,6%	1	0,0%
SALSA E MERENGUE	2.163	1.139	52,7%	3	0,1%	929	42,9%	3	0,1%	824	38,1%	1	0,1%
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	1.307	69,9%	8	0,4%	936	50,0%	6	0,3%	825	44,1%	2	0,1%
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	904	67,3%	2	0,2%	755	56,2%	1	0,1%	566	42,2%	-	0,0%
PRAIA DE RAMOS	1.064	657	61,7%	1	0,1%	468	44,0%	1	0,1%	432	40,6%	-	0,0%
NOVA MARÉ	944	424	44,9%	1	0,1%	404	42,8%	1	0,1%	365	38,7%	1	0,1%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	943	566	60,0%	-	0,0%	524	55,5%	2	0,2%	387	41,1%	-	0,0%

ALCANCE DO JORNAL MARÉ DE NOTÍCIAS

Um dos maiores esforços da Redes da Maré e do Observatório de Favelas em suas trajetórias dedicadas ao desenvolvimento local tem sido o de ampliar o conhecimento dos moradores sobre a própria realidade, por isso, as estratégias de comunicação das instituições são imprescindíveis. Neste sentido, o jornal mensal Maré de Notícias, produzido pela Redes da Maré, se tornou um importante veículo de informações e de reflexão sobre o que acontece no cotidiano das comunidades locais. Para chegar a um grande número de moradores, a Redes da Maré assegura a distribuição gratuita do jornal em uma parcela expressiva dos domicílios e em pontos de circulação, como organizações e equipamentos sociais.

O Censo Maré indagou sobre o hábito de leitura e a cobertura do jornal Maré de Notícias. Vale assinalar que, desde a coleta dos dados, a tendência é que mais moradores tenham conhecido o jornal e, conseqüentemente, haja um número bem maior de leitores.

A Tabela 80 mostra, nas colunas, a quantidade de domicílios cuja pessoa entrevistada declarou receber o jornal e, nas linhas, a existência de leitor no domicílio.

Os dados revelam que em 20.417 há leitores (um ou mais) do jornal Maré de Notícias, quase o mesmo número de domicílios (20.805) em que foi registrada a sua entrega. Esse resultado é expressivo quando se observa que o número de domicílios em que não há leitor é apenas um pouco maior (24.619). Vale assinalar que há chances de a pessoa entrevistada desconhecer que alguém da família leia o jornal fora do domicílio – até porque, em 94,3% das residências sem leitor, o jornal não é entregue ou a pessoa entrevistada não sabe se é.

É curioso observar que 6,4% (1.311) dos domicílios com leitor não recebem o jornal e, por outro lado, há entrega em 5,7% (1.402) dos domicílios sem leitor.

TABELA 80 | DOMICÍLIOS COM MORADOR QUE TENHA O HÁBITO DE LEITURA DO JORNAL MARÉ DE NOTÍCIAS SEGUNDO O SEU RECEBIMENTO DOMICILIAR

ALGUÉM DO DOMICÍLIO LÊ O JORNAL MARÉ DE NOTÍCIAS?	O DOMICÍLIO RECEBE O JORNAL MARÉ DE NOTÍCIAS?									
	TOTAL GERAL		SIM, RECEBE		NÃO SABE SE RECEBE		NÃO RECEBE		SEM RESPOSTA	
	DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%	DOM	%
TOTAL GERAL	47.758	100%	20.805	43,6%	2.306	4,8%	24.617	51,5%	30	0,1%
SIM, ALGUÉM LÊ	20.417	100%	19.106	93,6%	-	-	1.311	6,4%	-	-
NÃO SABE SE ALGUÉM LÊ	2.691	100%	297	11,0%	1.592	59,2%	802	29,8%	-	-
NINGUÉM LÊ	24.619	100%	1.402	5,7%	713	2,9%	22.504	91,4%	-	-
SEM RESPOSTA	30	100%	-	-	-	-	-	-	30	100%

A comunidade que concentra o maior número de leitores é a Nova Maré, com 74,8%, seguida da Praia de Ramos, com 62,5%. Já as menores taxas de leitores encontram-se em Marcílio Dias, com 16,7%, em Roquete Pinto, com 22,5%, e nas duas comunidades mais populosas da Maré, a do Parque União, com 29,7%, e a da Vila dos Pinheiros, com 38,9%.



20.805

domicílios recebem o jornal Maré de Notícias

As taxas de cobertura em cada território — isto é, o percentual de domicílios que recebem o jornal — revelam uma ordem semelhante à que deriva da existência de leitores: as maiores aparecem na Nova Maré (78,3%) e na Praia de Ramos (64,8%) e, as menores, em Marcílio Dias (15,7%), Roquete Pinto (22,2%), Parque União (25,6%) e Vila dos Pinheiros (39,0%).

TABELA 81 | DOMICÍLIOS SEGUNDO O RECEBIMENTO DOMICILIAR DO JORNAL MARÉ DE NOTÍCIAS E A EXISTÊNCIA DE MORADOR QUE TENHA O HÁBITO DE LEITURA DO JORNAL, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL GERAL	SIM, ALGUÉM LÊ		NÃO SABE SE LÊ			NINGUÉM LÊ			SEM RESPOSTA
		SIM, RECEBE	NÃO RECEBE	SIM, RECEBE	NÃO SABE SE RECEBE	NÃO RECEBE	SIM, RECEBE	NÃO SABE SE RECEBE	NÃO RECEBE	
MARÉ	47.758	19.106	1.311	297	1.592	802	1.402	713	22.504	30
PARQUE UNIÃO	7.600	1.748	509	35	240	40	160	116	4.750	2
VILA DOS PINHEIROS	5.067	1.809	164	20	164	115	145	100	2.545	6
NOVA HOLANDA	4.601	2.524	100	53	315	139	212	60	1.196	1
PARQUE MARÉ	4.552	1.883	181	70	194	42	237	81	1.865	1
VILA DO JOÃO	4.453	1.945	58	22	68	12	121	68	2.156	2
BAIXA DO SAPATEIRO	3.287	1.382	88	21	65	12	112	32	1.575	1
PQ. ROQUETE PINTO	2.867	600	44	2	48	78	34	8	2.050	2
PARQUE RUBENS VAZ	2.395	1.165	24	39	196	10	106	33	822	
MORRO DO TIMBAU	2.359	1.042	35	9	58	45	42	21	1.107	1
MARCÍLIO DIAS	2.248	341	34	4	31	200	7	36	1.590	4
SALSA E MERENGUE	2.163	1.275	16	1	30	44	56	20	717	4
CONJUNTO ESPERANÇA	1.870	773	43	9	46	14	41	76	867	1
CONJUNTO PINHEIROS	1.342	713	2	3	16	22	19	20	546	1
PRAIA DE RAMOS	1.064	660	5		27	6	29	9	327	1
NOVA MARÉ	944	703	3	4	87	13	32	25	74	2
CONJ. B. R. DANTAS	943	545	3	3	8	13	49	6	316	

O Censo Maré também indagou sobre a torcida por clubes de futebol. A escolha do tema se justifica por esse esporte ser um importante mecanismo de socialização e estar muito presente na cultura brasileira e carioca. A pergunta foi dirigida aos moradores com 10 ou mais anos de idade, logo, um contingente de 117.425 moradores (84,4% do universo).

Uma surpresa que os resultados trazem é que, na Maré, 34,0% do público consultado não têm preferência por time de futebol. Pesquisas amostrais realizadas por institutos como o IBOPE e o Datafolha nos últimos anos apontam que este grupo no Brasil representa entre 20 e 25% do público pesquisado (os entrevistados são, em geral, maiores de 16 anos e só respondem por si, e não por todos os residentes do domicílio).

Em três comunidades, menos de 60% da população maior de 10 anos foi declarada torcedora: Marcílio Dias (58,2%), Praia de Ramos (59,4%) e Nova Maré (59,5%). Por outro lado, em cinco comunidades, mais de 70% do contingente foi declarado com preferência por algum time: Rubens Vaz (72,2%), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (71,2%), Conjunto Pinheiros (71,1%), Parque Maré (71,0%) e Parque União (70,7%).

TABELA 82 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS QUE TORCEM OU NÃO PARA ALGUM TIME DE FUTEBOL, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL GERAL		SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	
MARÉ	117.425	76.396	65,1%	39.972	34,0%	1.058	0,9%	
PARQUE UNIÃO	17.404	12.312	70,7%	4.956	28,5%	137	0,8%	
VILA DOS PINHEIROS	13.057	8.173	62,6%	4.725	36,2%	158	1,2%	
NOVA HOLANDA	11.451	7.311	63,8%	4.044	35,3%	97	0,8%	
PARQUE MARÉ	11.087	7.875	71,0%	3.100	28,0%	112	1,0%	
VILA DO JOÃO	10.934	6.778	62,0%	4.061	37,1%	96	0,9%	
BAIXA DO SAPATEIRO	8.033	4.900	61,0%	3.081	38,4%	52	0,6%	
PQ. ROQUETE PINTO	6.843	4.265	62,3%	2.521	36,8%	57	0,8%	
MORRO DO TIMBAU	5.766	3.545	61,5%	2.167	37,6%	54	0,9%	
SALSA E MERENGUE	5.683	3.491	61,4%	2.142	37,7%	50	0,9%	
PARQUE RUBENS VAZ	5.429	3.918	72,2%	1.457	26,8%	55	1,0%	
MARCÍLIO DIAS	5.290	3.078	58,2%	2.168	41,0%	44	0,8%	
CONJUNTO ESPERANÇA	4.665	2.995	64,2%	1.624	34,8%	46	1,0%	
CONJUNTO PINHEIROS	3.457	2.457	71,1%	970	28,1%	30	0,9%	
CONJ. B. R. DANTAS	2.961	2.110	71,2%	832	28,1%	19	0,6%	
PRAIA DE RAMOS	2.794	1.658	59,4%	1.109	39,7%	27	1,0%	
NOVA MARÉ	2.570	1.530	59,5%	1.014	39,5%	26	1,0%	

Os homens têm peso maior na adesão à torcida. Enquanto 73,9% dos homens maiores de 10 anos na Maré são torcedores, entre as mulheres, 56,7% torcem por algum time.

Desagregando por idade, constata-se que os torcedores e torcedoras são mais frequentes no público jovem — até os 24 anos de idade compõem mais de 70% do contingente. Já nas coortes acima dos 65 anos, os resultados indicam que menos da metade tem preferência por times de futebol. Porém, é indispensável analisar esse resultado levando em conta a variável sexo. Considerando somente os homens, a concentração inferior a 50% só é vista a partir dos 90 anos. No entanto, entre as mulheres, o percentual já é inferior a 50% a partir da faixa etária de 45 a 49 anos e, daí em diante, em todas as coortes mais velhas.

TABELA 83 | PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS QUE TORCEM OU NÃO PARA ALGUM TIME DE FUTEBOL, POR SEXO E FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	SEXO										
	TOTAL GERAL			MULHERES			HOMENS			SEM RESPOSTA	
	TOTAL	SIM, TORCEM		TOTAL	SIM, TORCEM		TOTAL	SIM, TORCEM		TOTAL	SIM, TORCEM
	HAB	HAB	%	HAB	HAB	%	HAB	HAB	%	HAB	HAB
MARÉ	117.425	76.396	65,1%	60.200	34.132	56,7%	57.009	42.144	73,9%	216	119
10 A 14 ANOS	12.386	8.993	72,6%	6.175	4.210	68,2%	6.197	4.773	77,0%	13	10
15 A 19 ANOS	11.961	8.844	73,9%	6.042	4.199	69,5%	5.911	4.640	78,5%	8	5
20 A 24 ANOS	12.461	8.962	71,9%	6.416	4.226	65,9%	6.034	4.731	78,4%	11	5
25 A 29 ANOS	13.666	9.289	68,0%	6.949	4.113	59,2%	6.709	5.170	77,1%	9	7
30 A 34 ANOS	13.549	8.997	66,4%	6.867	3.947	57,5%	6.674	5.046	75,6%	8	4
35 A 39 ANOS	12.840	8.444	65,8%	6.444	3.845	59,7%	6.390	4.595	71,9%	6	4
40 A 44 ANOS	9.785	6.115	62,5%	4.894	2.568	52,5%	4.887	3.546	72,6%	4	1
45 A 49 ANOS	8.030	4.785	59,6%	4.080	2.038	49,9%	3.947	2.745	69,6%	2	2
50 A 54 ANOS	6.516	3.882	59,6%	3.376	1.633	48,4%	3.136	2.246	71,6%	5	3
55 A 59 ANOS	4.905	2.690	54,8%	2.586	1.080	41,8%	2.319	1.610	69,4%		-
60 A 64 ANOS	3.712	1.904	51,3%	2.046	783	38,3%	1.660	1.118	67,4%	6	3
65 A 69 ANOS	2.564	1.228	47,9%	1.433	509	35,5%	1.131	719	63,6%		-
70 A 74 ANOS	1.781	773	43,4%	1.049	332	31,6%	732	441	60,3%		-
75 A 79 ANOS	1.164	519	44,6%	704	237	33,6%	459	281	61,3%	1	1
80 A 84 ANOS	623	232	37,2%	401	116	29,0%	222	116	52,0%		-
85 A 89 ANOS	316	122	38,7%	217	63	29,1%	99	59	59,6%		-
90 A 94 ANOS	102	23	22,5%	73	11	15,0%	28	12	42,1%		-
95 ANOS OU MAIS	32	4	13,1%	25	3	10,2%	7	2	23,1%		-
SEM RESPOSTA ⁽¹⁾	1.032	588	57,0%	422	220	52,1%	467	293	62,7%	143	75

⁽¹⁾Todas as pessoas "sem resposta" de idade são maiores de 15 anos.



O Flamengo tem uma preferência maior do que todos os outros clubes juntos — 59,5% dos moradores com 10 anos ou mais que torcem por algum time (incluindo os que não têm preferência alguma e aqueles para os quais não houve resposta na pesquisa, os flamenguistas são 38,7%). Cabe ressaltar que, de fato, a identificação dos moradores da Maré com o rubro-negro carioca reforça a percepção difusa de que a torcida do Flamengo é proporcionalmente maior nas favelas e periferias da cidade do que no conjunto do município ou do estado. Os dados gerais sobre as torcidas no Rio de Janeiro podem ser observados nas transcrições abaixo, relativas a pesquisas de 2014 e 2017.

[...] os rubros-negros estão próximos de alcançar a maioria absoluta no estado. Segundo a 5ª pesquisa Lance! IBOPE [de 2014] das maiores torcidas do país, o clube da Gávea tem atualmente 48,2% de preferência entre os fluminenses e fica bem próximo de ter mais da metade dos torcedores no Rio de Janeiro. [...] o Vasco [...] atingiu 14,6% [...] o tricolor carioca obteve 12,9% de preferência entre os torcedores [...] Já o Botafogo [...] ficou com uma participação de 11,4% no estado.

Disponível em <<https://www.lance.com.br/todos-esportes/pesquisa-lance-ibope-flamengo-tem-quase-metade-torcida.html>>

“O Instituto Paraná Pesquisas foi às ruas do Rio de Janeiro entre 6 e 10 de julho [de 2017] para perguntar a 2.020 fluminenses de 43 municípios para qual time de futebol eles torcem. A liderança, nenhuma surpresa, ficou com o Flamengo — 45,1% disseram torcer pelo rubro-negro. E a vice — que dúvida? — com o Vasco (15,9%). Em seguida, aqueles que não simpatizam com time algum (13,6%). Aliás, considerando a margem de erro, de 2 pontos percentuais, os “sem-time” empatam com o Vasco. Só depois aparecem Botafogo (10,7%) e Fluminense (10,1%). O Corinthians tem a quinta maior torcida do estado, com 1,3% das preferências.”

Disponível em <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/torcidas-do-flu-e-botafogo-sao-menores-que-os-cariocas-sem-time.html>>

A segunda maior torcida no estado do Rio de Janeiro também é a segunda mais representada no território estudado: Vasco da Gama, cuja sede e estádio são próximos da Maré (no bairro que leva o nome do clube), com 21,2% do universo dos que torcem. O Botafogo, com 8,8%, ao contrário do que ocorre no conjunto do estado do Rio de Janeiro, fica ligeiramente à frente do Fluminense, que é a opção de 6,8% dos torcedores.

Dos times paulistanos, aparecem o Corinthians (1,1%), o São Paulo (0,7%), o Palmeiras (0,7%), Santos (0,2%) e outros com números residuais.

Interessante sinalizar, apesar da pequena representação percentual, a presença de uma variedade de clubes nordestinos no coração de moradores da Maré: Bahia, Sport, Vitória, Ceará, Santa Cruz, Fortaleza, Treze e outros são paixões que ainda habitam memórias de moradores oriundos do Nordeste do país. Naturalmente, considerando-se o número de nordestinos nas comunidades locais, o percentual poderia ser maior, mas o mesmo reflete a expressão dos clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo na preferência de moradores de todo o país, inclusive entre os próprios residentes no Nordeste.

TABELA 84 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS QUE TORCEM OU NÃO PARA ALGUM CLUBE DE FUTEBOL, POR SEXO E CLUBE

TIME DE PREFERÊNCIA	TOTAL GERAL			SEXO					
				MULHERES		HOMENS		SEM RESPOSTA	
	HAB	% SOBRE O TOTAL GERAL	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES	HAB	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES	HAB	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES	HAB	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES
TOTAL GERAL	117.425	100,0%	-	60.200	-	57.009	-	216	-
TOTAL DE TORCEDORES	76.396	65,1%	100,0%	34.132	100,0%	42.144	100,0%	119	100,0%
FLAMENGO	45.422	38,7%	59,5%	21.515	63,0%	23.832	56,5%	75	62,7%
VASCO	16.175	13,8%	21,2%	7.046	20,6%	9.108	21,6%	21	17,9%
BOTAFOGO	6.708	5,7%	8,8%	2.501	7,3%	4.196	10,0%	12	9,9%
FLUMINENSE	5.205	4,4%	6,8%	2.119	6,2%	3.077	7,3%	9	7,4%
CORINTHIANS	805	0,7%	1,1%	294	0,9%	510	1,2%	1	1,1%
SÃO PAULO	548	0,5%	0,7%	148	0,4%	401	1,0%	-	-
PALMEIRAS	509	0,4%	0,7%	136	0,4%	372	0,9%	1	1,0%
SANTOS	188	0,2%	0,2%	49	0,1%	139	0,3%	-	-
AMÉRICA-RJ	53	0,0%	0,1%	14	0,0%	39	0,1%	-	-
CRUZEIRO	51	0,0%	0,1%	17	0,0%	34	0,1%	-	-
BAHIA	46	0,0%	0,1%	13	0,0%	33	0,1%	-	-
SPORT	39	0,0%	0,1%	11	0,0%	29	0,1%	-	-
GRÊMIO	36	0,0%	0,0%	8	0,0%	27	0,1%	-	-
VITÓRIA	33	0,0%	0,0%	13	0,0%	20	0,0%	-	-
ATLÉTICO-MG	32	0,0%	0,0%	13	0,0%	19	0,0%	-	-
CEARÁ	12	0,0%	0,0%	-	-	12	0,0%	-	-
INTERNACIONAL	11	0,0%	0,0%	1	0,0%	10	0,0%	-	-

TABELA 84 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS QUE TORCEM OU NÃO PARA ALGUM CLUBE DE FUTEBOL, POR SEXO E CLUBE (CONTINUAÇÃO)

TIME DE PREFERÊNCIA	TOTAL GERAL			SEXO					
				MULHERES		HOMENS		SEM RESPOSTA	
	HAB	% SOBRE O TOTAL GERAL	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES	HAB	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES	HAB	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES	HAB	% SOBRE TOTAL DE TORCEDORES
SANTA CRUZ	10	0,0%	0,0%	4	0,0%	6	0,0%	-	-
ATLÉTICO-PR	8	0,0%	0,0%	1	0,0%	7	0,0%	-	-
FORTALEZA	7	0,0%	0,0%	1	0,0%	6	0,0%	-	-
PONTE PRETA	6	0,0%	0,0%	2	0,0%	4	0,0%	-	-
BARCELONA	6	0,0%	0,0%	-	-	6	0,0%	-	-
TREZE	6	0,0%	0,0%	1	0,0%	5	0,0%	-	-
MADUREIRA	5	0,0%	0,0%	-	-	5	0,0%	-	-
SÃO CRISTÓVÃO	5	0,0%	0,0%	-	-	5	0,0%	-	-
BANGU	4	0,0%	0,0%	-	-	4	0,0%	-	-
BONSUCESSO	2	0,0%	0,0%	-	-	2	0,0%	-	-
BOCA JUNIORS	2	0,0%	0,0%	-	-	2	0,0%	-	-
DESPORTIVA FERROVIÁRIA	1	0,0%	0,0%	1	0,0%	-	-	-	-
FLUMINENSE-BA	1	0,0%	0,0%	1	0,0%	-	-	-	-
REMO	1	0,0%	0,0%	1	0,0%	-	-	-	-
AMERICANO	1	0,0%	0,0%	1	0,0%	-	-	-	-
CORITIBA	1	0,0%	0,0%	-	-	1	0,0%	-	-
MANCHESTER UNITED	1	0,0%	0,0%	-	-	1	0,0%	-	-
OLARIA	1	0,0%	0,0%	-	-	1	0,0%	-	-
AMÉRICA-RN	1	0,0%	0,0%	-	-	1	0,0%	-	-
CAMPINENSE	1	0,0%	0,0%	-	-	1	0,0%	-	-
PAULISTA	1	0,0%	0,0%	-	-	1	0,0%	-	-
BRAGANTINO	1	0,0%	0,0%	1	0,0%	-	-	-	-
REAL MADRID	1	0,0%	0,0%	1	0,0%	-	-	-	-
MILAN	1	0,0%	0,0%	1	0,0%	-	-	-	-
SELEÇÃO BRASILEIRA	5	0,0%	0,0%	4	0,0%	1	0,0%	-	-
SELEÇÃO ARGENTINA	1	0,0%	0,0%	-	-	1	0,0%	-	-
SEM RESPOSTA PARA QUAL TIME	442	0,4%	0,6%	214	0,6%	229	0,5%	-	-
SEM INFORMAÇÃO SE É OU NÃO TORCEDOR	1.058	0,9%	1,4%	544	1,6%	509	1,2%	4	3,7%
NÃO É TORCEDOR	39.972	34,0%	52,3%	25.524	74,8%	14.356	34,1%	93	77,4%

Entre aqueles que torcem por algum time (ou seja, excluindo os que não têm preferência alguma e os que não opinaram), o Flamengo tem seu maior percentual no Conjunto Bento Ribeiro Dantas (65,0%) – comunidade com a segunda maior proporção de torcedores – e o menor percentual na Baixa do Sapateiro (54,0%). Com o Vasco ocorre o inverso: a maior concentração está na Baixa do Sapateiro (24,8%) e a menor no Conjunto Bento Ribeiro Dantas (16,5%). A maior concentração de botafoguenses também é na Baixa do Sapateiro (10,5%) e a menor está em Salsa e Merengue (6,4%). Já o Fluminense tem em Salsa e Merengue (9,1%) seu maior reduto, ao passo que as menores concentrações aparecem na Vila dos Pinheiros e na Vila do João (6,0% em ambas). Entender esses resultados implica compreender com mais profundidade as origens e os marcos geracionais dos moradores, além de outros fatores que influenciam a formação das preferências.

TABELA 85 | PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS QUE TORCEM PARA ALGUM CLUBE DE FUTEBOL, SEGUNDO O CLUBE DE PREFERÊNCIA, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL GERAL	TIME DE PREFERÊNCIA								OUTROS TIMES		SEM RESPOSTA	
		FLAMENGO		VASCO		BOTAFOGO		FLUMINENSE		HAB	%	HAB	%
		HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%				
MARÉ	76.396	45.422	59,5%	16.175	21,2%	6.708	8,8%	5.205	6,8%	2.444	3,2%	442	0,6%
PARQUE UNIÃO	12.312	7.086	57,6%	2.633	21,4%	1.037	8,4%	879	7,1%	624	5,1%	53	0,4%
PARQUE MARÉ	8.173	4.986	61,0%	1.665	20,4%	785	9,6%	494	6,0%	195	2,4%	49	0,6%
VILA DOS PINHEIROS	7.875	4.799	60,9%	1.552	19,7%	750	9,5%	505	6,4%	243	3,1%	25	0,3%
NOVA HOLANDA	7.311	4.488	61,4%	1.475	20,2%	668	9,1%	462	6,3%	182	2,5%	36	0,5%
VILA DO JOÃO	6.778	4.249	62,7%	1.259	18,6%	503	7,4%	406	6,0%	314	4,6%	47	0,7%
BAIXA DO SAPATEIRO	4.900	2.647	54,0%	1.217	24,8%	514	10,5%	322	6,6%	136	2,8%	64	1,3%
PARQUE RUBENS VAZ	4.265	2.616	61,3%	903	21,2%	366	8,6%	271	6,4%	89	2,1%	21	0,5%
PQ. ROQUETE PINTO	3.918	2.150	54,9%	939	24,0%	307	7,8%	279	7,1%	225	5,7%	18	0,5%
SALSA E MERENGUE	3.545	2.032	57,3%	826	23,3%	350	9,9%	265	7,5%	50	1,4%	21	0,6%
MORRO DO TIMBAU	3.491	2.043	58,5%	792	22,7%	223	6,4%	316	9,1%	98	2,8%	19	0,6%
CONJUNTO ESPERANÇA	3.078	1.976	64,2%	581	18,9%	249	8,1%	231	7,5%	26	0,8%	16	0,5%
CONJUNTO PINHEIROS	2.995	1.632	54,5%	719	24,0%	259	8,6%	214	7,1%	132	4,4%	39	1,3%
CONJ. B. R. DANTAS	2.457	1.384	56,3%	572	23,3%	248	10,1%	185	7,5%	62	2,5%	5	0,2%
MARCÍLIO DIAS	2.110	1.371	65,0%	348	16,5%	198	9,4%	145	6,9%	40	1,9%	8	0,4%
PRAIA DE RAMOS	1.658	1.046	63,1%	342	20,6%	116	7,0%	121	7,3%	26	1,6%	7	0,4%
NOVA MARÉ	1.530	916	59,9%	352	23,0%	137	9,0%	110	7,2%		0,0%	15	1,0%



2018 REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ

Rua Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda – Maré
Rio de Janeiro – RJ
CEP: 21044-242
TEL: (21) 3105-5531

EQUIPE DO CENSO MARÉ

COORDENAÇÃO GERAL

Eliana Sousa Silva
Dalcio Marinho Gonçalves

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Everton Pereira da Silva
Fábio Douglas Brito Almeida
Felipe da Silva Alves
Jonathan Mark Nunn

COORDENAÇÃO DE CAMPO

Everton Pereira da Silva
Fábio Douglas Brito Almeida

PROCESSAMENTO DE DADOS

Dalcio Marinho Gonçalves
Everton Pereira da Silva
João Carlos Pivatto Lipke
Jonathan Mark Nunn
Rute de Jesus Duarte

CARTOGRAFIA E GEOPROCESSAMENTO

Felipe da Silva Alves

ASSISTENTE DE CARTOGRAFIA

Valdeci dos Santos Souza

GERÊNCIA ADMINISTRATIVA

Cláudia Simone Bezerril
João Arthur Rodrigues da Costa
Pâmela Chagas Feliciano

ARTICULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Shyrlei Rosendo dos Santos

TEXTO DE ANÁLISE

Jailson de Souza e Silva
Dalcio Marinho Gonçalves
Eliana Sousa Silva
Jorge Luiz Barbosa

REVISÃO DE TEXTO

Márcio Sales Saraiva
Rute de Jesus Duarte
Teresa Andrea Florêncio da Cruz

SUPERVISÃO DE CAMPO

Carina dos Santos Cota
Fernando de Oliveira Rodrigues
Gisele Pereira das Graças
João Carlos Pivatto Lipke
João Martins da Silva
Joelma de Souza dos Santos
Lohan Filippo do Nascimento Cavalcante
Queila dos Anjos Nogueira

REVISÃO E CRÍTICA DAS ENTREVISTAS

Amanda Baroni Lopes
Ana Carolina Costa de Oliveira
Ana Carolina Santos do Nascimento
Carina dos Santos Cota
Dayse Santino de Souza Cruz
Deanny Ribeiro de Oliveira
Fernando de Oliveira Rodrigues
Gisele Pereira das Graças
João Carlos Pivatto Lipke
João Martins da Silva
Joelma de Souza dos Santos
Jonathan Mark Nunn
Laís Clemente de Oliveira
Liliane Pereira dos Santos
Lohan Filippo do Nascimento Cavalcante
Lorena de Almeida Magalhães
Natália Spíndola Gil
Priscilla Caldellas Santos
Queila dos Anjos Nogueira
Rute de Jesus Duarte
Sirlane de Lima Tavares
Tainá Neves Ferreira
Viviane Linares da Silva

PESQUISADORES DE CAMPO

Alessandra de Brito Freitas
Alexandre da Silva Santos
Alexandre Santana do Rego
Allan Farias da Silva
Ana Cristina de Araújo
Ana Lúcia Lima de Souza
Andrezza Felipe Ramos
Angélica Paulo da Silva
Berones Bezerra Carneiro da Cunha
Bruna Aparecida Lopes de Oliveira
Carolina da Silva Pereira
Célia Maria Santana de Araújo
Celia Regina Almeida de Oliveira
Claudia Walger
Cleiton da Costa
Cristiane Carvalho de Lima
Daniel Soares Martins
Daniele B. da Silva
Dayana Gomes Sabany
Débora Joia da Silva Souza
Deizy de Oliveira Ribeiro
Diego de A. Guimarães
Diego Farias Bosso
Doralice Soares da Silva
Edilene Rodrigues de Santana Silva
Edileusa Silva do Nascimento
Eliane Francisca da S. Araújo
Eric Cavalcante da Silva
Fabiana Cruz da Fonseca
Georgia da Conceição Reis
Gilson da Silveira Jorge
Givanildo Nascimento da Silva
Hannah Mendonça Pires da Luz
Henrique Rossetto
Ieda Martins Mendes Borba
Ilza da Silva Amarante Crespo
Ionilma Oliveira de Andrade
Isabela Batista dos Santos
Ivone Mauricio da Silva
Jaciera Martins Vieira
Janaina dos S. Gomes
Jean Carlos de Souza dos Santos
Jenifer Aparecida Bacelar Batista
Jéssica Lorrana Gomes dos Santos
Joseni Rodrigues do Nascimento da Costa
Juliana Alfredo de Souza
Juliana Clara de Matos Bronze
Juliana de Oliveira Tempone
Jussier Batista da Silva
Kelly Santos da Silva

R314c Redes da Maré

Censo Populacional da Maré / Redes da Maré. – Rio de Janeiro :
Redes da Maré, 2019.

108 p. : il. ; 21cm.

Inclui índice, bibliografia e anexo.
ISBN: 978-85-61382-08-7

1. Censo. 2. Complexo da Maré – RJ. I. Título.

2019-596

CDD 304.66
CDU 351.778.57

Leandro Silva Leopoldo
Leonardo Veiga Acioly
Letícia Pereira de Souza
Lídia Felix da Silva
Lucas Duarte Farias
Luciane da Conceição Costa
Marcela Velloso da Silva
Maria Aparecida da Silva
Maria de Fátima Ferreira da Cunha
Maria Magdalena Dias Velloso
Mariana Machado Campos
Marina Velloso da Silva
Marlene Emília de Oliveira
Mônica Pereira da Silva
Monique Castro de Paulo
Nádia Souza de Araújo
Natane da Silva Santos
Nazaré Santos de Oliveira
Nilma Mendes do Nascimento
Osmarina da Silva Pereira Cés
Pâmela Patrícia Genuíno de Oliveira
Raquel Valério da Costa Borges
Rayane Borges
Regina Vital Baroni
Renata Assunção Miranda
Renata dos Santos Santana
Renata Guilherme dos Santos
Rodrigo Machado de Lima
Rosan Tavares Santos
Rosane da S. Soares
Rozinete Firmo de Oliveira
Sergio do Ramo de Lima
Sirlene Corrêa da Silva
Sônia Regina Silva Correia
Tamara Cristina Moura de Souza
Tania Regina da Silva Affonso
Tatiana Maria de Araújo
Telma Conceição Silva Olímpio
Tereza Cristina da Silva Chasco
Victor Hugo Almeida Noronha
Viviane Pereira Monteiro
Wania Duarte de Carvalho

DIGITAÇÃO

Ana Cláudia Cardoso Cabral
Edson Luiz de Meira Patrício
Emanuel Carlos Silva de Oliveira
Heloísa Sales dos Santos Figueiredo
Iury de Carvalho Lobo
Iza Hellen Soares da Silva
Paola Jansen da Fonseca
Rayane de Souza Martins
Rayene Jorge do Rosário
Romulo Luiz Silva Cavalcante da Costa
Sergio do Ramo de Lima
Thiago Silva de Lima

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mórla Oficina de Ideias

FOTOS

Douglas Lopes
Elisângela Leite

REALIZAÇÃO

redes^{da}maré

PARCEIRO ESTRATÉGICO

 OBSERVATÓRIO
DE FAVELAS

APOIO

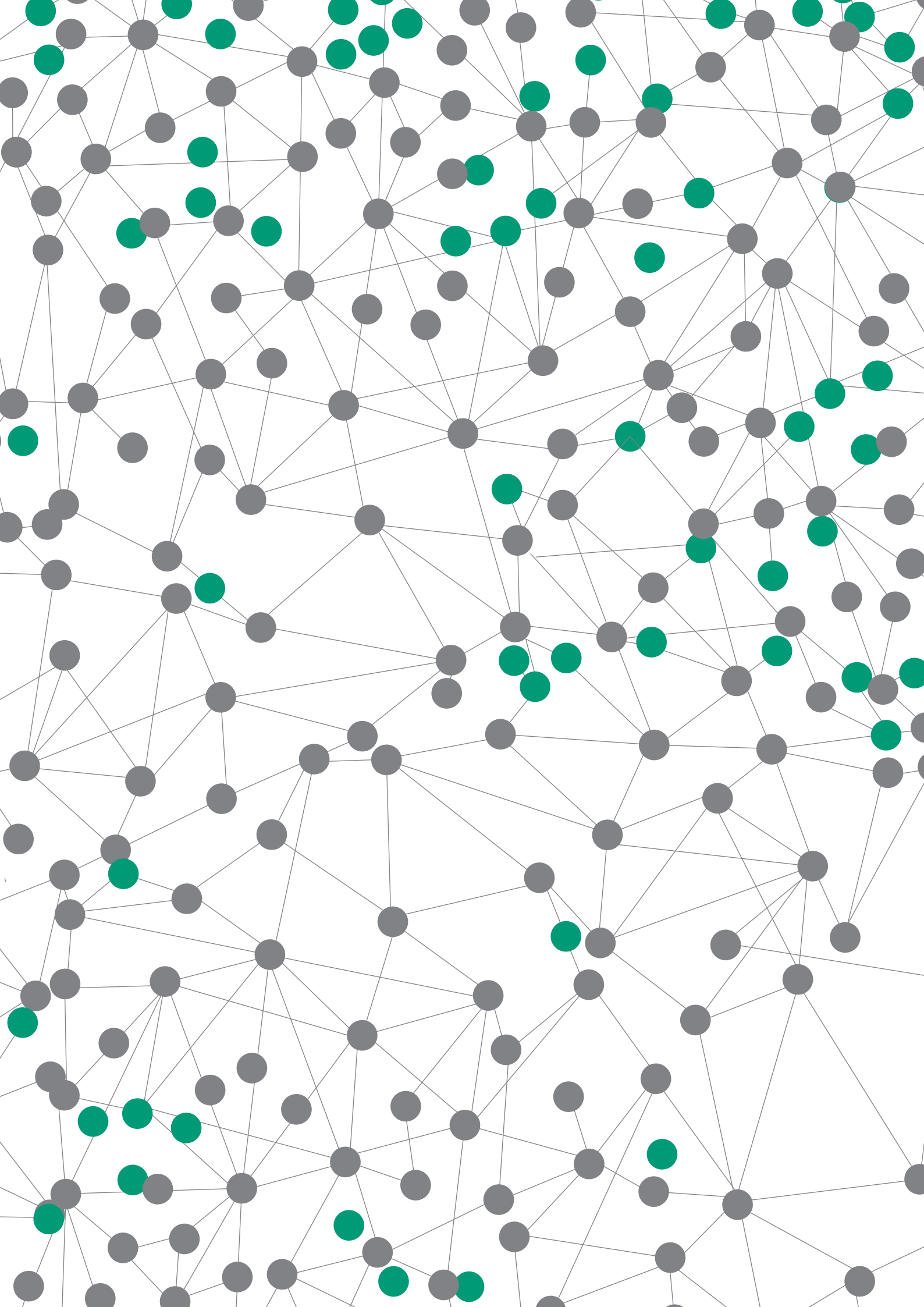
 BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA

act:onaid

PARCERIAS

Associação de Moradores da Roquete Pinto
Associação de Moradores de Bento Ribeiro Dantas
Associação de Moradores do Centro de Habitação
Provisório de Ramos
Associação de Moradores do Morro do Timbau
Associação de Moradores do Parque Ecológico
Vila do Pinheiro
Associação de Moradores do Parque Maré
Associação de Moradores e Amigos da Vila do João
Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Esperança
Associação de Moradores e Amigos
do Conjunto Vila dos Pinheiros
Associação de Moradores Nova Maré
Associação de Moradores Pró-Melhoramento
do Parque União
Associação Pró Desenvolvimento da Comunidade
de Nova Holanda
Associação Pró Melhoramento do Parque Rubens Vaz
Centro Comunitário Conjunto Marcílio Dias
Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros
União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário
da Baixa de Sapateiro

re^{da}smaré



REDESDAMARE.ORG.BR/PUBLICACOES/CENSOPOPULACIONALDAMARE

APOIO:



act:onaid

REALIZAÇÃO:

re^{da}esm^{gré}